

**Pinochet
regressa
aos "métodos"**

**de 73
Rugas
nos bairros
populares
de Santiago
conduzem
a milhares
de detenções
em estádios**

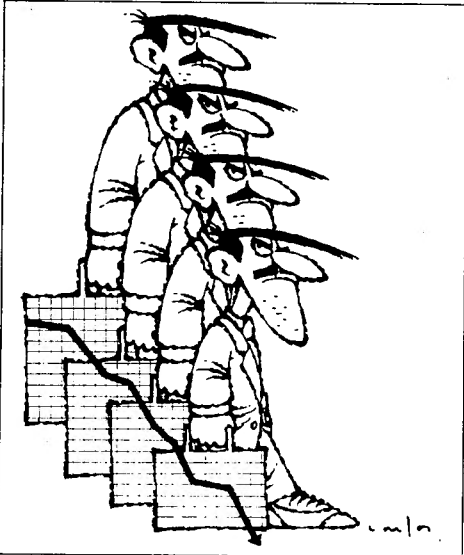
**Genebra
a 24 horas
de reinício
das
conversações**

**"Washington
não aspira
a um acordo"
— acusam
comentadores
soviéticos**

Págs. centrais

**Enquanto a nova A.R. não puder aprovar
legislação mais rigorosa**

Multas até 3 mil contos para delitos anti-económicos



Marginal do sistema económico legal viram os seus lucros baixarem

Os mixordeiros e falsificadores que abundam por esse País fora vão ter a vida mais complicada. A impunidade com que habitualmente investem contra a saúde pública e a economia do País vai sofrer um revés. Não será certamente a cura do mal, mas será já uma iniciativa com «potencialidades terapêuticas».

Enquanto a Assembleia da República não debater e aprovar legislação mais rigorosa e de âmbito penal, contra o exercício irregular de actividades económicas, os infractores terão que se debater com as pesadas multas hoje determinadas pelo «Diário da República».

Assim, e com o objectivo de «apaziguar inquietações na opinião pública» e de «garantir a necessária disciplina no domínio das actividades económicas mal-sãs», o Decreto-Lei n.º 191/83 prevê a aplicação de multas até

nove mil contos. Trata-se, com efeito, de um diploma que discrimina um vasto conjunto de infracções ligadas à falsificação da genuinidade, qualidade e composição de bens alimentares, assim como ao envio de bens não encomendados e a actos relacionados com a especulação nos preços.

As multas indicadas para cada situação vão dos cinco contos aos três mil contos, podendo porém esse montante ser triplicado, em caso de haver dolo e a responsabilidade ser imputável a pessoas colectivas ou equiparadas. Uma das grandes inovações do diploma em causa reside exactamente na consagração da responsabilidade das pessoas colectivas, sem prejuízo da responsabilidade individual dos agentes das infracções.

Pág. 14

**"Uma realidade nova
no panorama português"**

Grupo dos 199 transforma-se em Movimento

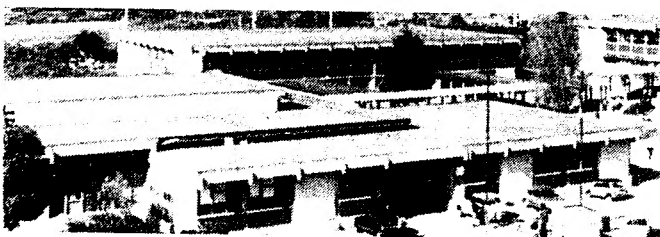
Aprovação da sigla MAD, criação de uma coordenadora nacional (Henrique de Barros, Lurdes Pintasilgo, Teresa Santa Clara Gomes, Luís Moita e Fonseca Ferreira são alguns dos seus trinta membros) e um documento final que privilegia a «intervenção social transformadora» e considera «questão central» a adopção de «opções de conjuntura para preservar a Constituição da República e os valores de Abril», são os pontos salientes do «Movimento para o Aprofundamento da Democracia» criado no fim-de-semana pelo denominado «Grupo dos 199».

Pág. 4

**Sete
Ponto
Sete**

**Hoje
há**

Construção escolar: parece haver quem viva de crises



Há escolas que ameaçam encerrar devido a degradação. As novas, integradas nos chamados «planos especiais», abrem sem instalações eléctricas, sem cantinas, sem arruamentos, muitas vezes já com falta de espaço.

Tudo em nome da crise que o País atravessa. Mas parece que

há quem viva de crises. E talvez um dia se possa inventariar os interesses que aqui e ali se esboçam por detrás das construções escolares, dependentes do Ministério das Obras Públicas.

Várias pontas do véu se vão levantando. Caso bem elucidativo é o do engenheiro fiscal das

Construções Escolares do Centro, ao qual foi instaurado um processo disciplinar por não ter subscrito os autos de medição da famosa escola de Nelas, que fiscalizara e considerara exagerada.

Pág. 10

DESPORTO



Rio Ave: canoas desafiaram mau tempo

Estava prevista uma rija competição de canoagem, com descida do rio Ave, presença de cento e tal tripulações e luta animada com a própria selecção espanhola: afinal, o mau tempo impediu a oficialização da prova, o que não fez desanimar os mais entusiastas que (afinal) estiveram como peixes na água.

**Algarve ao ataque
no Futebol**

**Portimonense
empata no Estoril**

**Farense
entra na 1.ª Divisão**

**Esperança de Lagos
sobe à 2.ª**

**Olhanense espreita
Torneio de Competência**

**Atletismo em Alvalade:
entre a ilusão
e a desilusão**

Pág. 16, 17 e 18



Mário Murteira

Os resultados das últimas eleições, mais ou menos esperados, colocam o problema da viabilidade duma nova política económica em Portugal, dadas as características estruturais (por assim dizer) do actual leque partidário.

Com efeito, ao contrário do que sucedeu ultimamente na Espanha, França e Grécia, não pode falar-se entre nós de vitória nítida dum partido socialista animado duma vontade política precisa, capaz de mobilizar no eleitorado uma ampla base de apoio e de conquistar maioria parlamentar absoluta. Por muito desagradável que nos seja reconhecê-lo, a verdade é que os dois partidos que constituíram a AD teriam mantido a maioria (ainda que relativa) se por razões conhecidas, eles próprios não tivessem desmanchado o casamento. A AD derrotou-se a si própria, e o PS beneficiou do demérito alheio, mais do que da afirmação renovada de uma alternativa. Aliás, como acreditar em alternativa de política económica (além do mais), se o principal partido responsável pela crise económica — segundo o PS — parece destinado a ser o prin-

cipal aliado escolhido pelo próprio PS para enfrentar tal crise?

É neste sentido que falámos de características **estruturais** do sistema partidário português, impeditivos de verdadeiras alternativas de poder e de política em lugar de simples alternâncias — do estilo, **ora jogas tu, ora jogo eu**, para fazer no fundo o mesmo jogo. E que está em jogo afinal, no domínio da política económica?

No essencial, está em causa afirmar uma capacidade nacional de enfrentar a crise económica com um projecto de curto prazo que faça sentido a médio e longo prazos.

Explicando melhor. Há, afinal, duas maneiras apenas de conduzir um barco: uma é deixá-lo seguir a corrente, à deriva; outra, é encontrar um timoneiro para uma rota e pô-lo ao leme, firme contra ventos e marés. O problema número um da economia portuguesa desde a queda da ditadura é que não tem tido rota definida (nem plano, nem estratégia) e quanto a timoneiro, bom, parece que nos últimos anos só Vítor Constâncio e Cavaco e Silva (cada um à sua maneira,

claro) tiveram pretensões a isso, de qualquer forma, navegando à vista, e no primeiro caso com velas enfundadas pelos ventos do FMI.

Dizíamos, pois, projecto de curto prazo que faça sentido a mais longo prazo. Ou seja, projecto de estabilização ou equilíbrio (acção de equilibrar) da economia a curto prazo, favorecendo — em lugar de contrariar — objectivos de mudança ou adaptação estrutural a prazo mais distante.

Claro que fácil é dizê-lo, e difícil praticá-lo. E tanto mais difícil, quanto mais se forem agravando as condições actuais. Este agravamento é preocupante, em particular, nos aspectos do endividamento externo, da inflação e do desemprego. Praticamente são as piores doenças de que pode sofrer uma economia, acumuladas num só paciente. Que naturalmente se torna cada vez mais impaciente com o sistema político que, a seus olhos, se não criou a doença, pelo menos se mostra incapaz de tratá-la.

Justifica-se então a questão de saber se a democracia parlamentar, nos termos em que tem funcionado entre nós, não

Crónica de economia política

Nova Assembleia, velha política económica?

será estruturalmente impotente face a uma crise económica com as proporções que conhecemos. Para alguns, esta questão não deveria ser sequer formulada, por perturbadora das consciências já perturbadas. Para nós, nunca é boa política ignorar o óbvio. Se este não nos entra na cabeça por via das ideias, mais tarde ou mais cedo, ameaças a cabeça por via das armas. Marcelo Caetano é um exemplo disso. **A contrario sensu.**

A democracia pode funcionar — e melhor do que qualquer outro sistema — em condições graves de emergência nacional desde que a direcção política exerça convincentemente o poder em termos de objectivos claramente identificados pela maioria da opinião pública com o interesse nacional. A questão que se pode pois levantar em Portugal, na presente conjuntura política e económica, é a de encontrar o arranjo do poder — entre as diferentes forças políticas nacionais — que melhor poderia satisfazer aquela condição essencial, (De passagem, note-se como é bizarro que o partido vencedor das eleições vá interrogar, pelo correio, os

seus militantes sobre tão fundamental escolha — como se nunca tivesse pensado nisso!). mas talvez que ainda seja anterior a essa, a questão verdadeiramente decisiva: a da qualidade, credibilidade e consistência das personalidades e dos partidos que pretendem liderar o processo de governação e de conquista da necessária e ampla base de apoio a essa governação. Parece evidente que o empenhamento pessoal do Presidente da República seria indispensável para tanto. Mas como articular tão particular empenhamento com a desesperada e desesperante luta pela sobrevivência política de pessoas que se identificam com partidos e de partidos que se identificam com essas pessoas?

Alguns políticos profissionais argumentam face a estas delicadas interrogações que, no fundo, não há grandes alternativas de política económica. Ou seja, invertem o problema: Há alternativas políticas, mas não há verdadeiramente alternativas económicas, tão estreita é a margem de manobra que nos resta (a Portugal).

De certo modo, cada um vê o mundo à medida dos seus

olhos e, em certos casos, não há óculos que valham às vistas curtas. Em todo o caso a conferência recentemente realizada em Lisboa, no Instituto Superior de Economia, sobre a situação e perspectivas de transformação da economia portuguesa, confirmou que não há maior cego do que aquele que não quer ver. Em muitas das mais de 100 comunicações apresentadas e em intervenções de alguns entre várias centenas de interessados participantes, mostrou-se em vários aspectos da problemática nacional que **as ideias económicas dominantes em Portugal** — em particular, ao nível da chamada classe política que paira na área do poder — **são ainda mais pobres do que os portugueses.**

Bastaria talvez um projecto político convincente que buscasse novos temas e objectivos fora da visão económica dominante — do PS ao PSD e CDS ou vice-versa — e colhesse fundamentos ideológicos inovadores como alguns manifestados na Conferência, para que a democracia em Portugal encontrasse mais competentes e estimulantes defensores.

Um concurso para a terceira idade

Silva Soares

A Associação dos Amigos da Ludoteca de Évora, além de emprestar brinquedos às crianças, tem como objectivo estudar o brinquedo na sua função pedagógica, origem e evolução histórica e pretende mesmo vir a formar um museu do brinquedo.

Como complemento das suas funções, resolveu a Associação dos Amigos da Ludoteca, com o apoio da Câmara Municipal, abrir um concurso sob o título: **Faça o Brinquedo da sua Infância.**

Este concurso é dirigido a todas as pessoas (sem limite de idade nem distinção de sexo)

que tenham atingido os 60 anos, residam no distrito e que queiram colaborar com a Ludoteca, executando por suas mãos um ou mais brinquedos semelhantes àqueles com que brincaram na sua infância.

Na execução destes brinquedos poderá ser utilizado qualquer material: madeira, folha, arame, cortiça, trapo, barro, cana, etc.

Aos primeiros classificados serão concedidos pequenos prémios que vão de mil a 5000 escudos e serão ainda sorteados 25 bilhetes para uma excursão.

Julgamos ser esta a primeira vez que se promove um concurso expressamente dirigido às pessoas chamadas da terceira idade, pois raramente se recorre à sua experiência e aos seus conhecimentos que, por certo, poderiam vir em auxílio da nossa própria experiência.

Longe vai o tempo em que o ancião era considerado e ouvido como o sábio da tribo ou do clã. Hoje, no acanhado apartamento da família nuclear, não há mais espaço nem tempo para escutar quem quer que seja.

Ao promover o concurso «Faça o Brinquedo da sua Infância», pretendeu a Ludoteca interessar aqueles que geralmente se consideram marginalizados no «ghetto» da sua velhice, levando-os a uma acção interveniente em prol das gerações mais novas.

Apelando para este auxílio poderá a Ludoteca recuperar alguns dos brinquedos simples e artesanais que a era do plástico destronou.

Qual será o eco desta iniciativa? Para já, a ideia conta com a colaboração e entusiasmo de todos os agentes sociais que contactam com a terceira idade.

Resta acrescentar que os exemplares premiados serão reservados para o futuro museu.

Assim se procura extrair do efémero algo que perdure através da mutação constante do tempo em que vivemos.

José Garibaldi

Na sua visita a Madrid, Mário Soares — que teima em reservar para os jornalistas estrangeiros alguns dos seus mais fecundos pensamentos — afirmou que um Governo PS/PSD constituiria a maior das maiorias que jamais governou no Portugal democrático.

Vivemos, com efeito, sob o signo do número e das suas virtudes intrínsecas, e o dirigente socialista não podia resistir a esta moda.

Os portugueses acabavam de ser massacrados com os mais audaciosos raciocínios aritméticos, ora sob a forma de «sondagens» destinadas a condicionar a intenção de voto, ora pelo recurso às mais arbitrárias comparações com números e percentagens de eleições anteriores — como se as condições políticas e sociais que constituíram o pano de fundo de cada consulta eleitoral se tivessem caracterizado pela sua consistência.

Se o que desejamos é a desmistificação da complexidade da função governativa e das capacidades da chamada «classe política», ela aí está. A formação de um governo tornou-se uma questão acessível a quem tenha rudimentos de aritmética. A partir de agora, bastará somar os deputados eleitos pelas diferentes forças partidárias e apurar a maioria mais significativa.

PARA plano secundário e marginal passam os conteúdos programáticos, passa a realidade jurídico-constitucional, económica, social e cultural do País, passa o próprio conhecimento, que há, sobre o que tem sido a prática política de cada partido.

O bom senso manda, porém, que nos interroguemos sobre o significado desta primazia do número, e tentemos indagar o que ela esconde.

Antes de mais, há uma per-

gunta que se impõe: a maior maioria possível nesta Assembleia da República será a melhor das maiorias que a actual composição do nosso parlamento possibilita, tendo em vista o interesse nacional?

A questão não é despicienda, e pode colocar-se de diferentes maneiras. Por exemplo: a qualidade do Governo e a adequação do seu programa às necessidades do País estarão directamente ligadas ao somatório dos deputados que o apoiam? Ou ainda: a capacidade para resolver os problemas nacionais, exigível ao próximo Governo, estará mais dependente do valor numérico da coligação que o suporta, do que da sua coesão interna e do conteúdo do seu programa?

REPORTANDO-NOS a um passado recente, poderíamos formular a mesma pergunta nos seguintes termos: haveria menos coesão na aliança PSD/CDS/PPM do que na actual coligação PS/PSD, porque a AD tinha menos deputados? Ou, também: a actual maioria será mais estável do que a anterior, apenas porque é maior?

Com efeito, a AD apresentou ao eleitorado português um projecto que tinha uma determinada coerência interna e que, apesar da sua desadequação às necessidades reais do País, era algo mais do que a simples sobreposição das teses programáticas dos partidos que a constituíam.

Para alcançar os seus objectivos — a ruptura com a democracia — a AD carecia ainda daquilo a que Sá Carneiro, efemísticamente, chamou «uma maioria, um governo, um Presidente da República» e que, em linguagem simples, significava o monopólio do poder político, para assegurar o poder económico dos monopólios.

Esta conspiração contra Abril

fracassou há mais de dois anos, precisamente nas últimas eleições presidenciais. A partir dessa data, a AD deixou de dispor de uma base social de apoio correspondente ao número de deputados eleitos, e não tinha em Belém a convivência esperada. Desde então, vivemos a convulsa agonia da AD, na expectativa e na luta pela criação de condições que possibilitassem novas eleições gerais que a afastassem do poder.

O PS não pode ser responsabilizado pela antecipação dessas eleições. Pelo contrário. Bloqueado, à esquerda, pela sua sistemática recusa em estabelecer acordos, ou mesmo contactos com o PCP, ao PS não restava outra hipótese senão aguardar a desagregação da AD, para melhor escolher, dentro dela, o seu futuro parceiro de coligação. E, segundo parece, recorreu à aritmética, escolhendo o que tem mais deputados.

O PS tinha partido para estas eleições, apoiado em sérios estudos sobre as raízes da «crise» nacional, denunciando claramente as responsabilidades da AD, isto é, daquela coligação de três partidos que governou o País e que foi hegemonizada pelo PSD. Além disso, definiu as 100 medidas necessárias para os primeiros 100 dias de Governo, que continham um programa mínimo amplamente distribuído e motivador do voto do eleitorado. Este programa — cujo valor para o País estava afinal dependente da percentagem final obtida pelo PS — foi sacrificado no altar da aritmética, em benefício da maior maioria possível e dos acordos programáticos que ela venha a proporcionar.

POR outras palavras, o PS trocou o seu próprio pro-

grama pela conjugação de duas propostas de sentido contrário: a sua proposta crítica em relação à governação anterior, somada à proposta derrotada do principal criticado. Com isto, o PS cedia também, nas responsabilidades ministeriais, o lugar dos seus quadros de proclamada competência em favor dos ministeriais do PSD, que as eleições tinham afastado do poder pela sua responsabilidade no descalabro a que conduziram o País, pela sua incompetência, e pela sua corrupção.

O País prepara-se, portanto, para sair de uma maioria politicamente derrotada e entrar numa maioria politicamente inviável. E, porque a nova maioria pouco mais pode prometer do que o narcisismo aritmético da sua adição, Mário Soares, vai desde já avisando que novas eleições antecipadas não seriam suportáveis para a verda da nosso viver democrático, na peugada de todos os homens providenciais que têm anunciado o caos como alternativa à sua governação.

Tudo seria simples, se a solução dos problemas nacionais residisse na tabuada. No entanto, há realidades económicas e sociais a que esta aritmética é alheia, porque delas emanam exigências que só podem ser satisfeitas na base de uma política diferente, assente noutros postulados.

O desaproveitamento dos recursos materiais e humanos, o bloqueio das novas formações económicas, o aumento do desemprego e da taxa de inflação, a falta de casas de renda acessível e de oportunidade para os jovens, o crescente endividamento e dependência externa, não serão ultrapassados apenas pelo facto de esta maioria ser maior do que a outra. E a não existência de vontade política em resolver estas questões, não pode ser camuflada pelo recurso aos números.

TEM MEDO DE ANDAR DE AVIÃO?

LEIA

COMO VIAJAR DE AVIÃO SEM TER MEDO

AFRA BOTTERI
CECILE GATTEFFTODAS AS TÉCNICAS E TRUQUES
PARA DOMINAR A ANSIEDADE

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

política de A a Z

Liberdade para António Sérgio

1 — Na comemoração centenária

TEM hoje início uma «Quinzena Sergiana». Neste fim-de-semana, citou-se António Sérgio a propósito da concepção da «Liga Cívica», distinguindo-a, como lugar de encontro dos cidadãos e forma de organização da militância cívica, dos «partidos políticos». Alguns artigos, alguns depoimentos, têm evocado a circunstância de, neste ano de 1983, ocorrer o centenário do nascimento de António Sérgio. Escritor, ensaísta, pensador filosófico e pensador político, que foi, em Portugal, um exemplo de resistente à tirania fascista e ao obscurantismo cultural, combatendo ambos, intertemperadamente, ambos no seu apostolado cívico: o reacção político e o reacção cultural.

Foi mestre de intervenção cívica nos anos mais escuros e desesperançados e foi mestre da prática da crítica, de antidogmatismo, de anti-sectarismo. Homem livre. Professor de liberdade. Mesmo no tempo da escravidão — como disse um poeta — há sempre quem resista, quem diga não, alguém que, resistindo à opressão, é livre, que a contestando, é livre.

António Sérgio teve que pagar essa liberdade interior, de pensamento, de crítica, de afirmação moral. A intervenção cívica pagou-a com perseguições, prisões, exílios. Não foi fácil a sua vida. Numa página escrita em 1949, deixou-nos estas amargas palavras: «Ah, que vastidões de amargor, que solidões tão sombrias! E, depois, por aí fora, quantos os embates com a estolidez dos retóricos! Quantos com os charlatães, com os petulantistas —, quantos! E com a incompreensão dos facciosos, e com a dura estreiteza dos dogmáticos! E, ademais —, essa cega hostilidade dos que, sem nunca nos ler, nos detestam, vindo em nós uns fantasmas das suas imaginações de impulsivos, das suas superstições de simplistas!»

Lamenta-se o escritor da «cega hostilidade» de os que o não tinham lido e, sem o ler, o detestavam. Sofria a contestação da sua obra, fruto de não-leitura ou de apressada leitura. Adivinhava a sorte à sua obra reservada. Desdenha-se o «mito cultural». O «mito político» é apropriado. Sérgio não é lido. É preciso libertar António Sérgio. É preciso ler António Sérgio.

2 — Da Filosofia para a Política, da Política para a Filosofia

NUM artigo recente, Cornélius Costoradiis escrevia: «A política, como actividade colectiva visando, explicitamente, a mudança das instituições; a filosofia, como interrogação ilimitada; e, principalmente, a sua fecundação e a sua solidariedade recíprocas emergem aqui (na Grécia, na Europa). Aqui nasce, também, o projecto de autonomia individual e colectiva, apoiado pelas lutas dos povos pela democracia, cujo conteúdo acabou por abranger todos os aspectos da instituição da sociedade».

Em Sérgio, a política (pensamento político a motivar uma prática) e a filosofia (o pensamento filosófico a exercer-se pela interrogação crítica, socraticamente) inspiram a atitude cívica que visa um «projecto de autonomia individual e colectiva», que confere à democracia o duplo carácter de «organização político-social» e de «via» para a sociedade mais justa e mais fraterna.

A democracia não é um estado de organização político-social fixo, acabado, definitivo, não é uma situação. É um itinerário que os cidadãos terão que percorrer.

No prefácio da 2.ª edição, do Tomo I dos *Ensaio*s, Sérgio escreveu: «Como tanta vez declarei, a democracia é uma marcha para um determinado ideal, e a longa do avanço no sentido deste, em cada uma das fases do evoluir de um povo, depende das circunstâncias e do favor dos tempos, do aproveitamento de ensejos. Sem esquecer o objectivo de transformar o económico e de substituir na produção o motivo do lucro pelo intuito da satisfação das necessidades de todos, e tendo sempre no horizonte essa visão longínqua, deverá, pois, o político (exceptuadas, todavia, aquelas crises mais sérias, em que quadram bem a ousadia, o radicalismo, a pressa, ou seja, o «voar como falcão») remeter-se à prudência de um proceder «de coruja», de um avançar com cautela, por política experimental, gradualista, objectiva, segundo o método por tentativas que, em certo opúsculo, indiquei».

Referia-se ao opúsculo *Democracia*, primeiramente publicado nos «Cadernos da Seara Nova» e, depois, integrado, nas «Obras Completas», num volume que, com o título «Democracia», nos oferece outros textos de natureza política: os «Diálogos de Doutrina Democrática», a «Alocação aos Socialistas», as «Cartas do Terceiro Homem».

Construção «gradual», «experimental», na qual alternariam os procedimentos «de coruja» e o «voar como falcão», mas «sem esquecer o objectivo de transformar o económico», sem perder de vista a necessidade «de substituir, na produção, o motivo do lucro, pelo intuito da satisfação das necessidades de todos». A democracia, para António Sérgio, é anticapitalista, é uma luta ininterrupta pela «satisfação das necessidades de todos».

Filosoficamente, idealista. Mas, em política, era realista.

3 — Na crise actual a actualidade de Sérgio

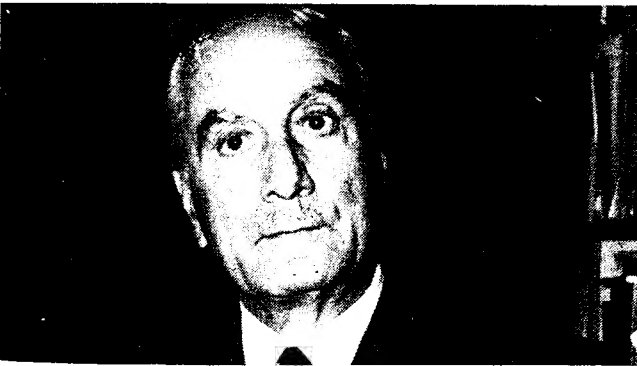
FOI António Sérgio um crítico severo da vida política e dos políticos da Primeira República. Não aceitou a facilidade republicana, a «alma, a vassoura e a carroça» de Junqueiro, e a transformação do País não a resumia a uma mera mudança do nome das instituições, apresentava-se-lhe como «económico-social e educativa». Nos anos vinte escreveu: «Precisamos, em resumo, de todas as vantagens do capitalismo moderno (com a consequência inevitável, do democrático social a que ele impulsiona) submetidas, porém, a uma organização planeada para o bem comum, o que exige reformas sociais-económicas de técnica subtil e complicada, acompanhadas a meu ver, de um novo sistema de pedagogia...»

E a sua desinteligência com os políticos da Primeira República, atitude de oposição crítica de que a revista «Seara Nova» nos dá claro testemunho, ele próprio a esclareceu: «Mas o que julguei observar na nossa grei jacobina é que não tinha consciência desse imperativo económico, dessa busca da democracia no «viver positivo dos homens» (à excepção de um ou dois, de que se não

fez caso algum), e que encarava a república como uma finalidade em si, como qualquer coisa de estático, de só formal, só político propendendo a ficar-se na modificação dos nomes e inconsciente de que o que via como fim da política só poderia justificar-se como simples meio ou instrumento, para uma gradual aproximação desse genuíno objectivo: o objectivo da igualdade e da justiça económicas, o da final extinção das distinções de classe que se estribam na maneira como se auferem réditos.»

Se nos fixarmos no momento presente, observando, é a **inconsciência** «desse imperativo económico», é o abandono «dessa busca da democracia no **viver positivo dos homens**», que explica, sem justificar, que se procure hoje, no Portugal democrático que inscreveu na Constituição a meta da sociedade sem classes, uma «solução política» contra o «programa político, económico e social» do partido a quem cabe a iniciativa de formação de um novo Governo. É o erro que Sérgio denunciou há dezenas de anos, o erro de encarar o regime político «como uma finalidade em si, como qualquer coisa de estático, de só formal, de só político».

Não vale a pena, seja qual for a dimensão da alma e da ambição, reduzir a política, quando se nos exige o saber e o querer vencer a crise, a **combinações só políticas**. Meditemos a lição de Sérgio. Meditemos a experiência da Primeira República.



4 — Política de mudança e mudança de política

OS que preconizavam uma mudança «revolucionária em palavras, conservadora em actos», submeteu-os António Sérgio a uma crítica mordente e com eles foi implacável um outro «seareiri», o combativo polemista que se chamou foi Raul Proença. **Democrática** nas palavras, **restauradora** nas intenções e, futuramente, nos actos, é a prática política que nos propõem. Já a Constituição é **novamente** posta em causa.

O menos que podemos dizer é que andam de Sérgio esquecidos os que, com o seu nome, fundam instituições, institutos, centros. Sérgio, pensando na mudança estrutural, ensinou: «Disso, porém, não curaram nunca os caudilhos: e sempre me pareceu que os corifeus da República não davam tino na importância do condicionamento económico, e que não queriam perceber que, sem remodelações económicas, não existe, realmente, revolução autêntica, mas ruidosos espectáculos para celebrar tribunos».

A frase está datada de 1949. Refere-se a uma experiência de um quarto de século anterior. Mas é de uma actualidade flagrante se nos lembrarmos desta última campanha eleitoral, da experiência destes anos, da vivência destes dias. «Ruidosos espectáculos para celebrar tribunos» alternam com as conversações discretas, secretas. Em vez da transparência política que a democracia exige, a habilidade, a manobra, a confissão de que «o segredo é a alma do negócio». Negócios são as partilhas do Poder. Fala-se de mudança para tudo ficar na mesma. Em vez da **marcha** de que falava Sérgio, a **estabilidade**. Em vez da «revolução» que exige trabalho e inteligência, o repouso digestivo da «ordem».

Na «gaveta» dos bem pensantes a obra de António Sérgio poderá ser encerrada. Não é preciso proibir. Basta não ler.

5 — Uma sociedade livre e sem classes

O pensamento político de António Sérgio é socialista. A indiferença quanto ao regime político que é evidente nas suas primeiras intervenções político-sociais não obscurece a clareza da sua visão de uma sociedade socialista, que para Sérgio é «uma sociedade livre, internacional e sem classes». Sérgio não poderá ser considerado um puro social-democrata. O «socialismo democrático» é um caminho para a «sociedade livre, internacional e sem classes». O seu «reformismo» processa-se por «etapas revolucionárias». E a sua fé no «cooperativismo» não o impede de proclamar: «... por outro lado, o desenvolvimento da técnica e o avançar do Mundo estão-nos hoje compelindo a não ficar à espera de que o cooperativismo ultime a sua própria obra. Torna-se necessário apressar o fenómeno, por acção extrínseca a esse processo orgânico —, socializando, pois, não já só pela cooperativa, mas, também, pelo Estado».

A vitória eleitoral do Partido Socialista permitiu-lhe dar passos neste caminho de **mudança política** atenta à **mudança socio económica**, rumando ao objectivo na Constituição inscrito, avançando na institucionalização plena da democracia, construindo a democracia política, económica e social.

Na obra de António Sérgio encontramos pistas para uma revisão crítica da prática política que dele se reclama mas nele se não inspira autenticamente. Vai o seu nome sendo citado em vão, a fidelidade à sua atitude e ao seu estímulo em vão é jurada. O que nos impulsiona a proclamar a necessidade de libertarmos Sérgio dos «sergianos» e dos «sergistas».

Homenagem digna do homem livre que António Sérgio foi, seria libertá-lo da piedade comemorativa e das apropriações.

A melhor homenagem, é ler Sérgio, criticamente. E o que do centenário do seu nascimento deveria resultar, era a publicação da sua obra dispersa.

Não consintamos que o esqueçam, que o encerrem numa gaveta, que dele se apropriem. Liberdade para António Sérgio.

ponto a ponto

MÁRIO SOARES e **Fred Sinowatz**, como próximos primeiros-ministros de Portugal e da Áustria, participam na quarta-feira, em Paris, numa reunião dos chamados «protagonistas da mudança». Três outros primeiros-ministros socialistas assistirão ao encontro: o francês Pierre Mauroy, o sueco Olof Palme e o grego Andreas Papan-dreou. O encontro inicia-se com uma reunião de trabalho no Hotel Matignon, residência e local de trabalho do primeiro-ministro francês. Na manhã de quinta-feira, haverá uma conferência de imprensa, terminando o encontro com um almoço oferecido pelo presidente François Mitterrand no Palácio do Eliseu. A finalidade deste encontro é a de levar os dirigentes socialistas europeus a apresentar projectos de actividade, alinhar problemas e confrontar pontos de vista sobre os principais assuntos que vão ser debatidos na cimeira dos países industrializados, a realizar em Williamsburg, EUA, de 28 a 30 deste mês.



O embaixador norte-americano em Lisboa, **Allen Holmes** iniciou pela base aérea das Lajes, na Terceira, uma visita de quatro dias aos Açores. Embora nada oficialmente tenha transcorrido, a visita de Holmes está relacionada com a renovação do acordo de utilização pelos Estados Unidos da Base das Lajes, reunindo-se o diplomata terça-feira com a Comissão de Assuntos Internacionais do Parlamento açoriano. A sua chegada às Lajes, o embaixador recebeu as boas-vindas do executivo açoriano na pessoa do secretário da Educação e Cultura, Reis Leite, que tem representado a região nas negociações para renovação do acordo.

Portugal participará de 7 a 17 de Junho no grande exercício naval da NATO, Ocean Safari-83, numa vasta área do Atlântico Leste, desde o sul dos Açores, até a Sudoeste do canal da Mancha. A protecção das linhas marítimas de comunicação entre a Europa e América do Norte será o tema do exercício, que será coordenado pelo comandante supremo aliado do Atlântico, almirante Wesley McDonald, da marinha dos Estados Unidos, a partir do seu quartel-general em Norfolk-Virginia. A força NATO constituída por cerca de 90 navios e submarinos, incluirá quatro porta-aviões e cerca de 300 aviões.



O presidente do Governo Regional da Madeira **Alberto João Jardim** defendeu no Porto «uma descentralização» empresarial que acompanhe a descentralização política e administrativa do arquipélago. João Jardim falava durante uma visita efectuada à empresa «Soares da Costa», firma com inúmeras obras na Madeira e que recentemente formou um consórcio no arquipélago. Aludindo a este último aspecto, Jardim classificou-o de «acto de empenho pela Madeira pois que as receitas fiscais não vêm para o continente e contribuem assim para o desenvolvimento da Região Autónoma». «Trata-se de um exemplo para muitas outras firmas que operam na Madeira e de um contributo válido para a descentralização», realçou o presidente do Governo madeirense.

OS secretários de Estado da Família, da Administração Regional e Local e adjunto do vice-primeiro-ministro visitaram os concelhos de Monção e Melgaço no distrito de Viana do Castelo. No decorrer da visita o secretário de Estado da Administração Regional e Local, Roberto Carneiro, anunciou que esta semana será divulgado o relatório nacional do debate público sobre regionalização, que contém oito conclusões fundamentais. «O sistema de financiamento regional não deve prejudicar os municípios e deve partir, por um lado, de impostos ou radicações fiscais directas, e, por outro, de transferências das verbas do Orçamento do Estado para as regiões» — disse.

O Papa **João Paulo II** concelebrou missa, na sua capela privada, com o reitor monsenhor José Tomás Amândio, e os dez padres alunos do Pontifício Colégio Português em Roma. Na homília, o Papa falando em português recordou a sua visita pastoral a Portugal, e a sua peregrinação ao Santuário de Fátima, saudando a nação e a Igreja portuguesas. João Paulo II pediu aos padres e religiosas portuguesas presentes que partilhassem as súplicas que formulara em Fátima, e que renovou «em favor do homem e do mundo, de Portugal e da Igreja, e pelo sucessor de Pedro».



O ministro da Administração Interna **Ângelo Correia**, declarou em entrevista à ANGOP que as relações entre Portugal e Angola são «algo de imane e permanentemente sentido pelos dois povos». Na entrevista, aquele dirigente do PSD admitiu «algumas vicissitudes» nas relações entre os dois países, que agora são «normais e próximas de um nível caloroso e excelente em alguns domínios». Quanto à presença, em Portugal, de «organizações que atentam contra a segurança de países africanos», Ângelo Correia esclareceu que «não se poderá dizer que o Governo português tenha consentido a presença em solo nacional, de organizações que atentam contra a soberania de povos africanos». Lembrando leis análogas, às de outros países europeus, não recusando a presença de «qualquer cidadão de qualquer parte do Mundo», o titular do MAI referiu que «não se desejando que Portugal funcione como um centro de acções subversivas, em 1981, estabeleceram-se disposições legais que não só proibem, como penalizam, quem permitir tais acções, nomeadamente angariação de mercenários, contra Estados com quem Portugal tem relações normais».

UDP aprecia situação política

“Pouco a pouco, a Direita vai enchendo o papo...”

«Na prática, a vitória do PS não constitui uma viragem à esquerda» já que «pouco a pouco, a direita vai enchendo o papo». Quem assim pensa é o Conselho Nacional da UDP e um dos membros do Comité Central desta organização — o responsável pelo pelouro da Comunicação Social, Carlos Marques.

Foram cerca de sessenta os militantes da UDP que se reuniram ontem, na sede nacional da organização, para análise da situação política actual. Particularidade: juntamente com o Conselho Nacional reuniram-se elementos dos secretariados distritais.

Da reunião saiu um comunicado em que se afirma nomeadamente que «Mário Soares e Álvaro Cunhal apregoam que a direita foi derrotada, mas não há uma única medida da AD que se preveja venha a ser anulada».

O texto garante ainda que «se a direita e a AD foram derrotadas, então os trabalhadores da Reforma Agrária devem erguer-se para anular as irregularidades impostas no Alentejo; deve exigir-se o pagamento dos salários em atraso; exigir-se a revogação das medidas que visam a extinção da ANOP; anular-se todas as medidas impostas pela AD, em vez de se ficar pela expectativa».

O «caso» Setenave

Depois das exigências, as críticas ao PS, ao PSD e ao PCP.

No que respeita aos dois primeiros partidos, a UDP critica «os patriotas do PS e do PSD pró-americanos, que aumentam as despesas com a NATO; aceitam novas bases militares; negociam instalações de bases nucleares e contraem novos empréstimos com o FMI».

Nas críticas feitas ao PCP, a UDP acusa-o de, no seu entender, «ir apoiando e impondo, fábrica a fábrica, empresa a empresa, medidas de salvação nacional, impostas pelo Banco Mundial». Como «razão» desta «atitude» do PCP, a UDP considera que a mesma se insere na «consolidação do regime do 25 de Novembro». A ilustrar a «acusação», a UDP serve-se do «caso» da Setenave, para ela «o mais gritante». Segundo a força que perdeu recentemente o seu único deputado na Assembleia da República, «o PCP aceita o pacto social (na Setenave), apesar de falar contra ele».

Como saída para a crise, o Conselho Nacional da UDP e os elementos dos secretariados distritais que com ele se reuniram, resolveram apelar «à unidade, a mais ampla possível». E essa unidade deverá passar, no entender da UDP, pela «formação de comissões unitárias de luta, pelas reivindicações das massas pobres». Só assim se «mudará o regime», conclui o comunicado.

Conferência de “Unidade PS/PCP” exige...

“PS e PCP devem unir-se e tomar o poder!”

«O PS e o PCP — os dois maiores partidos operários — foram postos, com o voto do povo, em esmagadora maioria na Assembleia da República». Lembrada a realidade, o POUS não perde a ocasião para exigir, uma vez mais, que o PS e PCP «se unam e tomem o poder». Fê-lo na 1.ª Conferência para a Unidade PS/PCP, realizada sábado em Sete Rios.

«Podemos ter organizações partidárias diferentes e opiniões políticas diversas (...) mas pensamos que a própria definição da democracia implica o respeito da vontade maioritária do povo trabalhador e o cumprimento do mandato popular», lê-se na declaração aprovada, por unanimidade, na 1.ª Conferência para a Unidade PS/PCP, organizada pelo POUS.

Para esta organização, PS e PCP (55 por cento dos sufrágios nas últimas eleições), devem unir-se e tomar o poder «a conta

dos interesses dos trabalhadores» e constituir um Governo «sem representantes dos partidos e personalidades burguesas e independentes do general Eanes».

E porque o POUS não está disposto a largar mão de um objectivo desde sempre por si proclamado — e apoiado pelas cerca de 350 pessoas que participaram na Conferência —, ficou desde já decidida a constituição de uma Comissão de Ligação para a Unidade PS/PCP e a preparação, para o mês de Junho de «vários encontros».

São eles: um de trabalhadores de empresa com salários em atraso, outro de trabalhadores com contratos a prazo, outro ainda de moradores pobres ameaçados de despejo ou vivendo em habitações degradadas e, por último, um encontro de professores, pais e jovens, de modo «a organizar o trabalho de unidade e mobilização».

Mais de 199 criaram o MAD

“Opções de conjuntura para defender Abril”

Apesar de uma parte dos signatários do documento base, que deu corpo e nome ao «Grupo dos 199», ter estado ausente, sábado e domingo, dos trabalhos de lançamento do MAD («Movimento para o Aprofundamento da Democracia»), o número de presentes (233) no dia de abertura foi superior e as fórmulas programáticas e organizativas aprovadas apontam para um caminho não exclusivamente «cívico ou sociocultural» — expressões muito glosadas na abertura, por figuras de relevo do movimento.

Em termos organizativos o destaque maior vai para a criação de uma Coordenadora Nacional de 30 membros, onde sobressaem os nomes de Henrique de Barros, Maria de Lurdes Pintasilgo, Teresa Santa Clara Gomes, Luís Moita, Delgado Domingos, Joaquim Calhau, Alberto Martins, Rui Oliveira, Fonseca Ferreira, Manuela Silva, Maria João Seixas, Fátima Grácio, Catalina Pestana, João Lourenço (metalúrgico), Emília Reis e José Carlos Vasconcelos (um dos ausentes).

Esta Coordenadora terá mais dez elementos, representantes de âmbito local ou regional que serão posteriormente agregados. Um Executivo de sete elementos eleito entre os trinta membros da Coordenadora dirigirá o MAD, e o Plenário Nacional será o órgão máximo do Movimento.

«Acto político»

Um «discurso sergiano» de Henrique de Barros («sugiro-vos que criemos uma liga cívica não partidária, mas muito activa» — disse no sábado) e uma mais longa, e muito genérica também, intervenção de Lurdes Pintasilgo («se queremos viver num meio que respeite os nossos direitos e que estimule as nossas aspirações, não nos podemos ficar mudos e quedos, à espera de um qualquer poder-providência, que nos forneça os fins e os meios») — abriram os trabalhos de sábado.

O ex-militante do PS e antigo presidente da Constituinte, falou ainda da situação política actual para sublinhar, sobre o Governo PS-PSD em formação que o MAD «poderia apoiar o Governo como também o poderia rejeitar...».

Lurdes Pintasilgo — a acusar também, porventura, o efeito da ampla campanha de contra informação suscitada sobre o encontro por motivo

de uma notícia «manipuladora e especulativa» da agência NP — se disse que o MAD não era «embrião» de um partido político, acrescentou, todavia, que «nenhuma actividade é apolítica, neutra, asséptica» e que o encontro «é um acto político, como o documento dos 199 foi um acto político».

Para a ex-primeiro-ministro «é no tecido da sociedade, nas instituições que a compõem, nas correntes que a atravessam, nos movimentos que nela surgem, nas normas de convivência que a sua identidade gera, é aí, que a mesma sociedade se vai transformando e recriando...».

«O que a dinâmica exigir...»

Ora, foi Luís Moita, num encontro ontem com os jornalistas — na altura em que decorria a eleição da Coordenadora Nacional — quem pôs as questões em termos um pouco menos vagos, ainda que numa forma interrogativa ou dependente do futuro. A concordar em parte com os termos da informação que, sexta-feira passada, Teresa Santa Clara Gomes prestou ao «DL», disse Luís Moita que «não está claro para nós que estejamos numa fase pré-partidária» e que é sobretudo prematuro falar-se já de «formas organizativas». Estas ficarão subordinadas ao que «a dinâmica exigir».

«Não pretendemos reduzir-nos a mero grupo de estudos, mas de efectiva intervenção social» disse Luís Moita, para acrescentar: «é preciso que fique claro que não fazemos críticas ao sistema partidário e que um dos nossos objectivos é o de dignificar a democracia representativa».

Presente também no encontro com a imprensa (tal como Alberto Martins, do Porto), Lurdes Pintasilgo insistiu, como no sábado, na importância das áreas do poder

autárquico para uma intensa cooperação do MAD com as forças políticas existentes.

Para Lurdes Pintasilgo, o desenvolvimento da acção do MAD poderá «ajudar o poder constituído a libertar-se de algumas tarefas com as quais se tem ocupado e que deveriam antes ser desempenhadas pelos sujeitos activos desses problemas. Assim o poder constituído poderia cingir-se às questões relacionadas com a estrutura interna do Estado e com a representação externa. Do mesmo modo, os partidos tenderão a representar cada vez mais os cidadãos organizados».

O documento final, aprovado pelos participantes, apresenta uma síntese de três propostas (duas de Lisboa e uma do Porto) debatidas no sábado. Mais vagas, apontando basicamente para áreas prioritárias de acção futura (autarquias, por exemplo), as moções de Lisboa foram lidas por Luís Moita «agir localmente para pensar globalmente» e por Luísa Cortesão (ex-assessora de Lurdes Pintasilgo) sobre o tema «áreas-problemas prioritárias».

O documento do Porto, apresentado por Rui Oliveira, mais elaborado, mais atento às questões organizativas, define cinco áreas de actuação imediata para o MAD (modelo socio-económico: relações externas; Sociedade e Estado; Cultura, Educação, Informação e finalmente uma quinta designada por «contradições conjunturais explosivas») e tipifica uma estrutura interna para o movimento: Plenário Nacional; Coordenador; Executivo da Coordenadora e uma Comissão Consultiva Nacional, sem poderes deliberativos.

«A conjuntura...»

Não houve votação alternativa dos três documentos. Do

debate feito em comissões fez-se, entretanto, a síntese, traduzida no comunicado final, distribuído aos jornalistas e onde se lê que o MAD é uma realidade nova no panorama da sociedade portuguesa, que não se pode equiparar à formação de um partido político, mas se pretende seja um projecto aberto, privilegiando a intervenção social transformadora.

Abertura «contra qualquer sectarismo», flexibilidade, «carácter progressivo para adoptar o tipo de organização adequado a cada momento», descentralização e interligação dos «grupos que já actuam no mesmo comprimento de onda» é outra das formulações.

A interligação — diz um dos documentos — poderá ser feita por «zona geográfica ou por área-tema, prevendo-se que seja privilegiado nas áreas de maior dimensão o agrupamento em torno de interesses sectoriais, como o emprego, o consumo, a energia, a escola».

O encontro fez também a análise dos últimos resultados eleitorais que revelaram — frisa o MAD — «um espaço de mudança» que apenas se concretizará se «as grandes opções não se firmarem em pequenas saídas de conjuntura ou simples reajustamentos destinados a ganhar tempo ou a adiar soluções».

Finalmente, o MAD considera (caso venham a ser alterados os valores fundamentais que informam o ordenamento constitucional) como sua «questão central» a adopção de opções de conjuntura para preservar a Constituição da República e os valores de Abril que ela consagra. Nesta frase, afinal, muito mais fica dito que os discursos de sábado e as três propostas apresentadas.

As conjunturas dirão.

E. A.

Se conduzir não beba



ALCOOL E CONDUÇÃO

Há fontes que não secam

Olhai, zeladores do aprisco termonuclear, estes dias de janela e trovoadas. Nós esperamos o desarmamento enquanto os tímbrals cinzelam a mortalha nos altos fornos. Olhai, accionadores da língua de fogo, toda a vontade de vida estrumada que desliza em nossas mãos. Olhai bem esta floresta de dedos a engatilhar a paz, dedos e sentinelas de toda a Criação. Em tempo de silo antinuclear, aqui exaro nossa vontade ecológica.

Retardai, por entre confabulações o orgulho da faca, a vossa contagem de mísseis, vectores, o estampido de quatorze ogivas de duas megato-

neladas a espreitar alvos civis, como abutres cegos. Retardai a Paz o tempo que quiserdes porque nossos pulmões são rios de água verde, a cor da paz navegante. Nós esperamos capim seródio, o cultivo da cana, o caju florido. Nós sabemos que há fontes que não secam, enquanto siblam na luz de chumbo vozes e ameaças e medonhos preságios de zincares esquifes em todas as porções do mundo por nós reconvertido em eumróssil biológico, sob a unção astral.

Nós sabemos que um bandolim, uma enxada, uma rede de adobe ressoam no

peito convexo como púrpura estuante a preludir o voo da abelha, o cantil mineral.

Ou cumprí, zeladores do aprisco termonuclear, o pão aceso que de há muito aconchegámos no bernal. Basta! Dizei connosco. A paz é inquestionável, pois no ar se suspende a brisa e a terra úbere é um refeitório ofegante.

Basta! -Não haverá queimada universal. Todo o céu é um prelo de luar, há leite para desnatar, há avionetas de corda para todas as raças, savanas e pesca ao candeio, desde que vós, zeladores do aprisco termonuclear, saibais trocar raios da morte por teles-

tar ou andaimes de aço militar por açudes à escuta da energia dos mares.

Basta de gladiadores, ou pedras na mão ou mandíbulas de banqueiro. Não podeis disparar. No sonho acordado, a Paz é mais que tubérculo no posuío.

Nestes dias de janela e trovoadas, um bebedouro oculto cresce. Ou seja: Até ao fim de 83, até ao fim do mundo, há fontes que não secam.

Retardai a Paz o tempo que quiserdes. Nós somos os homens que navegamos pelos rios de água verde.

Beja Santos

eurocheque em Portugal

A partir de agora,
o meio de pagamento mais utilizado na Europa
passa a ser «moeda corrente» em todo o País



O **BPA** lança em Portugal um Sistema Internacional de Pagamento – o EUROCHEQUE Sistema Uniforme – já utilizado por mais de 45 milhões de pessoas em 39 países da Europa e do norte de África. Um meio de pagamento fácil, cómodo e seguro aceite, **para levantamento de dinheiro**, por cerca de 200 mil balcões de 15 000 Bancos e, **para pagamento de despesas**, por 4,5 milhões de estabelecimentos comerciais e de serviços.

**Um cheque garantido
que dá segurança total a quem o recebe**



BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Negociações PS/PSD recomeçam

Próximas eleições autárquicas serão adiadas para 1986?

As negociações PS-PSD reiniciaram-se hoje, começo de uma semana que se prevê crucial para o acordo que está na forja. Entretanto soube, o «DL» poder ficar definido no acordo que o mandato dos actuais autarcas eleitos em Dezembro último seja prolongado por mais um ano, até 86. A questão teria de passar naturalmente pelo Parlamento onde após o acordo PS e PSD disporão de uma maioria de 2/3.

Esta ideia praticamente aceite por ambas as partes, deve-se ao facto de os negociadores dos dois partidos terem entendido ser melhor não fazer outras eleições em 1985 que não fossem as presidenciais.

«E a indigitação de Mário Soares ocorrerá ainda no final desta semana?» — lançamos a pergunta ao líder socialista.

«Isso não sei. Depende. Mas não faço declarações» — responde o secretário-geral do PS, sábado à tarde em Braga.

— «O acordo será mesmo de legislatura, para 4 anos?» — insistimos.

«Claro é de legislatura».

— «E as presidenciais não vão obrigar a...»

«Vamos ver.»

— «As presidenciais não impõem uma paragem?»

«Há formulas, há fórmulas».

E mais não quis dizer. «O segredo é a alma do negócio» tem sido uma frase repetida por Mário Soares. E o carro do presidente da Câmara de Braga, Mesquita Machado, onde já se tinha enfiado o líder socialista arrancou, com um «Mirafiori» da segurança atrás, o que acontece pela primeira vez desde as eleições.

Tal como Mário Soares, outros dirigentes da Comissão Perma-

nente do PS estiveram nas várias capitais de distrito, sexta e sábado, a explicar aos militantes a necessidade do acordo com o PSD (mais do que o andamento das negociações) e, ao mesmo tempo, a preparar o V Congresso. No qual, como já dissemos na edição de sábado, a definição da estratégia para as presidenciais será fulcral.

«Presidenciais» — o busílis

Esta questão, de resto, já terá sido ultrapassada no âmbito das negociações com o PSD. Não tendo havido possibilidade de

escolha, já, de um candidato comum — e que portanto não poderia ser nem uma personalidade marcadamente socialista, nem marcadamente do PSD — tudo aponta para que a decisão tenha sido a de cada um dos partidos ficar livre para apresentar o seu candidato, apenas com vínculos quanto a uma hipotética segunda volta. Ai, o candidato do partido derrotado apelaria ao voto no candidato do outro partido que fosse à segunda.

E se nessa segunda volta ficassem apenas os candidatos de Eanes e do CDS? — desconhece-se se esta questão entrou no campo das probabili-

dades. Seguro terá sido a admissibilidade de que numa segunda volta nunca estariam os candidatos de ambos os partidos.

Apesar de Mário Soares dizer que «há fórmulas» para superar as dificuldades que se colocam relativamente ao facto de as eleições presidenciais interceptarem um hipotético acordo de legislatura, nos dois partidos não falta quem veja no facto «o cabo das tormentas». Toda a perspectiva do antes Maio/83, poderá ser completamente alterada em Dezembro de 85, altura em que deverão realizar-se as «presidenciais». Um dirigente social-democrata disse-nos mesmo esta manhã que a questão das presidenciais poderá ser «um factor de desunião do próprio Governo». Segundo ele, cada ministro poderá querer puxar a carroça para o seu campo, tendo em conta o candidato de cada um dos partidos, a apresentar. Pelo PSD, por exemplo, seria Mota Pinto ou Mota Amaral? É ainda uma incógnita. Pelo PS porém é praticamente certo, ser Soares o candidato.

De resto, enquanto pelo PS a ratificação do acordo será feita pela Comissão Política, pela banda do PSD será o Conselho Nacional (a 28 de Maio como está previsto) a decidir. E se nem tudo pode acontecer, há quem queira discutir muito bem a repartição do poder aceite pelos negociadores do acordo...

Proporcionalidades em tudo

A partir das negociações de hoje, espera-se que sejam discutidas mais especificamente as questões relacionadas com a repartição do poder propriamente

dita, em termos de ministérios, secretarias de Estado, direcções-gerais, conselhos de gestão de empresas públicas, representantes das direcções regionais, etc., etc. A intenção, aceite por ambas as partes, é discutir tudo na base da proporcionalidade dos resultados eleitorais. Desde o Ministério ao mais baixo representante do aparelho estatal... Assim, a proporção nove para seis pastas ministeriais irá repercutir-se nos restantes escalões.

Admite-se que alguns ministérios sejam bicolores; isto é, que tenham representantes do PS e do PSD. A regra geral, porém, será a da monocromia.

Quanto à corrupção, mantem-se a expectativa. Mário Soares disse no entanto em Braga, que «o próximo Governo deverá tomar medidas energéticas contra a corrupção nos órgãos de Estado e que meterá na cadeia todos os que forem apanhados com a boca na botija». Pergunta-se: e os que já deixaram a botija?

Também em Braga, Soares fez apelos à unidade com vista ao V Congresso. Neste apelo envolveu mesmo uma saudação a Salgado Zenha, «companheiro de 40 anos».

Na sua passagem por Braga, o líder socialista aproveitou para conceder uma entrevista ao «Correio do Minho». Não adiantou porém nada de novo. Mas garantiu que «o acordo PS/PSD marcará uma mudança do poder do centro-direita para o centro-esquerda e também uma mudança de política».

Que mudança? — é o que todos querem saber no concreto, para além da promessa.

L. H. M.

Evite os incômodos de última hora

IMPOSTO SOBRE VEÍCULOS

Informa-se que este Imposto está a pagamento até ao fim de Maio

O respectivo "selo" pode ser adquirido na área de residência do proprietário do veículo, nos seguintes locais:

Tesouraria da Fazenda Pública
Revendedores de Valores Selados
Juntas de Freguesia
Casas do Povo
Automóvel Clube de Portugal
União das Associações de Comerciantes de Lisboa

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO
DIRECÇÃO GERAL DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

Soares promete em Tróia

Próximo Governo PS/PSD será de centro-esquerda

O Governo PS/PSD vai ser de centro-esquerda e não de bloco central, afirmou ontem Mário Soares em Tróia, durante um encontro de sindicalistas socialistas do SINDEQ.

O líder socialista, tal como os restantes membros da Comissão Permanente do PS, passou o fim-de-semana em contacto com as bases socialistas para lhes explicar as negociações em curso com o PSD.

Durante a intervenção que fez, Mário Soares salientou que 80 por cento dos portugueses são favoráveis a uma política de concertação e ao pacto social. E, a propósito, disse ter visto com satisfação a posição adoptada pela CGTP, de abertura ao diálogo sem aceitar pressões ilegítimas.

«Como evidentemente não iremos fazer pressões ilegítimas, consideramos já um bom princípio que a CGTP aceite o diálogo», disse Soares.

«Os filhotes, em determinadas circunstâncias, podem ter independência», disse ainda o secretário-geral do PS, mas agora referindo-se ao MDP que considerou ser «uma espécie de filhotes do PCP».

A sua possível independência faz com que Soares se mostre aberto a um diálogo com esta área.

O futuro primeiro-ministro fez ainda um apelo para que a UGT se mostre vigilante e crítica em relação ao próximo executivo: «Os sindicatos têm de manter a sua independência em relação aos partidos e aos governos, quaisquer que eles sejam», disse.

Jaime Gama em Leiria, Walter Rosa em Faro e Almeida Santos na Guarda, foram alguns dos dirigentes socialistas que estiveram também nas bases do PS. Mas deles, como aliás de Soares, não se ouviram novidades em concreto sobre as negociações com o PSD que hoje de manhã recomeçam em Lisboa.

Apenas Almeida Santos disse que elas deveriam estar concluídas em finais deste mês ou na primeira semana de Junho, aliás de acordo com o calendário que o «DL» revelou a semana passada em primeira mão.

JS preocupada

Entretanto, merece especial destaque a posição adoptada pela Comissão Nacional da Juventude Socialista, que esteve reunida durante o fim-de-semana, no Largo do Rato, em Lisboa.

A Comissão Nacional da organização de juventude do PS aprovou um texto como comunicado final que é uma síntese das diversas moções apresentadas e discutidas durante a reunião.

Nesse comunicado a JS afirma que olha «com preocupação a participação do PSD no Governo, em virtude da «prática dos sucessivos governos da AD em que o PSD teve participação maioritária, marcada por uma confrangedora ineficácia e por desprezo dos problemas juvenis».

Ao mesmo tempo, a JS manifesta-se contra a proposta do PSD de rever a parte económica da Constituição.

UCP's exigem ao futuro governo

Fim da ofensiva contra a RA e reposição da legalidade

O fim da ofensiva e dos ataques à Reforma Agrária, a reposição da legalidade democrática com o cumprimento dos 170 acórdãos do Supremo Tribunal Administrativo favoráveis aos trabalhadores e o fim do cerco económico e financeiro, são três das «reivindicações mínimas» ao futuro governo que os Secretariados e União das UCP's/Cooperativas Agrícolas de Beja, Évora, Portalegre, Santarém e Setúbal acabam de tornar públicas em comunicado enviado para os órgãos de comunicação social.

Lembrando as modificações verificadas na composição da Assembleia da República após as eleições de Abril último, as UCP's e Cooperativas Agrícolas afirmam que a Reforma Agrária «consciente da sua importância decisiva para o programa da agricultura e para a melhoria das

condições de vida de quem trabalha a terra, tem o direito de esperar, finalmente e, após sete anos de permanente ofensiva, que a deixem trabalhar e produzir em paz».

«Nós continuamos empenhados em trabalhar para aproveitar as terras e a água, aumentar a produção e a produtividade, acabar com o desemprego, melhorar as condições de vida» — reafirmam os trabalhadores da Reforma Agrária, antes de acrescentarem:

«Isto é necessário, mas para que seja possível é preciso que o futuro Governo responda positivamente às seguintes questões mínimas:

- fim da ofensiva e dos ataques à Reforma Agrária;
- reposição da legalidade democrática com o cumprimento dos 170 acórdãos do STA

favoráveis aos trabalhadores, dos quais 114 transitados em julgado, e rectificação das ilegalidades cometidas;

- fim do cerco económico e financeiro e arranque de uma política de apoio técnico, preços justos e crédito acessível a que as UCP's/Cooperativas Agrícolas e pequenos agricultores tenham acesso;
- acerto de contas entre o Estado e as UCP's/CA's;
- revisão da legislação publicada contra a Reforma Agrária, designadamente a Lei/Roubo da cortiça;
- fim à corrupção e compadrio que reina no MAP e serviços regionais;
- criação de um clima de estabilidade que permita aos trabalhadores e às UCP's/CA's investirem e produzirem em paz e segurança»

Não há alternativa

Os trabalhadores sublinham depois que «apesar das brutais dificuldades a que têm sido submetidas, mais de 350 UCP's/CA's estão hoje de pé, na posse de quase meio milhão de hectares e empregando cerca de 20 000 trabalhadores». E adiantam porque:

«A resistência das UCP's/CA's só foi possível devido ao facto delas serem as formas de organização agrícola que melhor respondem às características e exigências técnicas, económicas e sociais do Alentejo e Ribatejo. A vida demonstrou que não há alternativas viáveis para as UCP's/CA's e que elas devem ser finalmente deixadas em paz para produzirem, apoiadas e acarinhadas. Só com os trabalhadores é possível tirar o País da crise».

Neste contexto — adianta o

documento — «uma política que repetisse a orientação seguida pelos governos anteriores, desde Barreto e Portas a Basílio Horta e Silva Maçãs, Passando por Vaz de Portugal e Goulão, seria de novo uma política desastrosa para os trabalhadores da RA e das suas organizações».

Por tudo isso as UCP's e CA's exigem que «o futuro governo a constituir respeite a luta e a vontade popular expressa nas eleições de 25 de Abril, que dele sejam afastados os principais responsáveis pela política seguida anteriormente e que, designadamente, para o MAP, sejam nomeados novos responsáveis que ponham em prática as exigências formuladas, que desenvolvam uma política apontada ao progresso e modernização da nossa agricultura que vá de encontro aos anseios, exigências e necessidades de quem trabalha a terra e da economia do País».

Encontro Juvenil de Ciência

«Um encontro organizado por e para jovens que se interessam pelas ciências exactas» é o que pretende ser o Primeiro Encontro Juvenil de Ciência, cujo projecto será apresentado na próxima quinta-feira aos órgãos de Comunicação Social. Integrando, entre outras iniciativas, palestras, filmes, visitas de estudos e debates, o Encontro é apoiado pela Gulbenkian, Direcção-Geral do Ensino Superior, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Instituto de Física e Matemática e pelo Laboratório Nacional de Engenharia Tecnológica e Industrial.

Ainda a «guerra da placa»

Câmara de Gaia levanta processos em Crestuma

O presidente da Câmara Municipal de Gaia afirmou na última reunião de Gaia daquele órgão que irão ser movidos processos, em Crestuma, contra um indivíduo que recebeu mal e injuriou o pessoal camarário que se deslocou àquela freguesia nas datas previstas para a realização de eleições e, ainda, contra autarcas que terão «inviabilizado» o acto eleitoral.

A afirmação foi feita na sessão camarária em que o tema do diferendo Crestuma-Lever polarizou todas as atenções e intervenções, com grande participação de populares de Lever que encheram a sala e os corredores dos Paços do Concelho.

O presidente da Câmara de Gaia, Coutinho da Fonseca (PS) disse ainda, em resposta às intervenções sobre esta questão, que fará na Assembleia Distrital a que pertence, todos os esforços para que o processo da delimitação de «fronteiras» entre Crestuma e Lever seja rapidamente concluído a fim de ser presente à Assembleia da República na primeira altura em que o funcionamento daquele órgão de soberania o permita.

O presidente da Câmara esclareceu, a propósito, que o processo sofreu demoras por culpa do arq. Coelho de Magalhães (ex-presidente da Câmara do Porto), que lhe não deu andamento, tendo sido inclusivamente alvo de um voto de censura.

As intervenções dos representantes de Lever nesta sessão da Câmara ocuparam todo o tempo destinado ao público, tendo o dr. Abílio Rocha, membro da AM, em nome de Lever, afirmado que 15 pessoas da sua freguesia ficaram feridas e que toda a população foi enxovalhada com o tratamento dado ao caso.

Os intervenções dos representantes de Lever nesta sessão da Câmara ocuparam todo o tempo destinado ao público, tendo o dr. Abílio Rocha, membro da AM, em nome de Lever, afirmado que 15 pessoas da sua freguesia ficaram feridas e que toda a população foi enxovalhada com o tratamento dado ao caso.

Município da Guarda contra a EDP

O presidente da Câmara Municipal da Guarda, Abílio Curto, afirmou sábado que a Electricidade de Portugal (EDP), serve mal os utentes e não corresponde às necessidades.

Abílio Curto falava no decorrer da Assembleia Municipal que reuniu sob a presidência do socialista Almeida Santos.

O autarca manifestou-se contra o que considerou serem «preços exorbitantes e incompreensíveis das cobranças de fornecimento de energia eléctrica» e condenou o processo de cobrança.

Disse ainda ser defensor da aplicação da Lei das Finanças Locais e da Lei de Delimitação de Competências.

Referiu-se às dificuldades financeiras do município, que disse estar a condicionar a construção de blocos habitacionais, que numa primeira fase estão avaliados em 17,5 milhões de escudos.

Relativamente à construção do parque industrial da Guarda, Abílio Curto afirmou que, pela incapacidade de resposta face aos requisitos da Comunidade Europeia, o parque está prejudicado em 17 milhões de escudos.

A edilidade da Guarda e a Empresa Pública de Parques Industriais (EPPI) constituíram uma sociedade para a construção deste parque tendo aquele autarca referido a propósito, que a EPPI não tem verba suficiente para fazer a contrapartida da sua participação.

O município dispendeu já neste parque 16 milhões de escudos referentes sobretudo à aquisição de terrenos, e está despachada a verba de

9,1 milhões de escudos concedida pela Secretaria de Estado da População e Emprego para a construção da primeira fase de trabalhos.

A maioria da Assembleia absteve-se face a um protesto proposto pela União da Esquerda para a Democracia Socialista (UEDS) contra a decisão camarária de atribuir o nome da cidade israelita de Safed a uma nova artéria da cidade.

O protesto foi apoiado na reunião pela Aliança Povo Unido (APU).

A deliberação de não constituir o conselho municipal teve a oposição da APU, que disse tratar-se de um órgão que, apesar de na Guarda nunca ter funcionado, «isso não lhe retira a importância».

Almeida Santos, que presidiu aos trabalhos, afirmou a propósito que o conselho municipal é um «órgão corporativista que não está em consonância com o processo democrático».

A Assembleia aprovou ainda uma moção proposta pelo grupo socialista que assinala o vigésimo quinto aniversário da campanha eleitoral do general Humberto Delgado, que esteve na Guarda em 31 de Maio de 1958.

João Gomes, primeiro-secretário da Assembleia e que pertenceu ao grupo apoiante do general, evocou a figura de Humberto Delgado e disse que foi na Guarda que o então candidato às eleições presidenciais teve conhecimento do assalto a sua casa pela PIDE.

Rogério Nabais, do Partido Social Democrata, propôs um voto de congratulação pela instalação na Guarda de uma delegação da Polícia Judiciária que a Assembleia aprovou.

**Não nos limitamos a exportar
Apoiamos a exportação**

Embalamos produtos e também embalagens

Sempre acrescentamos valor preservando o valor do valor que embalamos

em todas as direcções dirigindo-nos a todos os mercados e a todos os produtos

A sua imagem é a nossa imagem

Há sempre uma embalagem...

Temos a solução técnica da civilização do papel para o papel do comércio

Ser primeiro é sê-lo também na responsabilidade

PORTUCEL
EMPRESA DE CELULOSE E PAPEL DE PORTUGAL E.P.

Direcção EMBALAGEM

de ontem para hoje

Incêndio em Marvila na barraca dum agente da Polícia de Intervenção

Um curto-circuito ou a chama de uma vela poderão ter estado na origem de um incêndio que, ao princípio da madrugada de ontem, destruiu duas barracas de madeira na Quinta do Marquês de Abrante, em Marvila. Os seus ocupantes (duas famílias numerosas) apenas tiveram tempo de fugir com a roupa que tinham no corpo. O sinistro teve início na única barraca do bairro possuidora de luz eléctrica, habitada por um agente da Polícia de Intervenção da PSP, Miguel Augusto de Carvalho, sua mulher e pelos cinco filhos do casal, e a outra, por uma família de cabo-verdianos. O fogo foi combatido por elementos dos Sapadores Bombeiros.

Albino dos Reis faleceu aos 95 anos

Uma das figuras mais destacadas do regime salazarista, Albino dos Reis (foto), faleceu no sábado, aos 95 anos, na sua residência em Oliveira de Azeméis, tendo ontem sido sepultada no cemitério local. Iniciando a sua carreira política antes de 1926 como membro do Senado, deputado e presidente da Câmara de Oliveira de Azeméis, Albino dos Reis acabou por fazer parte da Comissão Central da União Nacional. A partir daí desempenhou as funções de governador civil de Coimbra, ministro do Interior, membro do Conselho de Estado, presidente da Assembleia Nacional, presidente do Supremo Tribunal Administrativo e vice-presidente da Comissão Central da União Nacional. O extinto foi deputado desde 1935 a 1974.



Fábrica de Arcozelo destruída pelo fogo

Calculam-se em muitos milhares de contos os prejuízos causados por um incêndio, ocorrido na tarde de sábado, na Têxtil de Arcozelo (Gaia), que deverá interromper a laboração por algum tempo. Arderam máquinas e algodão, além de outras matérias-primas. Os bombeiros admitem que o fogo tenha sido causado por aquecimento das máquinas que, terá depois incendiado o algodão.

Inspecção ao cargueiro «Guarnizo»

O cargueiro espanhol «Guarnizo», retido no porto de Setúbal desde 10 de Maio último, após ter sido surpreendido nessa data ao largo de Sesimbra sem comandante a bordo, irá ser inspecionado ainda hoje pelas autoridades portuguesas. O comandante do navio afirmou que quando desembarcou pensava que o «Guarnizo» já tinha sido agen-

ciado e devido a um familiar se encontrar gravemente doente teve de deslocar-se com urgência a terra. A não ser encontrada nenhuma anormalidade na inspecção de hoje, o «Guarnizo», de 490 toneladas, registado no porto de Santander e com uma tripulação de oito homens, poderá fazer-se novamente ao mar amanhã.

Condenado por assassinar mulher

Foi condenado em dezasseis anos de prisão maior o indivíduo, António Maciel de 18 anos, que, em Dezembro do ano passado, em Maia (Porto), alvejou mortalmente a tiro a mulher, Laurentina da Costa Azevedo, da mesma idade, por esta pretender o divórcio. A pena foi agravada pelo facto de o homicida ter incendiado duas carrinhas após o crime. António Maciel foi ainda condenado ao pagamento de uma indemnização de 310 contos à filha nascida do casamento.

Exumação de criança morta em Setúbal

Invocando dúvidas quanto aos resultados da autópsia, o delegado do Ministério Público do Tribunal de Setúbal ordenou a exumação do cadáver da pequenita Ana Helena, de três anos, que tudo indica teria sido assassinada pelo próprio pai, já detido em 19 de Fevereiro último, na Quinta do Louro, em Setúbal. José Manuel dos Santos Freitas, de 23

anos, que se encontrava separado da mulher, seria viado em estupefacientes e dias antes do crime que lhe é imputado teria começado a afirmar a pessoas amigas e da família que queria levar a filha para o céu. Na altura em que foi encontrada, Ana Helena apresentava uma ligeira escoriação no rosto e diversas manchas negras na barriga.

Processo de Belas julgado em Sintra

O assassino do pastor Venâncio de Almeida, de 58 anos, foi condenado no Tribunal de Sintra em doze anos de prisão maior e no pagamento de 500 contos à viúva da vítima. António Sardinha Pedro, de 29 anos, pai de duas crianças, cometeu o crime para roubar dezasseis contos, numa casa em ruínas na zona de Belas. Venâncio tinha levantado essa quantia para pagar feno a um negociante da Buraca.

O caso do jovem que estrangulou a prima

Foi para ocultar a tentativa de violação e não para que a vítima não denunciase um presumível furto que José Gomes, de 19 anos, matou a sua prima de sete anos, Paula Gomes, na residência dos pais desta última, em Tourilhe, Paredes. A confissão foi feita perante o juiz de Instrução Criminal do Tribunal de Penafiel. Conforme noticiámos na nossa edição de sábado, José Gomes, emigrante em França e de férias em Paredes, estrangulou a prima com um esticador metálico de prender bicicletas.

Centro de Hemodiálise inaugurado no Lumiar

O Centro de Hemodiálise do Lumiar, que passará a ser a maior unidade de rim artificial da Europa, foi ontem inaugurado.

A instalação deste centro é da iniciativa da National Medical Care, dos Estados Unidos, considerado o maior operador mundial de hemodiálise e foi construída por uma empresa portuguesa, incorporando mais de 70 por cento de produtos nacionais.

Segundo as entidades responsáveis pelo empreendimento, esta unidade «está equipada com a mais avançada tecnologia do ramo dispondo de rigorosos sistemas de segurança (...) aspectos fundamentais para o tratamento adequado por rim artificial».

Uma das particularidades desta construção é a de dispor

de uma autonomia energética que cobre 70 por cento das suas necessidades básicas.

O Centro de Hemodiálise do Lumiar conta com 240 painéis solares, que, afirmam as mesmas fontes, «constituem o maior conjunto de captação de energia deste tipo, actualmente em serviço em Portugal».

A superfície total de captação é de 476 metros quadrados e o sistema é completado com subsistemas de armazenagem e bomba de calor.

Outro aspecto técnico do Centro é o do tratamento de água para diálise, que passa pela filtração, amaciamento, absorção por carvão activado, nova filtração e osmose inversa e armazenamento.

O controlo de qualidade química e biológica da água é feito

de cordo com técnicas desenvolvidas por peritos americanos.

O vice-presidente da Associação Portuguesa de Doentes Renais, José Figueira, disse que a organização vai solicitar as entidades governamentais competentes esclarecimento sobre o funcionamento do novo Centro de Diálise, inaugurado no Lumiar.

O porta-voz da Associação considera que os métodos adoptados pela administração do referido centro fazem «levantar algumas questões», nomeadamente a de saber se este vai ser «o melhor ou o pior centro da Europa».

Apesar do Centro de Diálise — agora inaugurado, mas já a funcionar há algum tempo — dispor de uma técnica avançada, a Associação afirma ter constatado

que, «ao nível da escolha de materiais correntes estes não são os melhores, nem os mais indicados».

No entender do vice-presidente da Associação dos Doentes Renais, a gestão daquela unidade clínica está a ser feita «sem ter em conta a opinião dos médicos» e «com a preocupação de ter menores custos, em prejuízo dos doentes».

A terminar, José Figueira sublinhou que a direcção da Associação Portuguesa de Doentes Renais vê «com surpresa que o assessor técnico dos Serviços Sociais para a Hemodiálise, Adolfo Coelho, esteja a dar cobertura ao funcionamento do novo centro, onde inclusivamente integra os quadros como assessor».

No LNEC, a partir de sexta-feira

DECO promove colóquio sobre direitos dos consumidores

Os Direitos do Consumidor vão ser tema para um colóquio organizado pela DECO (Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor) em colaboração com a Associação para o Progresso do Direito e que se inicia na próxima sexta-feira.

No colóquio, que decorrerá nas instalações do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, participam numerosos juristas portugueses e estrangeiros e activistas dos movimentos dos consumidores.

José Magalhães Godinho, Sousa Franco, Isabele Magalhães Colaço e Ferrer Correia, são alguns dos participantes.

Vão realizar-se três sessões temáticas («A Publicidade e os Direitos dos Consumidores», «Contratos de Adesão e os Direitos dos Consumidores» e a «A Responsabilidade do Produtor» e um painel sobre «Os Meios de

Defesa do Consumidor». Na sessão de abertura, Patrick Deboyser, da BEUC, e o dr. Ferreira de Almeida falarão da posição jurídica do consumidor nos países da CEE e em Portugal.

Este é o segundo colóquio promovido pela DECO desde a sua fundação em Fevereiro de 1974. No entanto, a principal actividade desta organização tem sido a publicação da revista «Proteste» e o programa da TV «Gato Por Lebre», recentemente suspenso por deliberação da Administração Preença de Carvalho, quando pretendia discutir a divulgação de publicidade camuflada e ilegal na RTP.

Associação sem fins lucrativos, a DECO é filiada na IOCU (Organização Internacional das Associações de Consumidores) e membro do BEUC (Organismo Europeu das Associações de Consumidores).

No âmbito de uma campanha de angariação de sócios destinada a ultrapassar os 7500 que actualmente possui (e que lhe permitem ser considerada como «parceiro social»), a DECO define assim, a sua acção: «Ao contrário dos organismos oficiais de protecção dos consumidores, que aplicam uma política governamental, sujeita naturalmente à adequação de interesses vários, a actividade das associações de consumidores é totalmente independente, têm inteira liberdade para investigar e, sempre que o julgue necessário, para criticar, tendendo portanto, a tornar o consumidor cada vez mais consciente.»

E os seus objectivos são «impôr legislação que efectivamente consagre os direitos dos consumidores à segurança, informação, livre escolha, a serem ouvidos, à representação».

Após desmoronamento no Alto da Loba

Oeiras recusa projectos a engenheiro «responsável»

O Município de Oeiras não aceitará mais projectos apresentados pelo engenheiro responsável técnico de um edifício que ruíu parcialmente quando se encontrava em construção no Alto da Loba, em Paço de Arcos. A decisão foi tomada na sequência do inquérito mandado instaurar após o acidente.

Na base da decisão estão as conclusões apontadas pelos

técnicos do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), dado que o relatório efectuado para apuramento de responsabilidades concluiu que a resistência do betão utilizado na obra (150 kgf/cm²) era bastante inferior ao valor previsto nas peças desenhadas do projecto (225kgf/cm²).

Para além de diversas anomalias detectadas no decorrer

das análises efectuadas a amostras do betão utilizado na construção do edifício, o LNEC

concluiu que «o betão utilizado na obra é de qualidade bastante inferior à prevista no projecto e

que este apresenta muitas deficiências, tanto a nível de concepção como do dimensionamento dos diferentes elementos estruturais».

Obras públicas, electricidade, escolas...

Câmaras socialistas do Norte fazem exigências ao Governo

Os presidentes socialistas das Câmaras Municipais a norte do Mondego exigiram na Régua a «imediata revogação» do decreto-lei relativo a «empreitadas de obras públicas a cargo das autarquias».

«Caso o Governo não tome as medidas necessárias para a revogação deste decreto-lei tomaremos posições radicais» lê-se num comunicado divulgado no final do encontro que se prolongou por todo o dia.

Os presidentes exigiram também que o governo «reponha a legalidade democrática, fazendo cumprir um tarifário nacional, sob a pena de promoverem acções nos seus municípios ten-

dentes a impedir as cobranças de energia eléctrica» — lê-se ainda no documento.

Esta exigência dos autarcas socialistas a Norte do Mondego surge na sequência da «gravidade da situação gerada pela não aplicação do tarifário nacional de energia eléctrica no concelho do Porto e limitrofes» — disse à ANOP um presidente participante nos trabalhos.

«Nesta reunião mensal, que se realiza alternadamente nos municípios presididos por socialistas a norte do Mondego, foram tratados assuntos relacionados com as construções escolares e criticado o alheamento por parte da respectiva direcção-geral,

face à situação», disse à ANOP o presidente da Câmara Municipal da Régua, Renato de Aguiar.

Acrescentou que se falou ao longo do dia da manutenção dos edifícios dos matadouros e da definição de uma política que «restitua a legalidade e a propriedade dos bens», para além da regionalização e da lei das competências dos três níveis: central, regional e local.

Participaram na reunião os presidentes das Câmaras Municipais de Fafe, Braga, Espinho, Cinfães, Baião, Mealhada, Melgosa, Gondomar, Régua e Matosinhos que no dia 22 se reunirão novamente neste último concelho.

Transfusão de sangue

Peritos reúnem Comité em Lisboa

O ministro dos Assuntos Sociais presidiu, ontem, à abertura da reunião do Comité de Peritos de Transfusão Sanguínea e Imunohematologia do Conselho da Europa, que decorre em Lisboa até depois de amanhã.

Da agenda de trabalhos constou a discussão de temas como a revisão dos protocolos dos acordos europeus sobre intercâmbio de substâncias terapêuticas de origem humana, funcionamento do Banco Europeu de Sangue Congelado de grupos raros, controlo de hepatite e outras doenças transmissíveis e os novos produtos derivados do sangue ou seus possíveis substitutos.

A reunião ocupou-se, também, dos problemas de transplantação-formação de especialistas e de legislação a desenvolver nos diversos países.

O primeiro acordo europeu sobre o intercâmbio de substâncias terapêuticas de origem humana data de 15 de Dezembro de 1958. Nele foram fixadas as regras para a acção do comité, que assentam no princípio não comercial das permutas e utilização do sangue, assistência mútua e cooperação técnica.

O Comité do Conselho da Europa, instituído, oficialmente, em 1962, está reunido em Lisboa a convite do Governo português.

Regionalização reúne especialistas na Figueira

Promovido pela Associação Dinamizadora da Regionalização da Agricultura, realiza-se, no próximo dia 28 de Maio, no Grande Hotel da Figueira da Foz, o «Primeiro Encontro sobre Regionalização».

A iniciativa insere-se nos objectivos da «ADIRA», fundada no começo deste ano para «promover e apoiar múltiplas actividades que contribuam para uma verdadeira regionalização», e, simultaneamente, «colaborar com órgãos da administração local e central, no sentido de se atingirem aquelas finalidades, mediante a criação de meios humanos e técnicos tendentes a desenvolver, cabalmente, as suas tarefas nas respectivas regiões».

O encontro, que se inicia às 11 horas da manhã, registará intervenções do engenheiro José Brito de Carvalho, dos professores Vítor Caetano e Valente de Oliveira, e do doutor António Barreto. Cada intervenção será seguida de um período de discussão.

Portugueses na Holanda

Emigrantes querem ver Associações unificadas

A unificação das Associações Portuguesas de Emigrantes na Holanda poderá ocorrer a curto prazo se a «Resistência e Trabalho» e «Os Lusitanos», a primeira existindo desde muito antes do 25 de Abril de 1974 e com extraordinária participação do movimento antifascista, vierem a aderir a uma proposta nesse sentido feita pela outra organização associativa portuguesa sediada em Amsterdão, a «Casa Portuguesa».

Cerca de uma centena de portugueses participaram, sábado, em Amsterdão, numa reunião, representando as três associações ou a título individual, tendo como ponto da ordem de trabalhos a unificação das três associações. Tratou-se de um plenário consultivo convocado pela Comissão Pró-Unificação (CPU) que apoiou, de forma inequívoca, a iniciativa, embora reconhecendo que, no interior das direcções das associações, existem, ainda, alguns obstáculos a vencer.

A reunião decidiu pedir às associações «Resistência e Trabalho» (ART) e «Os Lusitanos», que convoquem assembleias gerais dos seus sócios para decidir sobre a questão, que se vem arrastando já há uns anos. A «Casa Portuguesa» é a única das três associações que já manifestou, claramente, a sua decisão de aderir à unificação.

Numa tentativa de acelerar o processo, os portugueses presentes decidiram alargar a CPU a elementos nomeados pelas direcções das três associações e da Comissão de Pais, funcionando aqueles como elementos de ligação entre elas.

Foi, igualmente, sublinhada a necessidade de entrar em negociações escritas com a Câmara de Amsterdão no sentido de assegurar as Associações Unificadas o apoio financeiro e material que torne esse órgão possível e eficaz na defesa dos interesses da comunidade portuguesa na Holanda.

A formação de uma Comissão Interassociações, constituída por simples sócios, foi, igualmente, decidida para tratar das actividades práticas que podem, desde já, ser realizadas em conjunto: cursos de português e holandês, música, costura, desporto, um boletim, o grupo de teatro, etc.

Divergências políticas

A unificação, uma ideia nascida da necessidade de fortalecer as armas de defesa da comunidade portuguesa radicada na Holanda, e, especialmente, em Amsterdão, tem sido um processo controverso, demorado e delicado.

Ao plenário, apenas duas das três associações estiveram presentes, tendo a direcção dos «Lusitanos» considerado que, não estando interessada, enquanto tal, no processo, deixaria aos seus sócios a máxima liberdade de nele participarem.

Assim, na sala, encontravam-se muitos emigrantes sócios de uma das associações, alguns de mais de uma ou, mesmo, das três, e outros que não são sócios de nenhuma delas.

Cerca de 70 por cento dos imigrantes portugueses na Holanda não são sócios de nenhuma das associações, em grande parte devido às divergências de carácter político existentes, entre as suas direcções.

Ma mesa, dirigida por Lopes da Silva, médico radicado na Holanda há 20 anos, e professor da Universidade de Amsterdão, encontravam-se representantes da ART e CPA (Casa Portuguesa de Amsterdão), da CPU e da Comissão de Pais.

Durante quatro horas de debate foram expostas as vantagens da unificação, as dificuldades levantadas pela Câmara de Amsterdão, a questão do ensino do Português, o desinteresse do Governo (português) quanto aos problemas existentes entre os emigrantes, bem como as dificuldades causadas pelas divisões internas dentro da comunidade e dos seus órgãos representativos. O crescimento do racismo e da discriminação foi também abordado.

Discriminação e racismo aumentam

«O racismo e a discriminação estão a aumentar cada vez mais na Holanda, como todos sentimos, e esse problema vai exigir uma resposta mais forte e mais em uníssono de todos nós», afirmou um dos participantes defendendo a unificação.

Foi salientado que as dificuldades levantadas pela Câmara de Amsterdão não deviam constituir um impedimento para o processo, embora o apoio material e financeiro (subsídios, reconhecimento e edifício próprio) que ela deverá dar sejam de importância vital para o novo organismo associativo.

«A Câmara de Amsterdão não está actualmente interessada em associações de estrangeiros fortes, que defendam os interesses das comunidades culturais aqui existentes. Se lutamos há tantos anos para prover as

necessidades que sentimos e que até agora continuam por satisfazer, quer dizer que a Câmara e o Governo Português não estão interessados na sua solução. «Não devemos, portanto, esperar muito deles» — disse um dos presentes.

Foi nomeadamente apontada a questão do assistente social, até agora ainda nomeado pelo Governo Português e cuja função tem estado a ser gratuita e esforçadamente desempenhada por um emigrado.

«Se o assistente social não existe ainda, é porque o Governo

Português nunca se interessou e as Associações estavam divididas e não tiveram força para impor a sua necessidade», disse um outro emigrado.

No entanto, foi sublinhada a existência de holandeses no interior da Câmara que defendem os interesses dos imigrantes. «É preciso sabermos procurar os nossos aliados» — referiu o mesmo interveniente.

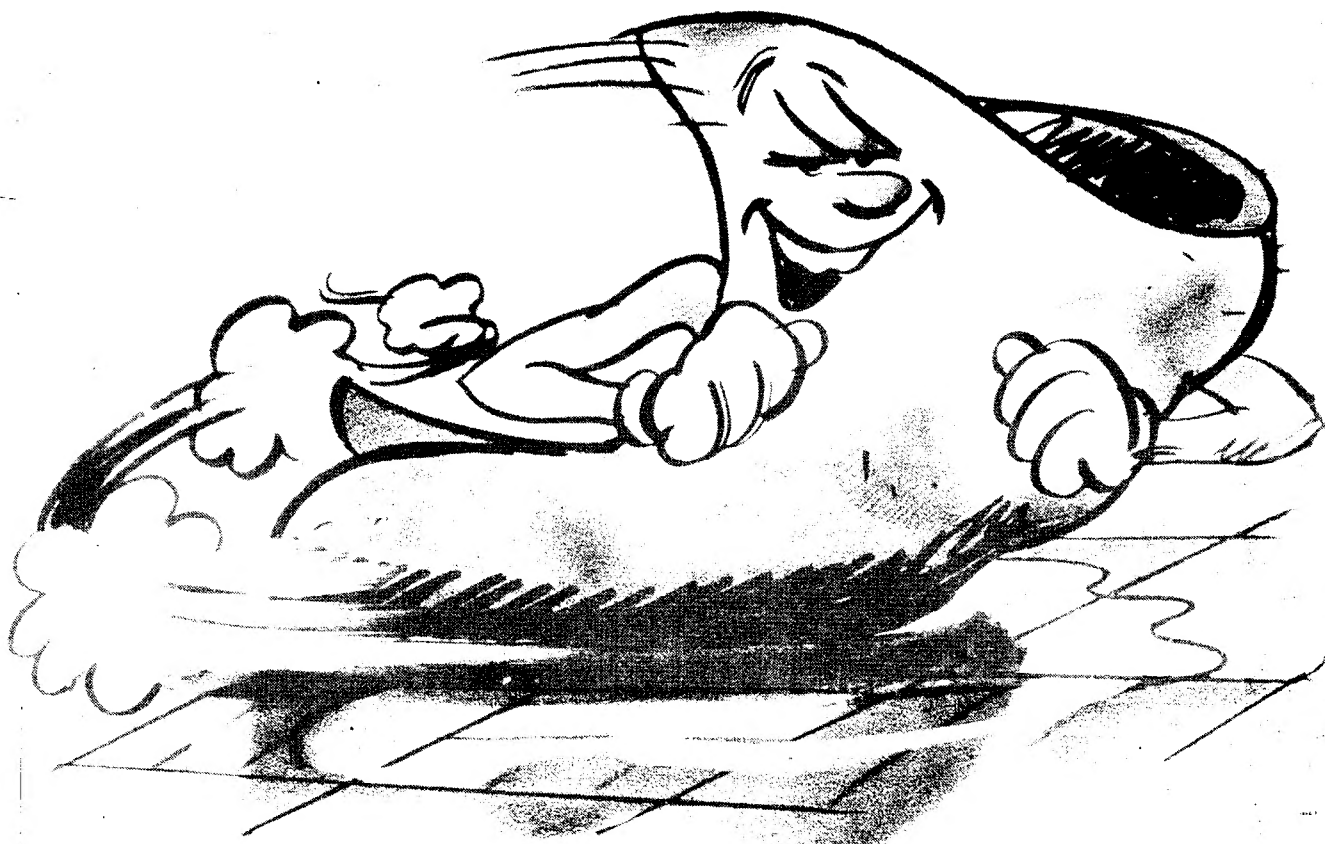
Foi igualmente levantado o problema do papel dos partidos numa possível associação unificada, tendo ficado dito que a sua participação seria meramente in-

formativa. «Os partidos políticos não fascistas-nazis encontrarão sempre abertas as portas da associação unificada para as suas actividades de informação e esclarecimento, desde que dentro dos estatutos», esclareceu um elemento da CPU.

Segundo um orador, «a unificação irá ser irreversível, demorada, mas far-se-á com a Câmara ou contra ela, pois corresponde a uma necessidade absoluta da nossa gente».

A unificação é apoiada ainda pelo Círculo de Cultura Portuguesa de Amsterdão.

Lá vai Briiiiilho!...



Um soalho de madeira, bem encerado, como um espelho!

Você gosta?

Nós também.

Por isso, tratamos com cuidado todos os nossos produtos.

Cuidado quer dizer: uma boa cera, com a qualidade SOCINCA.

... E SOCINCA quer dizer: mais de 30 anos de experiência no fabrico de ceras, inteiramente nacionais, que se encontram à venda em qualquer ponto do país.

Agora você também já sabe quem é a SOCINCA. O seu soalho merece os cuidados de uma boa cera, para ficar bem briiiiiilhante!

Aceite um conselho de especialista:

Escolha experiência.

Escolha produtos SOCINCA.

 **SOCINCA**
SOCIEDADE INDUSTRIAL
E COMERCIAL DE
PRODUTOS QUÍMICOS LDA
Valejo - Carrande

Julgamento à revelia do agente Miguéis da PJ

Duas testemunhas oculares do incidente que vitimou um homem, em Abril de 1980, no Bairro da Liberdade, declararam que os agentes da Judicária intervenientes dispararam a média altura, directamente sobre a vítima.

As duas testemunhas inquiridas hoje no terceiro Juízo Criminal do Tribunal da Boa Hora, declararam que se encontravam com a vítima na noite de 7 para 8 de Abril de 1980 quando um carro com três pessoas trajando a civil e que não se identificaram de imediato parou junto deles.

Duas das pessoas saíram do carro e do grupo de três que se encontravam na rua e chamaram o do meio.

Segundo estas testemunhas, a vítima deu um ou dois passos em frente e desatou a correr.

«Sem que o tivessem mandado parar» — asseverou uma das testemunhas ouvidas: «ambos os polícias dispararam

sobre ele uns dez tiros, até o prostarem no chão».

Perguntado pelo juiz Santos e Sousa se tal facto «não lhe teria parecido uma execução», uma das testemunhas disse que «assim lhe pareceu».

Um dos agentes da Polícia Judicária intervenientes no incidente, José António Miguéis, é réu neste julgamento sob a acusação de homicídio voluntário simples.

O agente Miguéis é também acusado de ser o autor material de uma outra morte ocorrida em 1 de Fevereiro de 1980, frente à Boite Trumps, também em Lisboa.

O julgamento prossegue na próxima sexta-feira, dia 20.

O agente Miguéis encontra-se ausente em parte incerta desde que foi ordenada a sua prisão pelo J.izo na fase do despacho de pronúncia. Responde assim à revelia e a sua ausência do serviço já implicou a respectiva demissão.

O que se passa nas Construções Escolares?

Engenheiro fiscal alvo de processo disciplinar por denunciar "erros" de construção de uma escola

Mal vão as coisas para os engenheiros fiscais que prestam serviço na Direcção das Construções Escolares do Centro, cujo responsável é o engenheiro Adriano dos Santos Oliveira.

Seis dos oito engenheiros fiscais ali admitidos há um ano passaram já para outros organismos, logo que os respectivos concursos o permitiram.

O caso mais gritante de entre os seis, é porém, o que envolveu o engenheiro fiscal que pouco depois de ali ter sido colocado foi encarregado de fiscalizar a obra de construção da escola secundária de Nelas (Viseu).

Algumas das irregularidades de construção daquela escola foram apontadas na Imprensa em 1981, nomeadamente as concernentes (e óbvias) aos muros de suporte. «Muralhas» e «fortificações militares» foram algumas das designações que a Imprensa então lhes atribuiu, devido à sua monumental e desnecessária espessura, cujo custo estaria em desacordo com a austeridade apregoada pelo Governo.

O engenheiro fiscal verificou as anomalias e denunciou-as à DCEC. Recusou-se igualmente perante o próprio director da CEC a assinar os autos da mediação que fiscalizara por considerar que estavam erradas. Os erros ou exageros custaram ao erário público alguns milhares de contos. Ao contrário do que seria de esperar, isto é, que fossem punidos os responsáveis foi o engenheiro fiscal alvo dum processo disciplinar, posteriormente arquivado, dado que as acusações eram obviamente infundadas e caíam pela base.

10.500 contos de trabalhos a mais

Mas verifiquemos os factos. Quando começaram a surgir suspeitas de corrupção na construção da escola secundária de Nelas essas suspeitas chegaram à opinião pública, foi nomeado pela Direcção das Construções Escolares do Centro, um engenheiro fiscal recém-chegado à Função Pública (inexperiente, portanto, nestas funções) para analisar a obra.

Aquele técnico, alertado para as suspeitas de irregularidades, nomeadamente as relativas a medições, verificou que de facto, elas existiam. Algumas dificuldades se lhe depararam para concretizar a tarefa: por exemplo, o desaparecimento das medições e a omissão de regras de medição de alguns artigos do respectivo caderno de encargos.

Verificou na investigação que o dimensionamento exagerado dos muros de suporte, implicaram um volume muito maior de betão ciclópico, que havia um cálculo consideravelmente superior de volume de terra a remover, e que ninguém dizia o local do vazadouro, para onde teria sido removida essa quantidade de terra. Finalmente, detectou que o empreiteiro recebera já cerca de 10.500 contos por trabalhos a mais.

Apesar de ter informado a Direcção da CEC destas anomalias, delatou aquela direcção que o engenheiro fiscal assinasse os autos de medição que considerava errados. A recusa valeu-lhe a instauração, pelo director da CEC, dum processo disciplinar, em que era acusado de perturbar «o bom andamento dos trabalhos».

O técnico em questão recorreu a um advogado que teve oportunidade de constatar a falta de respeito pelas pessoas e certos preceitos legais que parece reinar na CE. Ao abrigo da legislação em vigor, o advogado tem direito a requerer que o processo do seu arguido lhe seja confiado para o examinar em sua casa. Com esse fim, o advogado do



Faltam escolas por todo o país, particularmente nas zonas periféricas dos grandes centros. As que são construídas de emergência, nem sempre nas zonas mais carenciadas, que problemas escondem?

engenheiro fiscal, alvo de processo disciplinar, enviou expressamente a Coimbra, em Julho de 1982, um mensageiro munido do requerimento e de uma autorização escrita. Depois de esperar cerca de duas horas na CEC, o mensageiro foi finalmente informado «com sobrançeria e arrogância» que o processo não lhe seria confiado. Insistiu então em entregar o requerimento e a autorização escrita e pediu que fosse passada uma nota explicativa da recusa, o que lhe foi negado por alguém que se intitulou secretário do sr. director.

Disto deu conhecimento o advogado ao ministro da Habitação, Obras Públicas e Transportes no recurso hierárquico que lhe endereçou, e no qual demonstrava estar o arguido isento de qualquer pena.

O processo disciplinar foi «metido na gaveta» e o técnico em questão depois de ter pedido transferência para outros serviços e lhe ter sido recusada pela direcção da CEC, passou a exercer funções noutra organismo, logo que teve oportunidade de se mudar, mediante concurso.

Comissão confirma excessos

O mais engraçado da questão é que as denúncias feitas pelo engenheiro fiscal alvo de processo disciplinar, foram confirmadas pelo inquérito, realizado pela Comissão Técnica dos Serviços Centrais (de Lisboa) entretanto nomeada pelo secretário de Estado das Obras Públicas, Eugénio Nobre, quando as anomalias da escola de Nelas vieram a público e aquele membro do Governo não teve outra alternativa, se não mandar proceder à análise da obra em curso.

Além de concluir que o terreno aprovado para implantação da

escola era desfavorável por não permitir drenagem de esgotos fácil e ser atravessado por uma linha de alta tensão, a comissão verificou que tinham sido introduzidas em obra, três alterações que implicavam trabalhos a mais os quais implicavam por sua vez, e obviamente, uma sobrecarga financeira para o Estado.

A primeira alteração, da responsabilidade da Direcção da CEC, traduzia-se na ampliação das plataformas envolventes dos vários edifícios, alteração que implicava o aumento dos volumes de escavações e dos volumes dos muros de suporte.

A segunda alteração constava da modificação do levantamento topográfico do terreno, sob a alegada existência de erros no primeiro levantamento, que servia de base ao contrato de adjudicação. Verificou a comissão que as medições iniciais estavam correctas, não havendo justificação para essa segunda mudança.

Estas duas alterações implicaram uma terceira, também não justificada pela comissão, de escavação considerável no terreno entre a estrada municipal e os edifícios, o que tornaria necessário a construção de outro muro. A solução inicial que previa a construção dum talude regularizado, foi considerado positiva pela comissão.

Constata também a comissão técnica desconhecimento do local do vazadouro onde deveriam ter sido colocadas as exa-gera-das quantidades de terra reunida, exigidas pelas alterações. De 27 mil metros cúbicos de terra a remover segundo as medições iniciais, a CEC propusera 75 000 m3 no tocante a escavações em terraplanagem.

Um muro de suporte que, de acordo com o projecto inicial seria construído com 150 m3 de

betão ciclópico passou, de acordo com as medições da CEC, a precisar de 900 m3 do mesmo material.

Como as alterações estavam já em fase de execução muito avançada, (enquanto o projecto previsto inicialmente estava em fase de execução atrasada) a comissão optou por introduzir no relatório recomendações finais, já que não era possível emendar o que estava feito. Entre essas recomendações registam-se a necessidade de maior rigor na escolha de terrenos para construção escolar, um estudo mais cuidado das implantações e adaptações aos terrenos e a necessidade de as alterações ao projecto inicial obedecerem a elaboração de estudos e projectos anteriores.

No entanto, alguma coisa foi emendada. Os custos do movimento de terras e muros de suporte, pedidos como adicionais pelo empreiteiro e já sancionados pela Direcção da CEC, que totalizavam 44 350 contos, passaram a cerca de 4000 mil contos. Em consequência dos resultados das conclusões do relatório, a direcção da CEC solicitou à DGCE a anulação dos primeiros adicionais exorbitantes, já enviados para Lisboa para serem aprovados pelo secretário de Estado das Obras Públicas...

País denuncia fraude na Preparatória de Santa Comba Dão

Outro caso, também dependente das Construções Escolares do Centro, que deu que falar, foi a construção da escola preparatória de Santa Comba Dão. O ministro - adjunto do primeiro-ministro, Fernando Amaral, admitiu no local haver fortes indícios de fraude na fiscalização da obra. Este facto foi transmitido pelos pais e encarregados de educação dos alunos ao se-

cretário de Estado das Obras Públicas, sem que alguma coisa se fizesse (pelo menos no imediato) para averiguar o que se passava.

A escola deveria estar pronta a funcionar em Outubro de 81 mas só abriu em Janeiro seguinte, ficando seiscentas crianças sem o primeiro período escolar. Como noticiava o «Diário de Coimbra» na sua edição de 23/2/82, o conselho directivo garantia que 70 por cento das 600 crianças estavam nesse ano lectivo à partida reprovadas, devido à perda das aulas.

Mas ainda assim a escola foi dada como concluída sem ter sido instalada a energia eléctrica, procedeu-se à instalação posteriormente, sendo para isso necessário abrir grandes fendas nas paredes para introduzir os cabos condutores.

A escola abriu ainda sem cantina.

O que se passa na Direcção-Geral Construções Escolares?

Sob este título publicou o «DL» na secção «Tem a palavra o leitor» em 10/1/83, uma carta em que se relatavam várias anomalias, algumas relativas ao procedimento do director dos Serviços de Administração, da Direcção-Geral das Construções Escolares, Vieira Costa.

Tal carta levou a que vários trabalhadores elaborassem um pequeno «dossier» de textos publicados na Imprensa contendo anomalias das Construções Escolares e a política de compadrio ali vigente.

Esse dossier foi enviado, juntamente com uma carta, ao Presidente da República, provedor da Justiça, e a um deputado de cada um dos partidos com assento na AR. Pediam os signatários que as personalidades a que se dirigiam actuassem para repor a dignidade da DGCE e, no caso dos deputados, que visitassem as instalações e contactassem o director-geral e o director dos Serviços de Administração. Não se sabe se alguma dessas coisas aconteceu. O que se sabe é que o director dos Serviços de Administração está a tratar rapidamente da sua aposentação.

Alguns trabalhadores com quem falámos, afirmaram-nos: «O director-geral, eng.º Macedo Gonçalves, a quem, mais uma vez, não pomos em causa a competência e honestidade, demonstra, perante um «tigre de papel», uma incompreensão e inaceitável pusilanimidade. Como seria sua obrigação, face às graves acusações que impendem sobre o dr. Vieira Costa, deveria instaurar um inquérito disciplinar com vista à culpabilização ou ilibação formal desse seu director dos Serviços de Administração.»

Continua, portanto, actual a pergunta que se fazia há meses: o que se passa nas Construções Escolares? Actual se mantém igualmente a necessidade de se ponderar sobre estas questões, agora que corre insistentemente nos corredores da Direcção-Geral das Construções Escolares, a eventualidade de o ministro das Obras Públicas do próximo governo PS-PSD ser o SEOP Eugénio Nobre.

Conselho da Europa lança programa escolar de Direitos Humanos

Os direitos humanos vão ser ensinados às crianças das escolas dos países do Conselho da Europa - informaram peritos daquela organização.

O Conselho da Europa realiza entre os dias 17 e 20 um simpósio sobre o tema «O ensino dos direitos humanos nas escolas da Europa Ocidental» que visa elaborar um programa de ensino essencialmente prático, segundo a ANOP.

Este programa, que deverá ser aprovado pelos ministros dos Negócios Estrangeiros dos 21 países do Conselho, visa preparar os professores para desenvolverem nas crianças um estado de espírito favorável a esta aprendizagem e a consciência de que o respeito pelos outros é vital.

Políticos e educadores europeus insistem, há anos, na necessidade do ensino dos direitos humanos nas escolas, que consideram fundamental na Educação.

Oliveira de Azeméis vai ter mais uma CIOL

A Segunda Feira Comercial, Industrial e Agrícola de Oliveira de Azeméis (CIOL - 83) realiza-se de 2 a 10 de Julho nesta vila do distrito de Aveiro - anuncia-ram os organizadores.

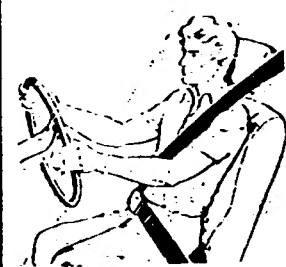
Em conferência de Imprensa, anunciaram que o certame deverá ser visitado por cerca de 50 mil pessoas, mais de 20 mil do que a anterior edição, realizada em 1981.

Afirmaram também que apesar de as inscrições só encerrarem no fim de Maio, já se encontra inscrito um número significativo de empresas, representando os principais sectores económicos da região e de outros pontos do País.

A organização espera a presença do Presidente da República, general Ramalho Eanes, bem como de membros do Governo, a quem já foram endereçados convites.

O certame, cujo orçamento é da ordem dos 5,6 milhões de escudos, foi criado em 1981, pela Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, entidade que também organiza e patrocina a edição deste ano.

No âmbito do respectivo programa realizar-se-ão umas jornadas técnicas de carácter económico, além de várias iniciativas de natureza cultural, desportiva e recreativa.



Use sempre o cinto de segurança



chutar e viver

Nos transportes

Intransigência do Governo e dos CGs poderá conduzir a novas formas de luta

A Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários e Urbanos (FESTRU) advertiu em comunicado que os trabalhadores do sector estão dispostos a desencadear novas formas de luta se o Governo e os conselhos de gerência das empresas mantiverem a sua intransigência nas negociações para a actualização dos salários.

Na Rodoviária Nacional, diz o documento, apesar de o actual acordo de empresa estar em vigor desde Junho de 1981, o CG mantém uma proposta de manutenção dos actuais salários sem qualquer aumento, argumentan-

do com um aumento salarial aplicado por acto de gestão em 1982 e que, em qualquer caso está mais que desactualizado.

No Metro, com as actuais tabelas salariais em vigor há mais de 15 meses, o CG mantém uma proposta de aumento global da ordem dos 13 por cento. Na última reunião, o CG recusou iniciar a discussão só porque da parte sindical se encontravam presentes mais elementos do que era habitual.

Na Carris, com os actuais salários em vigor há 17 meses, a comissão administrativa mantém uma proposta de aumento global

de menos de 15 por cento.

De referir que também na CP se mantém um conflito com o conselho de gerência, relacionado com as negociações salariais.

Na Rodoviária Nacional está marcado para o próximo dia 25 um plenário nacional de estruturas representativas dos trabalhadores com vista a analisar a situação existente na empresa, bem como das acções a adoptar caso se mantenha a posição do CG.

O comunicado da FESTRU diz que na Carris, em plenário das estruturas representativas dos trabalhadores, efectuado no pas-

sado dia 10, foi aprovada uma resolução segundo a qual será apresentada uma proposta à CA, tendo por base os pontos fundamentais das propostas anteriormente formuladas, que inclui um adiantamento imediato de 4400\$00 a cada grupo salarial com efeitos a 1.1.83 sem prejuízo do prosseguimento das negociações. Se até ao próximo dia 19 a CA não se pronunciar pela aceitação da proposta apresentada, os trabalhadores reunir-se-ão nesse mesmo dia e decidirão do prosseguimento da luta.

Depois de referir que a intransigência «inexplicável» dos CG's

«só pode conduzir a um desnecessário aprofundamento da perturbação no sector, com todos os prejuízos que daí decorrem», a FESTRU sublinha: «Não se compreende que se insiste na pretensão de fixar limites à contratação colectiva nas empresas dos transportes, quando tais limites foram já derrubados e ultrapassados na maioria das empresas, designadamente nas empresas públicas. Nem se admite que os CG's das empresas dos transportes pretendam perpetuar uma política claramente derrotada».

Mineiros da Panasqueira contra «lock-out» da administração

Os mineiros da Panasqueira apresentaram-se esta manhã ao serviço, em luta contra o «lock-out» declarado pela administração da transnacional Beral, Tin and Wolfram, às 22 e 30 da passada sexta-feira.

A administração das minas fundamentou a sua atitude no facto de, segundo afirma, existirem cerca de 300 quilos de explosivos nas galerias e, assim, não estar garantida a segurança de trabalhadores e instalações.

De referir que os trabalhadores das Minas da Panasqueira estão em greve de duas horas por dia, desde segunda-feira passada, lutando por aumentos salariais de 25 por cento e pela negociação de um caderno reivindicativo apresentado em Janeiro, em que se exige a melhoria das condições sociais de trabalho.

Um dirigente do Sindicato dos Mineiros do Norte declarou que a «responsabilidade de a mina estar transformada num paiol é da administração», que nos dois primeiros dias da greve mandou colocar nas profundidades da mina os explosivos.

Os órgãos representativos dos trabalhadores condenaram o facto de «a administração ter obrigado os trabalhadores que não aderiram à greve, do interior da mina, a trabalharem no seu exterior».

Os sindicatos declinaram qualquer responsabilidade sobre eventuais acidentes decorrentes do facto de as frentes da mina estarem carregadas com explosivos sem serem despoletados.

Entretanto, um grupo da comissão Intersindical da Panasqueira deslocou-se hoje a Lisboa para se avistar com vários órgãos do poder para debater e «dar conta da situação».

Estão previstos contactos com os Ministérios do Trabalho e da Indústria, e a Direcção-Geral de Minas.

A paralização de duas horas por turno da Panasqueira afectou mais de 800 trabalhadores e tem como base a defesa do caderno reivindicativo em que os trabalhadores defendem aumentos salariais de 25 por cento e a empresa contrapõe 15 por cento de aumento a partir de Abril.

Eleições no Sindicato do Comércio de Lisboa

Realizam-se na próxima quinta-feira, dia 19, as eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços de Lisboa.

A lista A, candidata às eleições e que se subordina ao lema «Pela democracia/por melhores condições de vida/participar, organizar/fortalecer o sindicato», divulgou o seu programa de acção, em que se compromete a, durante o seu mandato, «levar por diante as acções necessárias para prosseguir o trabalho no sentido de melhor adequar as estruturas existentes, alargar e consolidar a unidade entre todos os trabalhadores e com eles levar por diante o combate por melhores condições de vida e de trabalho».

Esta acção, sublinha, pautar-se-á pelas conclusões do IV Congresso da CGTP-IN «expressas no Programa de Acção apresentado à classe», por considerar que «para um número considerável e cada vez maior de trabalhadores de escritório existem de novo condições para

uma participação ampla e democrática na vida sindical».

Num documento distribuído aos trabalhadores do comércio e serviços, a lista A, além das considerações sobre o direito e o dever de votar no próximo dia 19, diz nomeadamente o seguinte:

«O nosso sindicato está na posse de documentos que apontam para a realização, dentro em breve, de mais uma ofensiva ogovernamental, no sentido da liberalização dos horários de abertura dos estabelecimentos. Procura-se, mais uma vez, destruir a **semana inglesa** e permitir o trabalho aos domingos, nomeadamente nos «Centros Comerciais» que poderão permanecer abertos, todos os dias da semana, das seis às 24 horas. Aproxima-se, pois, uma grave e importante luta a travar em defesa das nossas mais gratas conquistas. O reforço da unidade, em torno do Movimento Sindical, representa a única e sólida garantia de vitória, erguida pela luta dos trabalhadores».

Listas PS e PSD pretendem agir disciplinarmente contra os «faltosos» ao Congresso dos Seguros

● Lista «Alternativa» desmente a intenção de criar novo sindicato

Os delegados das listas A e B, eleitos para o II Congresso do Sindicato dos Seguros do Sul e Ilhas exigiram ao conselho de disciplina que «sejam levantados aos delegados faltosos procedimentos disciplinares».

Recorde-se que o Congresso dos Seguros deveria ter-se realizado este fim-de-semana, o que não chegou a acontecer por falta de «quorum», provocada pela ausência dos delegados da lista «Alternativa». Na origem desta atitude está, segundo os membros desta lista, a prática antidemocrática da direcção do sindicato.

Numa moção aprovada, os delegados eleitos pelas duas listas presentes condenaram o que consideram uma «atitude antidemocrática dos delegados comunistas» e decidiram «a realização do congresso em data oportuna, empenhando-se totalmente na dinamização do sindicato».

Nos considerandos a moção afirma que a não realização deste fim-de-semana do congresso provoca prejuízos ao sindicato superiores a três mil contos.

Torres Couto, que esteve presente em representação da UGT e como dirigente do sindicato, afirmou que há condições para em breve se realizar o congresso e que «não poderemos permitir que uma minoria continue a bloquear o sindicato» adiando a possibilidade de recorrer ao disposto no Código Civil para realizar o congresso sem o número estatutariamente exigido, uma vez que estará presente a maioria dos delegados.

«Repórter a democracia sindical»

Como já oportunamente noticiámos, os elementos da lista «Alternativa» justificaram em conferência de imprensa a sua não comparência no II Congresso do Sindicato dos Seguros do Sul e Ilhas por não ter sido possível o entendimento com as outras listas quanto a pontos que consideram essenciais para «repórter a democracia sindical».

Entre esses pontos, que constam do programa da lista «Alternativa» inclui-se a eleição directa da direcção por voto de todos os associados, a realização de reuniões magnas de sócios do sindicato, gerais, descentralizadas ou regionais, assembleias gerais deliberativas «para assuntos de transcendente importância» e fomentar a participação dos trabalhadores na vida sindical. A lista «Alternativa» defende ainda a alteração dos círculos eleitorais, a recusa do Pacto Social e a «recuperação das regalias e direitos dos trabalhadores de seguros constantes do ACT de integração da Caixa de Previdência de Seguros na Previdência Social», rejeitando a proposta da tendência socialista de aumento da quotização de 12 para 14 meses anuais, assim como a inclusão por inerência dos membros do secretariado em futuros congressos.

Os membros da lista «Alternativa» apontaram ainda como razões da ausência do congresso a «impossibilidade prática de poderem respeitar os compromissos assumidos no programa de acção» e a «inviabilização, por parte da tendência socialista, de

um sindicato forte e democrático capaz de enfrentar o futuro».

Na perspectiva da lista «Alternativa» um sindicato forte e participado pelos trabalhadores é particularmente necessário porque «se perfilham no futuro ameaças de abertura dos seguros à iniciativa privada, que poriam em perigo postos de trabalho», e porque «há problemas graves a resolver, nomeadamente a degradação da Previdência».

Um porta-voz da lista «Alternativa» sublinhou que «não corresponde à verdade qualquer especulação de que a atitude assumida pela lista visaria a criação de novo sindicato».

Nos termos dos Estatutos, o Congresso do Sindicato dos Seguros do Sul e Ilhas só pode iniciar-se com a presença de pelo menos três quartos dos delegados, pelo que seria necessária a presença de 225 dos 300 delegados, para dar início aos trabalhos.

Contando com 92 delegados, a não participação da lista C inviabilizou a realização do Congresso.

Nas eleições para delegados ao Congresso, realizadas a 22 de Março a lista A (tendência socialista) obteve 3730 votos, conquistando 147 mandatos, a lista B (social-democrata), 1607 votos e 61 mandatos e a lista C («Alternativa») 2445 votos e 92 mandatos.

Votaram 8074 dos 11 220 eleitores inscritos.

O II Congresso deveria decorrer na sexta-feira e sábado num hotel de Lisboa, devendo entre outros pontos eleger os órgãos dirigentes do sindicato.

Inter após Conselho Nacional

Disposição para o diálogo mas preocupação pela entrada do PSD no Governo

«Responsavelmente preocupada com a crise, a CGTP-IN manifesta-se interessada no diálogo porque está sinceramente empenhada na resolução dos problemas nacionais, mas não aceitará que a «crise» seja utilizada como factor de chantagem e coacção sobre os trabalhadores e justificação para a limitação dos seus direitos e para o agravamento das suas condições de vida, nem pretexto para alterações à filosofia económica contida na Constituição», concluiu o Conselho Nacional da central sindical no termo de uma reunião de dois dias que debateu a situação político-sindical.

Depois de salientar a importância da luta dos trabalhadores no «processo de desagregação e consequente derrota dos partidos da AD», a Intersindical considera que os resultados eleitorais traduzem não só a «condenação clara da política ruínoza do PSD e do CDS», mas também a «vontade inequívoca» de afastamento desses partidos da área do Poder.

Por isso «a eventual entrada do PSD para o Governo — o

principal partido da «AD» e o mais responsável pela sua desastrosa política — é motivo de profunda inquietação e de desconfiança por parte dos trabalhadores». Por outro lado, a CGTP manifesta a sua preocupação pela «satisfação da CIP após o encontro com Mota Pinto» que só poderá ser entendida «como tendo obtido garantias de que as suas exigências reacções seriam acolhidas a nível governamental». No plano social a CGTP constata o agravamento da situação de milhares de trabalhadores com salários em atraso, o aumento do desemprego e a deterioração das condições de vida bem como a intensificação das «violações aos direitos, liberdades e garantias dos trabalhadores».

Finalmente, a central sindical reafirma o seu propósito de não aceitar «que se faça depender de quaisquer acordos com o patronato, as respostas concretas do Governo às propostas e reivindicações aprovadas pelo IV Congresso», designadamente os «22 pontos» do caderno reivindicativo e o Programa de Acção para 3 anos.

O Ministério dos Transportes analisou 13 processos disciplinares da CP tendo despedido oito maquinistas e reformado compulsivamente um — revelou um porta-voz do Ministério.

Acrescentou que três outros processos foram arquivados e um enviado para reanálise.

O informador ministerial, su-

blinhou que o total de processos analisados se eleva a 36, dos quais 22 resultaram em despedimento, dois em reformas compulsivas, oito foram arquivados e quatro enviados para reanálise.

O porta-voz do Ministério dos Transportes, referindo-se a notícias de dois despedimentos não divulgados pelo Ministério,

salientou que recentemente foram despedidos dois maquinistas por razões que nada têm a ver com a recente greve e requisição civil na CP.

Precisou que um daqueles maquinistas foi despedido por ter sido considerado culpado de negligência num desastre ferroviário em Vale de Santarém, e o

outro por ter violado há semanas, em Ermesinde, uma menor atrasada mental.

Entretanto, prossegue a greve de zelo dos maquinistas da CP, cujos efeitos, sobretudo nas linhas de Sintra e Cascais, não se têm feito sentir de modo significativo.



Acordo com Israel em debate hoje no Parlamento do Líbano

O Parlamento libanês está hoje reunido para debater o acordo israelo-libanês com vista à retirada das tropas estrangeiras do Líbano.

Sábado passado, o Conselho de Ministros libanês, reunido extraordinariamente, aprovou, por unanimidade, o acordo, que foi rejeitado por países árabes e pela Organização de Libertação da Palestina (OLP).

Chafic Wazzan, chefe do governo libanês, disse que a posição definitiva do seu Executivo em relação ao acordo será tomada depois de ser consultado o Parlamento.

A Síria, rejeitou oficialmente o acordo, por «implicar uma diminuição da soberania e da independência do Líbano, uma submissão deste país a Israel e ao imperialismo e por constituir um grave perigo para a Síria».

Fontes oficiais em Damasco afirmaram que o acordo foi considerado «muito mau, tanto na forma, como no conteúdo».

A Organização de Libertação da Palestina manifestou a sua rejeição ao acordo, declarando que este «legitima a invasão israelita contra o Líbano e resulta de pressões dos Estados Unidos sobre o governo de Beirute».

O dirigente líbio, Muammar Kaddafi, reagiu, também, negativamente, ao acordo israelo-libanês, afirmando que este é «decretado anti-árabe e legaliza, de facto, a ocupação israelita do Líbano, privando este país da sua soberania».

Kaddafi disse que o acordo «corresponde apenas aos interesses dos Estados Unidos e de Israel e cria condições para a

ampliação da presença militar norte-americana na zona».

Walid Jumblat

O Partido Socialista Progressista libanês (PSP) de Walid Jumblat pediu ao governo e ao parlamento libanês que «não ratifiquem o acordo com Israel, porque este faz parte dum plano visando a divisão do Líbano».

Num comunicado reproduzido pela imprensa, o PSP considera que «o acordo legaliza a presença israelita no Líbano e nomeadamente no sul do Líbano, e que qualquer manutenção duma presença israelita no país causará a divisão do Líbano e a criação dum pequeno Líbano, conforme os objectivos dos que desejam constituir um lar nacional cristão».

Principais pontos do acordo

— segundo a Imprensa síria

A Imprensa síria publicou no sábado o que afirma ser o texto integral do projecto de acordo israelo-libanês.

Depois de ter, num preâmbulo, proclamado «o fim do estado de guerra entre si», Israel e o Líbano renunciam a utilizar «a ameaça e a força» nas suas relações e comprometem-se a respeitar mutuamente a sua soberania.

Em consequência, «Israel compromete-se a retirar as suas Forças Armadas do Líbano», e estabelece-se que «as fronteiras entre os dois países são invioláveis».

Precisa-se depois que a retirada israelita se efectuará num prazo de oito a doze semanas após a entrada em vigor do acordo.

As duas partes «estabelecem e aplicam arranjos de segurança, incluindo (...) uma zona de segurança», (a Imprensa síria não se refere à sua extensão).

«Os territórios das duas partes não serão utilizados como base para uma actividade inimiga ou terrorista contra a outra parte ou o seu povo». Israel e o Líbano comprometem-se assim a opor-se à «presença ou instalação» de quaisquer forças irregulares ou estrutura que visaria «o lançamento de ataques contra

os territórios da outra parte o qualquer outra acção terrorista no interior desses territórios», ou ameaçaria a sua segurança ou a dos seus habitantes.

Para esse fim, «todos os acordos ou arranjos autorizando a presença e a acção, nos territórios de uma das duas partes, de elementos hostis à outra parte, tornam-se nulos e sem validade».

Por outro lado, cada um dos dois países compromete-se a não utilizar o território do outro «para desencadear um ataque militar contra o território do outro

«para desencadear um ataque militar contra o território de um terceiro estado».

Líbano e Israel instauram um «comité comum de ligação» ao qual os EUA estão «associados». Este comité, encarregado de «controlar a execução do acordo em todos os seus aspectos», reunirá periodicamente, no Líbano e em Israel e tomará as suas decisões por unanimidade.

No quadro do comité é instituída uma «comissão dos arranjos de segurança», encarregada de controlar a execução dos compromissos e de criar comissões mistas de controlo. Será formada por representantes lí-

baneses e israelitas em número igual, e um delegado americano participará nas reuniões, a pedido de uma das duas partes.

Cada uma das duas partes tomará, «num prazo não superior a um ano a partir da entrada em vigor do acordo, todas as medidas necessárias para a anulação dos tratados, leis e regulamentos contrários a este acordo». Os dois países comprometem-se também a «não executar nenhum compromisso actual contrário a este acordo e a não concluir novos compromissos ou a adoptar leis» que lhe sejam contrárias.

Cada um dos dois países compromete-se a «impedir a entrada, a instalação e a passagem pelo seu território, incluindo o espaço aéreo e as suas águas territoriais (...) de forças ou equipamento militares de qualquer outro estado hostil» ao outro país.

Acorda-se também que as forças internacionais — que devem vir de países mantendo relações com as duas partes — são autorizadas a instalar-se no território libanês, «de acordo com pedido do respectivo governo, «para ajudar este último a consolidar a sua autoridade».

A 24 horas do reinício das conversações

“Washington não aspira — denunciam comentadores

Reiniciam-se amanhã, em Genebra, as negociações soviético-americanas. Num quadro de pessimismo, os soviéticos têm vindo a afirmar que não aspiram a um acordo. Poderá estar assim adiada a «mudança positiva» de Moscovo esperavam de Washington, bem como a «détente» nas relações. Opinião semelhante à dos soviéticos foi a expressa no passado sábado pelo primeiro-ministro canadiano, Pierre Trudeau. Trudeau considerou que a atitude hostil do primeiro-ministro americano em relação à URSS o impede de procurar verdadeiramente a Paz.

O pessimismo parece ter-se instalado em Moscovo na véspera de uma nova fase das negociações de Genebra. Esta é a opinião generalizada de comentadores oficiais soviéticos que, a escassas horas do reinício dos trabalhos na cidade suíça, sublinham que «Washington não aspira minimamente a um acordo».

Alexandre Bovine, um dos comentadores soviéticos mais em destaque, afirmou ontem, num programa televisivo, que «os Estados Unidos não querem qualquer compromisso», enquanto a «URSS se mostrou pronta para andar metade do caminho».

Bovine referia-se à proposta de 3 de Maio, na qual Yuri Andropov propunha negociar a igualdade dos potenciais nucleares na Europa em relação às ogivas nucleares tendo em consideração os arsenais estratégicos britânicos e franceses. No entanto, Paris e Londres já rejeitaram esta proposta de Andropov.

Outro ponto de desacordo que opõem soviéticos e americanos relaciona-se com a proposta de «solução provisória» apresentada em 30 de Março por Ronald Reagan. A posição americana radica na convicção da superioridade do Pacto de Varsóvia em relação à NATO, versão contestada, desde o início, por Moscovo. Deste modo, a «solução provisória», que pretende a instalação de um menor número de mísseis da NATO (em relação ao previsto pela decisão da Aliança Atlântica de 1979) contra

“Reagan não procura a Paz”

— acusa primeiro ministro canadiano

O primeiro-ministro canadiano, Pierre Elliot Trudeau, declarou, sábado, que, segundo ele, os receios do público segundo o qual a «atitude belicosa e hostil do presidente Reagan contra a URSS o impede de procurar verdadeiramente a paz», são justificados.

Numa entrevista publicada sábado no «Toronto Star», Trudeau acrescenta que pensa ser «absurda» a ideia da administração Reagan, segundo a qual os Estados Unidos poderiam ganhar uma guerra. «Penso, acrescentou, que a URSS é uma grande potência e deverá ser tratada como tal.»

Trudeau precisou que em matéria nuclear, «os Estados Unidos deverão dialogar com os soviéticos e não os tratar como criminosos».

Por outro lado, Trudeau indicou que os países do Terceiro Mundo não produtores de petróleo têm necessidade de cerca de 82 mil milhões de dólares este ano para evitar a falência.

O primeiro-ministro canadiano criticou, por outro lado, a atitude dos Estados Unidos que, segundo ele, não contribui o suficiente para o desenvolvimento internacional. Trudeau afirmou ainda que tentará obter um maior auxílio para os países do Terceiro Mundo no decorrer da cimeira económica de Williamsburg.

uma redução substancial do número dos «SS 20» apontados à Europa ocidental, não será base de qualquer negociação. Por outro lado, os soviéticos sublinham que a transferência para a Ásia de «SS 20» implantados actualmente na parte europeia do seu território, está no âmbito do seu direito soberano, como Andrei Gromiko acentuou em 2 de Abril passado. Também neste ponto, as opiniões divergem, pois os EUA pedem os mísseis soviéticos desmantelados na parte eu-

ropeia do território da URSS, sejam destruídos.

Por tudo isto, o «Pravda» escrevia na sua edição de ontem que «a palavra pertence agora aos Estados Unidos e aos seus aliados da NATO». E, uma certa transigência não parece colher a simpatia de Washington. A luz destes factores, comentadores soviéticos e observadores diplomáticos em Moscovo, não vêem com grande futuro o reinício das negociações de Genebra.

Segundo observadores em Moscovo

Chefe de Estado da URSS será designado a 16 de Junho

A designação do novo chefe de Estado soviético ocorrerá provavelmente durante a próxima sessão do Soviète Supremo, convocada para o próximo dia 16 de Junho, consideram os observadores em Moscovo.

Essa oitava sessão da 10.ª legislatura será antecidida por um plenário do Comité Central do Partido previsto para 14 de Junho, soube-se recentemente de fontes bem informadas.

Será durante esse plenário, dedicado às questões ideológicas, que segundo essas fontes irá ser escolhido um candidato para suceder a Leonidas Brejnev na Presidência do Soviète Supremo, posto que se encontra vago desde a sua morte no passado, dia 10 de Novembro. Essa candidatura, conforme o processo previsto, será imediatamente submetida à aprovação do Soviète Supremo.

A anterior sessão do Soviète Supremo, recorda-se, realizou-se nos dias 23 e 24 de Novembro últimos, ou seja 13 dias depois da morte de Brejnev e onze dias depois da eleição de Yuri Andropov para o cargo de secretário-geral do PC Soviético. Contra toda a expectativa, essa reunião terminou sem a eleição

do chefe de Estado. No entanto, o sucessor de Brejnev para a chefia do Partido foi eleito por unanimidade membro do Presidium do Soviète Supremo.

Se essa eleição se realizar há poucas possibilidades que o cargo escape a Andropov, pensam os analistas ocidentais. Após seis meses de exercício do poder, a autoridade do secretário-geral do PCUS parece ter-se claramente reforçado dentro dos órgãos dirigentes.

Eclipsando todos os seus colegas do Politburo, Andropov está a cuidar dessa imagem de líder ao intervir constantemente sobre os problemas mais urgentes da actualidade internacional e nomeadamente sobre a questão dos euromísseis.

Andropov, notam os observadores, acaba também de ver confirmado o apoio do Exército dentro do qual goza «duma consideração e de uma autoridade imensas», segundo o ministro da Defesa, marechal Dmitri Ustinov.

Finalmente, ao seu título de secretário-geral veio somar-se o de «presidente do Conselho de Defesa», função que Brejnev também ocupava.

Pré

Democratas fazem “n

Dez dias depois da dissolução das câmaras, que tinha contribuído para provocar, o Partido Socialista Italiano, que no entanto não passa da terceira formação do país pois ocupa uma posição central na campanha para as eleições gerais de 26 e 27 de Junho próximo.

A quarenta dias do escrutínio, o tema dominante dos discursos dos dois maiores partidos do país — a Democracia Cristã (38 por cento dos votos) e o Partido Comunista (30 por cento) — é uma invocação ao secretário do Partido Socialista, Bettino Craxi: «Escolha com quem quer governar», dizem-lhe em substância tanto o democrata cristão Ciriaco de Mita, como o comunista Enrico Berlinguer.

Preocupados em «desbastar o mais possível» e em aumentar o mais possível o seu peso eleitoral (10 por cento em 1979, de 12 a 14 por cento nas eleições parciais desde então realizadas), o Partido Socialista até agora respondeu negativamente ao Partido Comunista que lhe propõe «a alternativa democrática» — uma forma italiana da «unidade de esquerda» — mas sem com isso prometer o que quer que seja à Democracia Cristã.

A semana passada, os socialistas denunciaram violentamente a decisão de Amintore

EXTREMO ORIENTE

16.º ANO DE CRESCENTE EXITO

SONHO JAPÃO
18 Dias DO JAPÃO

VISITANDO JAPÃO · HONGKONG · MACAU · TAILÂNDIA
PARTIDAS 6 JUN · 4 e 11 JUL · 1 e 15 AGO · 5 e 12 SET · 3 OUT

INDIA, NEPAL E TAILÂNDIA

16 DIAS PARTIDAS 4 JUN 16 JUL 6 AGO 3 SET 15 OUT

TAILÂNDIA

11 DIAS PARTIDAS 2 JUN 7 JUL 4 AGO · 1 SET · 6 OUT

TRIÂNGULO ORIENTAL

VISITANDO SINGAPURA · TAILÂNDIA · SRI LANKA (CEILÃO) · BOMBÁIM
15 DIAS PARTIDAS 17 AGOSTO 14 SETEMBRO

ILHAS DA MALÁSIA fascinante

VISITANDO JAPÃO · CHINA · HONGKONG · MACAU · TAILÂNDIA
25 DIAS PARTIDAS 4 JULHO 5 SETEMBRO

INSCRIÇÕES DESDE 1840

abreu

LISBOA Avenida da Liberdade 160 Te 371341
LISBOA Avenida de Roma 66 B Te 803609
ALMADA Rua de Oliveira, 9 C Te 2756272
PORTO BRAGA COIMBRA FARO PORTO MAO FUNCHAL

MOBÍLIAS

MODERNAS
SÉCULO XVII
BARROCO
D. MARIA
IMPÉRIO
LUIS XV E XVI
D. JOSÉ
D. JOÃO V
ETC.

FACILIDADES
DE PAGAMENTO E TROCAS
DE MOBÍLIAS USADAS

ARMAZENS MÓVEIS JORGE
AVENIDA ALMIRANTE REIS, 35
(Perto da Igreja dos Anjos)

HÁ BEBER E
HÁ VIVER

— Para ir e voltar não beba quando guiar.

ações de Genebra

a a um acordo”

ores soviéticos

americanas sobre os euro-
que os Estados Unidos
va», que as autoridades
as relações leste-oeste.
lo pelo primeiro-ministro
presidente Reagan em

Pacifistas definem pro- grama de acção

Ações concertadas e não violentas à escala europeia contra a instalação, no próximo Outono, dos euromísseis da NATO, foram propostas pela Segunda Conferência sobre o Desarmamento Nuclear Europeu, que terminou no passado sábado em Berlim Ocidental.

O porta-voz dos organizadores da conferência anunciou que os 3000 representantes tinham chegado a um consenso a favor de acções de desobediência civil e de organização de referendos populares, nomeadamente nos cinco países onde as novas armas (mísseis Pershing II e Cruise) devem ser instalados (RFA, Grã-Bretanha, Itália, Holanda e Bélgica).

Para além das manifestações de massas, a partir de Outubro, os movimentos pacifistas previram diversas formas de «desobediência cívica», em particular a «ocupação não violenta» dos locais de estacionamento previstos para os euromísseis e o «bloqueio» dos meios de transporte utilizados para o encaminhamento de material militar.

Ações espectaculares como «o jejum para a vida» e uma «resistência quotidiana»

foram anunciadas. A «resistência quotidiana» deve ir de «consultas médicas por motivos de angústia nuclear» a pedidos de exoneração para a parte dos impostos destinada ao armamento, passando por minutos de silêncio em locais públicos e pela criação de estações de «Rádio para a Paz».

Num resumo final fornecido à imprensa, os porta-vozes do comité de organização salientaram, por outro lado, a «profunda desconfiança» dos movimentos de paz em relação às negociações americano-soviéticas de Genebra sobre os euromísseis. As organizações pacifistas afirmam que também não esperam um «resultado aceitável» destas conversações. Aproveitaram, contudo, como «solução intermédia» a continuação das negociações para além do ano de 1983, associada a uma paralisação de todos os preparativos da instalação.

Os participantes na conferência concederam uma grande importância aos referendos populares, cuja realização concertada deve ser discutida em Junho próximo numa reunião especial. Estes referendos devem ser «uma revolta plebiscitária contra o rearmamento da NATO».

A conferência reafirmou, por fim, a sua opção a favor de uma «Europa desnuclearizada desde a Polónia a Portugal». Os porta-vozes salientaram que os movimentos pacifistas europeus, não-alinhados pelos blocos de Leste ou Oeste, estão também conscientes da ameaça representada pelas armas nucleares estacionadas na parte ocidental da URSS.

No entanto, segundo um deles, a «prioridade absoluta» vai para a luta nos países de estacionamento dos novos mísseis atlânticos.

é campanha eleitoral italiana

tas cristãos e comunistas ‘namoro’ aos socialistas

Fanfani, chefe do Governo demissionário no qual participam, propôs ao Parlamento, recorrendo a um procedimento de urgência, um decreto lei que aumenta as despesas sanitárias de 380 milhões de liras (mais de dois milhões de escudos). «Uma baixa manobra eleitoral, a Democracia Cristã só aplica o rigor económico em palavras», declarou o ministro socialista Giovanni De Michelis.

O patrão dos patrões italianos, Vittorio Merloni, presidente da poderosa «Confindustria», dirigiu, por seu lado, uma censura ao conjunto dos partidos políticos, culpados, segundo o seu ponto de vista, por não fazerem frente realmente aos males maiores da economia italiana: inflação, défice orçamental, concessão de crédito, etc. «Nos próximos dez meses, será decidido o futuro da Itália durante dez anos», disse Merloni, ao mesmo tempo que as últimas indicações sobre a conjuntura confirmam a amplitude da recessão que atinge a economia italiana.

Durante os primeiros três meses do ano, a produção industrial recuou de 7,5 por cento em relação ao ano passado, com uma tendência para diminuir nitidamente mais acentuada na indústria pesada.

Os sindicatos operários pretendem igualmente pesar ao longo da campanha eleitoral e previram uma greve geral no próximo dia 27 de Maio para exigir a renovação dos contratos colectivos de oito milhões de trabalhadores.

Enquanto espera, para travar tanto quanto possível a progressão do «Partido Abstenционista» confirmada por diversas sondagens, os estados maiores políticos propõem lugares a certos nomes prestigiados: uma das filhas de Aldo Moro será candidata nas listas da Democracia Cristã, enquanto Nando Dalla Chiesa, filho do general assassinado pela Mafia, declinou um convite do Partido Comunista. Verificou-se igualmente uma recusa por parte do cirurgião que tinha operado o Papa após o atentado da praça de São Pedro, o dr. Franco Crucitti, convidado pela Democracia Cristã.

Finalmente, o ministério do Interior tinha registado ontem, dez dias antes da data limite para a entrega das listas, várias candidaturas originais, como as propostas pela «associação contra a partidocracia», «os cavaleiros do nada», a «frente para a Sicília independente», assim como a de cinco grupos que dizem representar os reformados.

Rusgas gigantescas nos bairros populares de Santiago do Chile

A organização de rusgas gigantescas nos bairros populares de Santiago assinala um claro endurecimento da atitude do Governo militar do general Pinochet face ao primeiro movimento de contestação de massas que tem de enfrentar, desde o sangrento golpe de Estado de Setembro de 1973.

Este endurecimento surge no próprio momento em que, nos sectores próximos do poder, se vão multiplicando os apelos ao diálogo e à abertura do regime ditatorial, abalado por uma muito grave crise económica.

Segundo testemunhas, a Polícia Militar de Santiago levou, no sábado passado, cerca de mil pessoas para os estádios, depois de as ter detido nos bairros pobres do Sul da capital, onde foram erguidas barricadas durante o Dia Nacional de Protesto organizado na quarta-feira pelos sindicatos chilenos. Com os civis detidos no chão ou alinhados contra os muros, a Polícia levou a cabo, rudemente, controlos de identidade.

O comando militar da zona de emergência de Santiago indicou que tencionava «fazer a lista dos sectores onde a presença de delinquentes subversivos e de direito comum foi denunciada», e que a Polícia recebeu ordens para «detectar e prender elementos anti-sociais».

As manifestações de quarta-feira, cujo sucesso ultrapassou as esperanças dos sindicalistas, saldaram-se por 350 prisões e dois mortos a tiro pela Polícia.

Na sexta-feira, dia das exéquias das duas vítimas, voltaram a eclodir confrontos violentos em Hermida de La Victoria (25 000

habitantes) entre a Polícia e manifestantes que gritavam «slogans» hostis ao Governo.

Por outro lado, também na sexta-feira, em Valparaíso, um atentado não reivindicado contra a esquadra da Polícia feriu, gravemente, quatro agentes e mais ligeiramente sete transeuntes.

O Governo decidiu proibir a difusão de informações, comentários ou entrevistas à Rádio Cooperativa, uma emissora de Santiago. Ao anunciar esta medida, na quinta-feira à noite, aquela emissora foi acusada de ter dado, na véspera, a sensação dum «ambiente artificial de agitação e de efervescência» e de ser «responsável» pela agitação e a desordem que assinalaram o Dia Nacional de Protesto.

Uma assembleia extraordinária de jornalistas, convocada para amanhã, vai examinar a situação da Rádio Cooperativa.

Apesar das últimas medidas governamentais não terem ainda suscitado qualquer reacção, tanto do lado da oposição como dos meios próximos do poder, os apelos ao diálogo vão-se multiplicando.

O diário conservador «El Mercurio» referia, ontem, o «desânimo manifestado por amplos sectores partidários do regime». As manifestações de quarta-feira provam a existência dum «descontentamento que não é possível desdenhar», acrescenta «El Mercurio». Para além da crise económica, existe, no Chile, um problema político, prossegue o jornal, antes de lançar um apelo ao diálogo entre partidários e adversários do regime.

Por seu turno, o arcebispo de Santiago mons. Juan Francisco Fresno também lançou um apelo urgente ao diálogo, depois de ter condenado os actos de violência que marcaram o Dia Nacional de Protesto, assim como «os excessos» cometidos pelas forças da «ordem».

Segundo um alto dignitário da Igreja Católica chilena, que teve uma emissora provincial reduzida ao silêncio, no sábado, por um atentado, já é tempo de reflectir, se se quiser evitar que o país volte a estar «numa situação de tensão extrema que ninguém de razão pode desejar».

As manifestações de quarta-feira, acrescenta-se de fonte eclesástica, demonstraram a importância de «crise social que o país atravessa».

Esta crise, assim como a falta de liberdade e democracia, foram precisamente os temas de denúncia levada a cabo pelos sindicatos, na quarta-feira passada.

Na sexta-feira, considerava-se nesses meios que o movimento deve prosseguir com outras iniciativas, incluindo a greve, se o poder não responder às reivindicações de democracia e de liberdade.

Resta saber se o poder, que parece ter optado por endurecer a sua atitude, está disposto a ouvir tais apelos.

Mais prisões

Em nova arremetida contra os bairros populares de Santiago, a Polícia Militar prendeu, na madrugada de sábado para do-

mingo, mais 150 pessoas (número oficial).

Recordando os trágicos dias que se seguiram ao golpe de Pinochet, em 1973, por meio de altifalantes as forças da «ordem» intimaram todos os «homens maiores de 14 anos» a saírem à rua para se identificarem. Enquanto eram conduzidos para um campo desportivo, um contingente passava revista às casas.

«Tudo começou pelas quatro horas da manhã. Os militares entraram nas nossas casas, acordaram-nos brutalmente e obrigaram-nos a sair. Estávamos aterrados, porque nos obrigaram a deitar-nos no chão e trataram-nos como delinquentes» — esclareceu um habitante do bairro de Victoria, onde provavelmente os altifalantes de aviso escassearam.

O pároco de Victoria comentou: «Esta operação é uma medida de represália tomada na sequência dos acontecimentos da semana» (referência ao Dia Nacional de Protesto). Penso ser um grande erro, porque em vez de acalmar os ânimos, vai acirrá-los ainda mais».

Em Victoria residem 5200 famílias. Dois mil e 500 habitantes — homens — foram levados para o campo desportivo, onde estiveram várias horas à espera que as forças da «ordem» os identificassem, depois, os libertassem... ou prendessem.

Entretanto, Pinochet, o ditador acossado, anunciou que vai tomar novas medidas para controlar os «extremistas». Não disse quais. É de imaginar que as rusgas sejam o resultado, já, dessas novas medidas.

E a chuva continua

Cidade sob as águas na Argentina

A cidade de Porto Bermejo, situada 120 quilómetros ao norte da província do Chaco, — na Argentina, ficou totalmente coberta pelas águas do rio Paraguai.

Os últimos grupos dos seus habitantes que tentavam construir diques para impedir as águas de atingir o centro da cidade, tiveram que sair hoje desta cidade.

Nas últimas horas, as chuvas provocaram o agravamento da situação em toda a província, donde mais de 21 mil pessoas já foram evacuadas.

Porto Bermejo, ficou praticamente condenada a ficar coberta pelo rio Paraguai, segundo os especialistas, uma vez que as águas atingiram níveis nunca vistos até hoje.

Entretanto as trombas de água que se abateram sobre o Sul do Brasil, nas últimas 24 horas, provocaram deslocamentos de terras na região da barragem de Itaipu, no sudoeste.

Esta obra hidroeléctrica, construída pelo Brasil e pelo Paraguai no rio Paraná, provocou a formação de um lago artificial de 1350 quilómetros quadrados e de 23 mil milhões de metros cúbicos de água. O presidente do município de uma pequena localidade situada perto da barragem afirmou sábado passado que a sua construção podia estar na origem dos deslocamentos de terras provocados pelas chuvas dos últimos dias.

Segundo informações chegadas ao Rio de Janeiro, crateras tendo por vezes cerca de 20 metros de profundidade abriram-se junto da pequena localidade de Terra Roxa, situada a leste da barragem.

“Força de paz” da OEA seria porta aberta aos EUA

— explica dirigente da Nicarágua

A instalação de uma força multinacional pela OEA (Organização dos Estados Americanos) entre a Nicarágua e a Costa Rica «seria a porta aberta a uma participação dos Estados Unidos», declarou o coordenador da Junta de Manágua comandante Daniel Ortega.

Explicando, numa entrevista publicada pelo semanário costarriquenho «Universidad», a rejeição por Manágua do pedido de

instalação de uma «força de paz» entre os dois países, apresentado a semana passada pela Costa Rica, o comandante Ortega comentou que, por intermédio do Tratado Interamericano de Assistência Mútua (TIAR), a intervenção da OEA levaria uma maior internacionalização do conflito.

O chefe da Junta de Governo afirma que os EUA «procurarão de uma forma ou de outra impli-

car a Costa Rica na criação de uma frente de guerra no Sul), a exemplo do que se passa no Norte, nas Honduras, para lutar contra o regime sandinista. Ortega, por outro lado, acusa Washington «de tentar aproveitar-se de qualquer movimento no seio da OEA para se envolver militarmente».

EUA: mais sanções em estudo

O governo norte-americano estuda novas sanções económicas à Nicarágua, depois da redução da taxa açucareira, mas não encara a possibilidade de um embargo comercial total, afirma hoje o «Miami Herald».

O diário, que cita funcionários do governo, diz que se está a rever toda a actividade comercial entre os Estados Unidos e a Nicarágua, e que há a «possibilidade de restrições», embora nenhuma acção esteja iminente.

RFA e Líbia

trocaram prisioneiros

A troca de prisioneiros entre a Líbia e a RFA terminou domingo, à tarde, pelas 17h00 de Francoforte, no aeroporto desta cidade alemã, segundo anunciou o porta-voz do Governo federal alemão, Juergen Sudhoff.

Os dois líbios expulsos da RFA embarcaram a bordo de um avião que os levou para o seu país, am passo que oito técnicos alemães aterravam em Francoforte, após terem estado detidos desde meados de Abril na Líbia.

Os dois líbios são um médico estagiário de 31 anos, Mustapha Zaidi, e um estudante, Abdullah Yahia, de 30, que tinham sido acusados de terem torturado, em Novembro findo, num anexo da Embaixada da Líbia, em Bona, dois outros líbios, tentando levar estes últimos a confessar nomes de adversários do regime do coronel Kadhafi.

Até à véspera do início do julgamento dos dois líbios, a 18 de Abril, os oito técnicos alemães estiveram detidos na Líbia. Entre



EGIPTO

COM MARAVILHOSO CRUZEIRO NO NILO

9 DIAS VISITANDO

CAIRO • LUXOR • ASSUÃO • KARNAK • ESNA • EDFU • KOMOMBO • ABUSIMBEL (Opcional)

PARTIDAS 19 MAI 5 JUN 3 14 24 e 31 JUL 11, 21 e 28 AGO 4, 14 e 21 SET 2 OUT

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1840

abreu

LISBOA Avenida da Liberdade 160 Tel 371341
 LISBOA Avenida de Roma 66 B Tel 803609
 ALMADA Rua de Oliveira, 9 C Tel 2756272
 PORTO BRAGA COIMBRA FAP PORTUGAL FUNCHAL

peçoas & factos

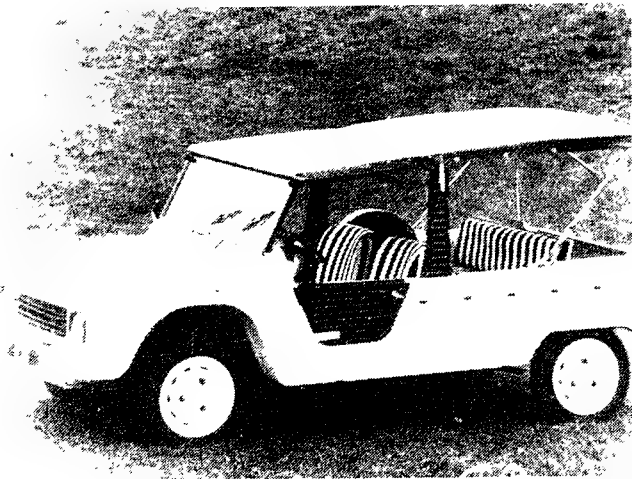


Dimensão e Origens

Duas novas revistas apareceram recentemente no mercado: uma dedicada à decoração e a mobiliário, a outra à telenovela do mesmo nome. Dirigida por Rodrigo Pavia e editada pela Sojornal (proprietária do semanário «Expresso»), «Origens» é semanal, tem 32 páginas, custa sessenta escudos e, como o nome indica, conta antecipadamente tudo sobre a telenovela da Edipim. A revista «Dimensão» pertence ao Grupo Dimensão, (grupo formado por diversas fábricas de mobiliário e artigos de decoração) é trimestral e tem como temas a decoração, a moda e os labores. Custa sessenta escudos, e tem 76 páginas com bom aspecto gráfico.

“Turbo” de Maio

Afirmado-se de número para número uma belíssima revista de automóveis, com qualidade técnica, gráfica e jornalística invulgar no nosso meio, «Turbo» publica neste número de Maio uma série de assuntos com grande interesse. Novos modelos (Renault 9GTL, Mercedes 190, Talbot Samba, Tag Croco), uma longa entrevista com Carl Hahn, presidente da VW, e a história da evolução do motor a 4 tempos, além de um completo ensaio do Opel Rekord 2.0E, um teste ao Citroën CX25TRD Turbo, e da lista de preços dos automóveis. Na parte desportiva o Grande Prémio de Long Beach, os 1000 km de Monza, o Rali do Dão, uma reportagem sobre o perigo dos reabastecimentos em Fórmula 1, etc. Cem páginas vivas e interessantes.



Mehari Azur em série limitada

Uma série limitada de Mehari — o Mehari Azur — vai ser comercializado em Portugal.

A partir do veículo-base, conhecido pela sua versatilidade, o Azur beneficia de várias modificações no seu equipamento, que o tornam ainda mais sugestivo.

Exteriormente distingue-se pela carroceria branca, portas e montantes laterais azuis, grelha e recortes dos faróis azuis e capota específica azul.

Outras características são a abertura, total ou parcial, separa-

damente ou em conjunto, das partes dianteira e traseira, capota totalmente rebatível, painel traseiro transparente, amovível que permite a separação dos bancos dianteiros e traseiro, tipo «landau».

Interiormente o Mehari Azur apresenta bancos revestidos por um tecido tipo «turco» de barras azuis e brancas, coberta que pode ser retirada para lavagem. Finalmente a roda sobressalente é coberta por uma capa azul, matizando com os estofos.

Concessionários GM visitaram a Inlan em Ponte de Sor

Um grupo de concessionários da GM, do qual fazia parte a direcção da referida Associação, visitou a fábrica IN-LAN, em Ponte de Sor.

Esta empresa, que produz volantes de direcção, calços de travão, tubos de travão, pratos de apoio de suspensões McPherson, apoios de motor e vedações em borracha para exportação para a GM Espanha, para a Adam

Opel, na Alemanha Federal, e para a GM Holden's, na Austrália, deverá atingir no presente ano uma produção de cerca de um milhão e 800 mil contos.

No decorrer da sessão de boas vindas, o director da IN-LAN, Ronald West, proferiu uma alocução e expôs aos convidados pormenores sobre as actividades da empresa.

Mixordeiros e especuladores sujeitos a multas até 3000 contos

O cometimento de certos tipos de delitos antieconómicos passará a ser punido a partir de amanhã com multas que vão dos cinco aos três mil contos.

Segundo um decreto-lei hoje publicado no «Diário da República», constituem contra-ordenações, puníveis de acordo com o seu articulado, um conjunto de actos contra a genuidade, qualidade ou composição de géneros alimentícios e aditivos alimentares; contra a genuidade, qualidade ou composição de alimentos destinados a animais; a detenção de quaisquer substâncias ou utensílios que possam ser utilizados na falsificação de géneros alimentícios; o transporte sem documentos de bens sujeitos a condicionamento de trânsito; o envio de bens não encomendados; a falta de instrumentos de peso e medida; a falta de exposição de bens e de indicação de preços; a documentação irregular; a não observância das disposições legais respeitantes às actividades sujeitas a inscrição, registo, autorização ou verificação

de requisitos; a falta de satisfação de requisitos ou características legais; a violação de regras para o exercício de actividades económicas e violação de preceitos reguladores da organização de mercados.

A aplicação das multas e sanções acessórias (apreensão de bens etc.) previstas no decreto caberá ao director do Instituto da Qualidade de Alimentar e ao director-geral do Comércio, podendo essas competências ser delegadas nos respectivos subdirectores. A investigação e instrução dos processos respectivos cabe especialmente à Direcção-Geral da Fiscalização Económica sem prejuízo da competência das autoridades policiais e administrativas.

Pessoas colectivas: 3 vezes mais

Quando a responsabilidade for atribuível a pessoas colectivas ou equiparadas, o valor das mul-

tas poderá elevar-se até ao triplo do máximo previsto, em caso de dolo, e até ao dobro, em caso de negligência. Por outro lado, o diploma estipula que a «tentativa» de execução de qualquer das contra-ordenações enunciadas é igualmente punida com um terço das multas aplicáveis em caso de concretização do acto ilícito.

Um outro elemento de grande importância na repressão dos delitos antieconómicos consiste no facto de os recursos (contra as sanções aplicadas em função deste decreto) não terem efeito suspensivo.

Além disso, o texto legal determina que «se o mesmo facto constituir simultaneamente crime e contra-ordenação, será o agente punido pelo crime sem prejuízo da aplicação das sanções acessórias previstas para a contra-ordenação».

O preâmbulo do decreto esclarece as razões da sua aplicação antes da entrada em vigor «daquilo que se espera venha a ser o sistema corrente de normas dis-

ciplinas do conjunto das actividades económicas».

Trata-se de «razões de premissa, ligadas à necessidade de apaziguar inquietações na opinião pública, aliás fortemente empolada por certas organizações (que) aconselham que se introduzam algumas medidas imediatas, cuja eficácia constituirá um relevante contramotivo para os prevaricadores sem escrúpulos que sempre surgem em contextos como o presente, de transição da lei velha para a lei nova».

O texto especifica que «não sendo possível, de momento, acionar perante a Assembleia da República os mecanismos necessários a revisão, que se deseja profunda, da legislação penal em matéria de crimes contra a economia, certas inquietações ultimamente verificadas na opinião pública aconselham a que se lance mão das potencialidades oferecidas pelo direito das contra-ordenações, cuja lei quadro é o Decreto-Lei n.º 443/82 de 27 de Outubro».

Hoje e amanhã em Paris

Cimeira franco-alemã domina relançamento económico

A cimeira franco-alemã constitui, desde há mais de vinte anos, o teste semestral da solidez do eixo Paris-Bona. O 41.º encontro entre os responsáveis da França e da Alemanha, que decorre hoje e amanhã na capital francesa, não será uma excepção, pensam os observadores.

Esta cimeira será dominada por uma série de temas económicos, que os dois parceiros abordam de maneira diferente, para já não dizer divergente: a estabilização do Sistema Monetário Internacional, o relançamento económico, o desequilíbrio das trocas bilaterais e o financiamento da CEE.

Ambas as partes desejam harmonizar as suas respectivas posições antes das importantes reuniões constituídas pela Cimeira dos Países Industrializados — que terá lugar no fim deste mês em Williamsburg, na Virgínia — e pelo Conselho Europeu de Estugarda, em princípios de Junho. O porta-voz do Eliseu, Michel Vauzelle, insistiu a este respeito no papel que a cooperação franco-alemã «continua a desempenhar em toda a Europa

e no mundo dos países industrializados».

Michel Vauzelle acrescentou que o presidente Mitterrand espera conseguir o apoio do chanceler Helmut Kohl para as suas propostas de reestruturação da economia mundial. «A coesão das posições da França e da RFA pode ser confirmada em Paris», disse o porta-voz.

A proposta de François Mitterrand no sentido de ser convocada uma nova Conferência Monetária Internacional, no espírito de Bretton-Woods — a qual seria encarregada de definir um sistema de paridades estáveis —, foi recebida com uma extrema reserva pelos dirigentes alemães, que consideram que ela teria «um preço financeiro demasiado elevado».

No que diz respeito ao relançamento económico, a França deseja que a RFA — país que começa a sentir os efeitos do relançamento que se esboça nos Estados Unidos — lhe «estendesse a mão» através de uma política menos restritiva. Contudo, Bona parece não estar muito inclinada para isso, tendo anun-

ciado mesmo que prevê um orçamento deflacionista para 1984.

Desacordo sobre a CEE

Relativamente às questões comunitárias, a França não atribui o malogro da negociação agrícola sobre os Montantes Compensatórios Monetários (MCM) aos alemães e o porta-voz do Eliseu prestou mesmo uma homenagem à «atitude aberta e positiva» da RFA sobre o assunto. Em contrapartida, subsiste o desacordo quanto à reforma das finanças comunitárias. Paris quer um aumento dos recursos próprios da CEE para se financiar em novas políticas comuns, enquanto a RFA deseja reduzir o défice agrícola antes de tentar encontrar novos recursos.

Por último, no que diz respeito às relações bilaterais, as trocas comerciais saldaram-se este ano por um défice de mais de 38 mil milhões de francos em detrimento da França. A este respeito, declara-se em Paris que as autoridades francesas se recusam a encarar a possibilidade de qualquer política proteccionista.

Ministro dos estrangeiros da RFA peremptório

Portugal e Espanha não entram para a CEE enquanto esta não resolver os seus problemas

O ministro alemão-federal dos Negócios Estrangeiros Hans Dietrich-Genscher, considerou que a «futura integração de Portugal e Espanha na CEE» depende da resolução dos conflitos no seio do Mercado Comum.

O chefe da diplomacia da RFA falava no final da reunião informal dos ministros dos Negócios Estrangeiros da organização, que decorreu no palácio de Gymnich, nos arredores de Bona, e durante a qual se debateu o problema agrícola e financeiro da Europa dos 10.

Genscher que preside este semestre à CEE — considerou a reunião «intensiva e animada» mas destacou o facto de os esforços desenvolvidos até ao momento para se alcançar uma certa unidade de critérios terem sido infrutíferos.

Círculos políticos em Bona

são de opinião de que a reunião não conduziu a quaisquer resultados concretos e que as soluções estão na participação ou não do primeiro-ministro britânico, Margaret Thatcher na cimeira de Estugarda, a realizar entre seis e sete de Junho.

A presença de Thatcher ainda não está garantida devido ao facto de o seu governo estar demissionário e de as eleições gerais inglesas se realizarem poucos dias depois da cimeira.

A comprovar a opinião de que a reunião de Gymnich não teve quaisquer dos países da CEE terem decidido que um grupo de peritos iniciasse a preparação de um questionário — que deverá ser distribuído hoje através do qual os diferentes membros da comunidade aclarem as suas posições.

Entretanto, o secretário de Es-

tado alemão-federal Hans Werner Lautenschlager, inicia esta semana uma viagem por diferentes capitais europeias para receber as respostas dos respectivos governos.

As respostas servirão de base à definição de um critério comum para o Conselho de Ministros da CEE que reunirá a 24 de Maio, em Bruxelas.

Os ministros dos 10 abordaram também em Gymnich a questão da «declaração formal de unidade europeia» — iniciativa germano-italiana, até agora bloqueada devido a pressões de alguns governos, nomeadamente os da Dinamarca e Inglaterra. «Esperava algo mais positivo, mas creio que antes da cimeira de Estugarda, teremos chegado a uma unanimidade de critérios em alguns pontos declarou, entretanto, Genscher, no final da reunião.

Com 2 milhões e meio de contos bonificados Vão ser construídos 25 barcos de pesca

O secretário de Estado das Pescas afirmou ontem que vão ser concedidos ainda este ano 2 milhões e quinhentos mil contos para investimento nas pescas. Este montante destina-se à construção de 25 novas embarcações de arrasto, e será emprestado com juros bonificados. Segundo Faria dos Santos, a estas unidades deverão juntar-se mais trinta outras embarcações (traineiras, pesca artesanal e arrasto) no âmbito do Plano Nacional de Pescas.

O secretário de Estado que falava num almoço com o pessoal dos Serviços de Lotas e Vendagens, em Aveiro, disse, por outro lado, que «o actual Governo não tem, neste momento, capacidade institucional para travar negociações com a Espanha mesmo plano das pescas». Na sua perspectiva, «o plano de pescas não se resume a um simples acordo sobre o número de licenças e autorizações de pesca a conceder de parte a parte».

O texto do acordo — acrescentou aquele membro do Governo — deve ser «explícito quanto aos princípios de filosofia pesqueira que defendemos e que se encontram definidos na nova lei internacional dos direitos do mar e na própria CEE».

Empréstimo do Banco Mundial ao Zaire

O Banco Mundial colocou à disposição do Zaire um empréstimo de cem milhões de dólares para o financiamento de seis projectos de desenvolvimento.

O emissário do Banco Mundial, que manteve conversações com as autoridades zairenses, realçou num comunicado conjunto publicado no final da reunião, a necessidade de um acordo entre o Zaire e o Fundo Monetário Internacional (FMI), para o reescalonamento substancial da dívida zairense.

O Zaire é um dos países africanos com maior dívida externa.

Enquanto presumível falsificador se entrega à polícia

“Diários” de Hitler despoletam crise na redacção da “Stern”

KONRAD Kujau, o presumível autor dos falsos diários de Hitler, entregou-se às autoridades da Alemanha Federal, encontrando-se, desde ontem, em prisão preventiva, na cidade de Hamburgo, anunciaram os seus advogados.

Kujau, que forneceu ao ex-redactor da revista “Stern” Gerd Heidemann, os textos apresentados como sendo da autoria do ditador nazi, por nove milhões de marcos, sustentou ser “absurda” a versão segundo a qual seria o autor da falsificação dos diários. A crescentou, ainda, que tinha obtido o documento de um misterioso indivíduo designado apenas por Mirdorf.

Kujau, negociante de objectos e relíquias da época nazi, em Estugarda, tinha desaparecido da RFA há uma semana. Segundo fontes policiais, terá entrado no país pela Baviera, procedente da Áustria, depois de ter estado na Checoslováquia.

Nas suas declarações ao procurador de Hamburgo, Kujau afirmou que a venda dos cadernos lhe foi proposta em 1978 por Mirdorf, residente na República Democrática Alemã, que, em 1980, o apresentou ao ex-jornalista da revista “Stern” Gerd Heidemann.

Assegurou, também, que ficou, apenas, com uma pequena parte dos mais de nove milhões de marcos que o semanário

pagou pelos manuscritos, entregando o resto aos fornecedores dos documentos falsos.

Kujau referiu, ainda, que, de 1981 em diante, foi uma nova e misteriosa personagem, um tal Lauser, quem passou a fazer a entrega dos cadernos, dois a dois, em reuniões secretas com Heidemann na Alemanha Federal.

Fabricados pelos serviços secretos?

Natural da RDA, Kujau, também conhecido por Konrad Fischer, tinha começado por declarar, segundo Heidemann, que seu irmão, “general do Exército leste-alemão, lhe teria fornecido os cadernos atribuídos a Hitler, de cumplicidade com outros três generais”. Na nova versão, já “não é questão de um general Fischer, que, pelos vistos, não existe”.

O repórter da “Stern” elucida a nova versão de Fischer-Kujau, estava na pista do “tesouro de Hitler” quando, em 1980, soube da existência de pretensos diários íntimos por um historiador de Munique, especialista do período nazi. Este, August Priesack, autenticou os documentos para o coleccionador de Estugarda, afirma.

Fischer-Kujau explicou ter aceitado servir de intermediário para a venda ao semanário de Hamburgo dos cadernos ínti-

mos. Como fazê-los sair da RDA se tivesse tornado muito perigoso, na Primavera de 1981, recorreu a um tal “Lauser” que se encarregou de fazer seguir os documentos para a RFA, através da Suíça.

Assim, a pergunta que ocorre, a ser verdadeiro o relato de Fischer-Kujau, é esta: quem na RDA, é autor das falsificações, os serviços secretos, como afirmam alguns ou um simples particular?

Por outro lado, o relato de Fischer-Kujau leva a concluir que desapareceram cerca de 7 milhões de marcos. A direcção da “Stern” assegura que pagou ao todo 9,45 milhões de marcos pela aquisição dos diários. O seu ex-repórter diz que os entregou na totalidade a Fischer-Kujau, em várias fracções. Mas este afirma que só recebeu 2,5 milhões de marcos, de que só ficou com 300 000, pois o resto foi para Mirdorf e Lauser.

Redacção da “Stern” contra direcção

A Polícia passou busca, no sábado à noite, em Hamburgo, à casa do repórter e, em especial, a um depósito onde ele conservava os seus arquivos do período nazi. Heidemann, recorde-se, foi despedido após a descoberta da burla, e o director da “Stern” apresentou queixa contra ele por abuso de confiança.

Segundo um jornal alemão-federal, o Ministério Público de Bona prera-se para abrir uma instrução contra Heidemann e outro repórter da “Stern”, Tomás Walde, por suspeita de “crimes contra a segurança do Estado”, devido aos seus presumíveis contactos com os serviços secretos da Alemanha Oriental. Tais averiguações não tinham sido confirmadas ainda, oficialmente, no domingo.

Entretanto, os redactores da revista “Stern”, reunidos ontem em assembleia geral, pediram a demissão do director da publicação, Henri Nannen, e de Gert Schulte-Hillen, presidente do grupo Gruner-Jahr, que edita a “Stern”.

Esta decisão foi aprovada por cerca de 200 dos 230 redactores, que consideram que “o caso dos falsos diários de Hitler afectou a credibilidade da revista”. “Nannen e Schulte-Hillen assumem uma pesada responsabilidade nesta questão”, acrescentam.

Os jornalistas que ocupam a sua redacção desde a passada sexta-feira, apresentaram um ultimato à direcção para esta voltar atrás na nomeação de Peter-Scholl Latour e Johannes Gross, considerados “demiado conservadores”, como chefes de redacção. Latour é correspondente da televisão alemã em Paris e Gross chefia a

redacção do mensário económico “Capital”.

O ultimato expirou às 12 h TMG de ontem, mas a direcção manteve-se inabalável na sua decisão, considerando-a irrevogável, tendo declarado que “não tenciona ceder às pressões” dos jornalistas.

Estes anunciaram por seu lado que estudarão as medidas a tomar em nova assembleia geral.

“Moda dos diários” chega à Suíça

Inspirado pelo caso dos falsos diários íntimos de Adolfo Hitler, o diário genebrino “La Suisse” anunciou com grandes títulos na sua edição de domingo a publicação em exclusivo dos “Cadernos Secretos” de Joao Calvino, o célebre reformador do século XVI.

O diário prevê iniciar a inserção destas “revelações” já amanhã, e indica que estes documentos até agora desconhecidos do grande público, contêm ensinamentos “muito severos quanto à justiça, às Forças Armadas, à banca e ao fisco”.

Contrariamente ao magazine, “Stern”, “La Suisse” não correu riscos: os textos que vão ser publicados são autênticos e embora pouco conhecidos, nada têm de secreto ou de inédito. Foram simplesmente seleccionados pela redacção do diário para servir de apoio a uma sátira

do Governo da confederação, inserida numa rubrica humorística do jornal.

Segundo “La Suisse”, as chamadas telefónicas não se fizeram esperar: uns leitores riem francamente, mas outros mais tradicionalistas acham escandaloso que Calvino, o reformador e pai da República de Genebra, seja utilizado para fazer humor, uma actividade à qual, reza a história, raramente se consagra.

Finalmente, um diário escrito em 1942 por um jovem israelita de 13 anos e relatando a vida clandestina de judeus holandeses perseguidos pelos nazis, foi encontrado esta semana por operários durante os trabalhos de restauração de um prédio de Thorbeckeplein, uma praça de Amsterdão.

Posto ao corrente da descoberta, o seu autor, Henry Robinski, indicou que se tinha esquecido completamente da existência desse diário. “Escrevi vários diários nos diferentes esconderijos onde vivi de 1942 a 1945 para escapar aos nazis”, explicou ele.

Robinski, que mudou de nome em 1963, “para esquecer o passado”, e que se chama presentemente Henry Lemij, precisou que também escreveu durante esse período um guião para uma curta-metragem contando a vida dos judeus escondidos na casa de Thorbeckeplein.



restaurante
ARCO IRIS

C.C. ARCO IRIS - Av. Júlio Dinis, 6 A/D

O VERDADEIRO AMBIENTE DE LISBOA

Tel. 77 51 83 - (METRO - CAMPO PEQUENO)

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a
atravessar a rua nas
passadeiras para peões



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



MINISTÉRIO DA CULTURA E COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA DE LISBOA

CICLO «CINEMA E MÚSICA»

Em colaboração com a Cinemateca Portuguesa

CINEMATECA — SALA DR. FÉLIX RIBEIRO

TERÇA, 17 — 18.30

Sapatos Vermelhos (The Red Shoes) — 1948

Michael Powell e Emeric Pressburger
— sem legendas

SEXTA, 20-18.30

Carmen Jones (Carmen Jones) — 1954

Otto Preminger

SÁBADO, 21 - 18.30

O Cavaleiro da Rosa Rosenkavalier) — 1961

Paul Czinner
— sem legendas

TERÇA, 31 - 18.30

A Flauta Mágica (The Magic Flute) — 1974

Ingmar Bergman

QUARTA, 1 - 18.30

D. João (Don Giovanni) — 1979

Joseph Losey

CINEMA TIVOLI

DOMINGO, 5 - 20.00

Parsifal (Parsifal) — 1982 — Hans Jurgen Syberberg

— sem legendas

Estreia em Portugal, com a presença do realizador e da actriz Edith Clever.

Colaboração do Cinema Tivoli

Bilhetes à venda e programas detalhados nas bilheteiras do.

Teatro S. Luiz (das 14,00h às 20,00h) Fundação Gulbenkian (das 13,00h às 20,00h)

Coliseu dos Recreios (das 13,00h às 19,00 h)

Informações: Palácio Foz.

DESPORTO

Nacional de futebol

Benfica e Porto: incontestáveis

As «goleadas» do Benfica ao Alcobaca (8-1) e do Guimarães ao Amora (7-1) marcaram a 27.ª jornada do campeonato de futebol da 1.ª divisão, disputado no fim-de-semana.

O Benfica, que jogou no sábado, tinha a sua atenção voltada para o encontro que o FC Porto disputou ontem com o Varzim, no terreno deste: caso os portistas perdessem, o Benfica seria automaticamente campeão nacional. O FC Porto, no entanto, não quis fazer a vontade aos benfiquistas e ganhou por 1-0, com um golo de Gomes já na segunda parte.

A três jornadas do termo do campeonato o Benfica é primeiro, com quatro pontos de avanço sobre o Porto, vantagem que pode considerar-se confortável mas não decisiva se se tiver em conta que o comandante tem ainda que deslocar-se aos terrenos do Portimonense e do Braga e receber, no Estádio, o Sporting. Neste capítulo, os problemas do FC Porto parecem ser menores: jogará nos terrenos do Rio Ave e do Alcobaca e, no Estádio das Antas, com o Amora.

marcou o golo do empate do Estoril, reduzindo de dois para um ponto o pecúlio arrecado pelos algarvios nesta sua visita aos arredores de Lisboa.

A noite, directamente transmitido pela RTP, o jogo Salgueiros-Sporting terminou com um nulo (1-1): o tento salgueirista (de Constantino) foi obtido em posição de fora de jogo e o remate de Manuel Fernandes que proporcionou o empate nasceu de um pontapé livre que foi mal marcado contra a turma de Vidal Pinheiro. Logo, influência do árbitro setubalense Carlos Valente em dois golos que foram irregulares.

Nomes e números

Resultados completos da jornada: Benfica - Alcobaca, 8-1 (4-1 ao intervalo); Varzim - Porto, 0-1 (0-0); Salgueiros - Sporting, 1-1 (1-1); Guimarães - Amora, 7-4 (4-1); Setúbal - Braga, 2-1 (1-1); Estoril - Portimonense 1-1 (0-1); Marítimo - Rio Ave 3-0 (1-0) e Boa-vista - Espinho, 2-0 (1-0).



Amoreira: empate entre estorilistas e portimonenses

O Guimarães consolidou o 4.º lugar o que lhe dá acesso a uma presença na Taça UEFA da próxima época, ao mesmo tempo que, com a sua goleada de 7-1, empurrou o Amora para uma quase inevitável queda na 2.ª divisão. O Amora é agora o penúltimo: com 16 pontos, menos cinco que o Marítimo e o Espinho, um dos quais terá certamente que disputar o torneio de competência com os segundos classificados das três zonas da 2.ª divisão.

O Boavista, com um final de campeonato interessante, ganhou (2-0) ao Espinho, situando-se agora a meio da tabela, quando, há relativamente pouco tempo, ocupava um dos últimos lugares.

O Braga e o Rio Ave, ambos aspirantes a um lugar na Taça UEFA da próxima temporada, não foram felizes nas suas deslocações a Setúbal e ao Funchal, respectivamente: o Braga perdeu (1-2) com o Setúbal, depois de ter estado em vantagem no marcador e o Rio Ave sofreu três golos sem resposta do Marítimo do Funchal. Apesar de tudo, ambas as equipas, bem como a do Varzim, podem ainda aspirar à presença na Taça UEFA, bastando para tanto que o Benfica derrote o Anderlecht (quarta-feira, na 2.ª mão da final da competição) o que concederá a Portugal o direito a ter mais uma equipa sua representante na próxima temporada uefeira.

O Portimonense, instalado a meio da tabela classificativa, empatou no terreno do Estoril (1-1) depois de ter estado em vantagem até quatro minutos do termo do encontro. José Abrantes (aos 86 minutos de jogo)

A seguir

Próxima ronda, domingo às 16 horas: Portimonense - Benfica, Rio Ave - Porto, Sporting - Estoril, Alcobaca - Guimarães, Braga - Salgueiros, Boavista - Varzim, Espinho - Setúbal e Amora - Marítimo.

Marcadores

O Benfiquista Nenê, ao marcar cinco golos ao Alcobaca, ascendeu ao 2.º lugar da lista dos marcadores do campeonato de futebol da 1.ª divisão. Classificação: 1.º Gomes (FC Porto), 29; 2.º Nenê (Benfica), 21; 3.º N'Habola (Rio Ave), 17; 4.º Jordão (Sporting), 16; 5.º Filipovic (Benfica), 14; 6.º Walsh (Porto), 14; 7.º Raul Águas (Portimonense), 10; 8.º Oliveira (Sporting), 9; 9.ºs Fontes (Braga) e Sousa (Porto), 8; 11.ºs Joaquim Rocha (Guimarães), Mória (Espinho), Vítor Madeira (Estoril), Reinaldo (Boavista) e Lito (Sporting), 7.

Juniões

Resultados dos encontros para a nona jornada do campeonato nacional de juniores, Zona Norte: Porto - Guimarães, 14-2; União de Coimbra - Braga, 2-2; Beira-Mar - Leixões, 2-1. Zona Sul: Farense - Nazarenos, 0-0; Benfica - Sporting, 0-1; Quimigal - Alter do Chão, 1-1.

Devolvam as botas!

Isso não se faz ao União de Alagô: mãos estranhas «raptaram» 15 pares de botas que fazem muita falta à simpática colectividade lisboeta. Quem, por acaso, saiba do paradeiro, é favor informar os interessados.

Totobola: previsões

Os serviços de escrutínio do Totobola informaram, que as

previsões do concurso são as seguintes: com 13 resultados certos de 2500 a 3000 e com 12 resultados certos de 50 a 60 mil.

Anderlecht perde

O Anderlecht, próximo adversário do Benfica na final da Taça UEFA, perdeu em casa, com o F. C. Liège, por 2-1, situando-se agora, a dois pontos do primeiro, o Standard de Liège.

Europeus

Jogos para qualificação ao campeonato europeu: Checoslováquia, 1-Roménia, 0; Grécia, 3-Hungria, 2; Suécia, 5-Chipre, 0; Malta, 2-Espanha, 3; Suíça, 0-RDA, 0.

Títulos

O Dundee United é campeão da Escócia ao vencer (2-1) o Dundee, de Glasgow.

O Ajax (de Amesterdão) conquistou o campeonato da Holanda, ao vencer (por 6-5) o Fortuna de Sittard, na última jornada.

Desceu o pano sobre o campeonato inglês cujo título o Liverpool assegurara já há várias semanas. Foi o 14.º título conquistado pelo Liverpool, seis dos quais nos últimos oito anos.

O Hamburgo conseguiu, finalmente, isolar-se no comando do campeonato da Alemanha Federal, a três jornadas do fim. Para tanto, o Hamburgo, agora mais perto da renovação do título, precisou de vencer no sábado o Colonia (2-1) e beneficiar, ao mesmo tempo, do empate (1-1) cedido pelo Werder Bremen no campo do modesto Leverkusen.

Marcadores Italianos

Michel Platini foi hoje o melhor marcador do campeonato italiano de futebol: o francês ao serviço da Juventus marcou 18 golos em todo o campeonato, contra 16 de Altobelli (do Inter), 15 de Penzo (Verona) 12 de Pruzzo, (Roma) e 10 de Brischì (Genova).

Brasil

As equipas do Flamengo e de Santos qualificaram-se para a final do campeonato do futebol do Brasil. Em Curitiba, o Flamengo perdeu por 2-0 com o Atlético de Parana, em jogo das meias finais, mas a formação do Rio, havia ganho por 3-0 no jogo anterior. Por sua vez, o Santos, empatou (0-0) com o Atlético Mineiro: em jogo anterior o Santos venceu por 2-1. A final realizase-à no próximo domingo, em São Paulo.

Chile - Argentina: empate

As selecções do Chile e da Argentina empataram a 2-2 (ao intervalo 1-0), em jogo de futebol disputado em Santiago.



Surpresa ou talvez não: juniores do Sporting vencem na Luz



Porto: golo e festa de Gomes

Varzim, 0-Porto, 1

Belo espectáculo

Foi (na verdade) um espectáculo empolgante na Póvoa de Varzim, onde a turma local acabou por baquear, ainda que tangencialmente, perante um FC Porto personalizado que, diga-se desde já, justificou plenamente o triunfo. Uma vitória que os poveiros contestaram sempre com grande determinação, mormente nos derradeiros 10 minutos da partida, quando os portistas começaram a acusar o esforço despendido.

Não foi fácil a tarefa do conjunto «azul e branco», para levar de vencida a aguerrida equipa da casa. Cedo, aliás, se viu que só através de um rasgo de imaginação os pupillos de Pedroto logriam ultrapassar com êxito a bem ordenada defensiva do Varzim. Alvos de uma marcação cerradíssima a meio-campo, os estrategas portistas viram-se em «palpos de aranha» para encontrar espaço de manobra e, consequentemente, para solicitarem em boas condições os seus companheiros da dianteira.

Por outro lado, com a colocação de Folha e Valdemar como «policías» (respectivamente, de João Pinto e Inácio) mais se acentuaram as dificuldades portistas, as quais seriam sobremaneira torreadas pela inspiração de Frasco e Quinito, duas «gazuas» permanentemente apontadas ao extremo reduto contrário. Cada um no seu estilo, mas ambos em grande evidência, sobretudo a partir dos 20 minutos, altura em que os varzinistas perderam os «punhos de renda», para enveredarem por uma prática que deixou marcas em algumas pernas adversárias. Sempre voluntariosos e destemidos, Frasco e Quinito deram o corpo ao manifesto mas, em contrapartida, foram minando uma «muralha»

que parecia indestrutível, tal a solidez evidenciada no dealbar da partida.

Como corolário desse trabalho, o balanço ao cabo dos primeiros 45 minutos era francamente favorável ao FC Porto: oito pontapés de canto a favor e nenhum contra. Zé Beto (tirando uma intervenção aos 37 minutos) não passou de um mero espectador.

Já depois do intervalo, o domínio «azul e branco» ganhou nova expressão, devido em parte às faltas sucessivas cometidas pelos varzinistas para obstem a penetração dos arietes, contrários. Neste capítulo, terá de salientar-se a extraordinária complacência do juiz da partida para com o «central» Washington que usou e abusou das entradas violentas, algumas a justificarem o cartão encarnado.

Mas, como diz a sabedoria popular, **água mole em pedra dura, tanto dá até que fura**. O prémio merecido para os portistas, que já se adivinhava há muito, surgiu quando, num dos tais lances de inspiração, Frasco lançou Jacques, que apareceu em excelente posição para alvejar a baliza contrária. Os centrais poveiros acorreram a tapar a brecha, mas o esférico sobrou para Gomes que, à entrada da meia-lua e através de um pontapé com peso, conta e medida, atirou a contar, não obstante a estirada

do guarda-redes Lúcio. Refira-se, a propósito, que ficámos com a sensação de que o guardião poveiro lançou-se um pouco tarde e, por isso, pareceu mal batido.

Nos minutos que se seguiram ao golo, os portistas procuraram tirar alguns dividendos do empergamento contrário, segurando o esférico e apostando no contra-ataque que, por duas vezes, ia surtindo efeito. Prevaleceu, então, a maior experiência dos «azuis e brancos», ante o entusiasmo dos poveiros que, num último folego, jogaram tudo por tudo para chegarem à igualdade. Nessa altura, porém, sobressaiu Zé Beto, até aí em descanso, mas a revelar mais uma vez a sua categoria com duas defesas de grande valor.

Difícil, é certo, mas certíssimo o triunfo portista, pese embora a actuação manifestamente desastrosa da equipa de arbitragem que, permitiu que alguns jogadores se excedessem no jogo duro, de que resultou um claro prejuízo para a equipa de Pedroto, onde as mazelas ficaram bem evidentes. Diga-se, porém em abono da verdade, que os varzinistas também foram prejudicados com tal actuação, pois acabaram por enveredar por um sistema que, aos poucos e poucos, foi minando as suas estruturas.

Manuel Neto

Árbitro: António Costa (Viana do Castelo), muito mal auxiliado por Sousa Alves (bancada) e Eduardo Freitas (superior).

Varzim: Lúcio; Vitoriano, Torres, Washington e José Albino; Pinto (Lito, na 2.ª parte), Albino (Jarbas, aos 71 m), André e Adão; Valdemar e Folha.

FC Porto: Zé Beto; João Pinto (Teixeirinha, aos 88 m), Lima Pereira, Eurico e Inácio; Frasco (Jaime Magalhães, aos 82 m), Quinito, Sousa e Costa; Jacques e Gomes.

Marcador: Gomes (64 m). Cartão amarelo: Frasco (27 m), Washington (30 m), Sousa (58 m) e Torres (88 m).

TOTO BOLA a chave

Varzim-Porto	2
Marítimo-Rio Ave	1
Guimarães-Amora	1
Estoril-Portimonense	X
Setúbal-Braga	1
Boavista-Espinho	1
Penafiel-Vizela	1
P. Ferreira-Leixões	X
Covilhã-Torreense	1
Estarreja-U. Coimbra	X
Atlético-Olhansense	2
Farense-Belenenses	1
C. Piedade-Lusitano	1

Classificações

	J	V	E	D	G	P
1.º Benfica	27	19	7	1	63-13	45
2.º F. C. do Porto	27	17	7	3	61-17	41
3.º Sporting	27	16	6	5	44-24	39
4.º Guimarães	27	10	10	7	34-21	30
5.º Rio Ave	27	12	3	12	39-38	27
6.º Braga	27	12	3	12	38-39	27
7.º Varzim	27	8	10	9	22-34	26
8.º Boavista	27	10	6	11	25-35	26
9.º Portimonense	27	9	7	11	30-30	25
10.º Salgueiros	27	8	9	10	24-29	25
11.º Setúbal	27	10	5	12	25-30	25
12.º Estoril	27	8	8	11	23-34	24
13.º Espinho	27	7	7	13	19-34	21
14.º Marítimo	27	6	9	12	21-34	21
15.º Amora	27	5	6	16	19-37	16
16.º Alcobaca	27	4	7	16	19-47	15

DESPORTO

Empate com o Salgueiros (1-1)

Sporting: perdido mais outro ponto

O Sporting foi perder um ponto ao campo do Salgueiros, no jogo transmitido directamente pela RTP.

Desperdiçando muitas oportunidades de concretizar, os «leões» acabariam por deixar, em Vidal Pinheiro, um ponto que bastante falta lhe poderá fazer



Xavier e Carvalho disputam a bola

para a conquista do 2.º lugar, ainda ao seu alcance.

O 1-0, surgiu aos 40 minutos por Constantino, após um passe de meio-campo de Carvalho para Santos, em que a defesa do Sporting ficou parada, permitindo ao avançado salgueirista isolar-se, driblar Meszaros e dar de bandeja a Constantino, em posição de fora de jogo.

Dois minutos depois, Manuel Fernandes restabeleceu a igualdade, num livre directo inexistente, em outra falha do árbitro do encontro.

Oliveira apontou no seu estilo habitual, Barradas socou a bola para a frente, e Manuel Fernandes limitou-se a marcar o tento perante a impossibilidade do guarda-redes em vedar-lhe o caminho.

De destacar a actuação de dois jogadores, ambos da equipa visitante, quer pelo que jogaram quer pelo estoicismo revelado: Oliveira e Festas.

Arbitragem de Carlos Valente (Setúbal) que falhou nos lances de onde saíam os golos.

Salgueiros: Barradas; Costeado, Mariano, Soares e Peres; Luis Pereira, Carvalho (Jorginho 68), Silva e Joe (Santos Cardoso 68); Constantino e Santos.

Sporting: Meszaros; Carlos Xavier, Kikas, Zezinho (Ademar 72) e Mário Jorge; Lito, Festas e Kostov; Jordão, Manuel Fernandes e Oliveira.



Alves: a volta do «luvas pretas»



Nenê: cinco golos

Benfica, 8-Alcobaça, 1

Exercício de pontaria

O Benfica venceu o Alcobaça (8-1): Nenê (com cinco golos) foi o marcador de serviço do Benfica, num jogo em que o «líder» da classificação do campeonato não teve dificuldades em «golear» o último classificado, já condenado à descida de divisão. Ao intervalo, o Benfica vencia já por 4-1 com dois golos de Nenê (aos 3 e 18 minutos) Diamantino (aos 22) e Chalana (aos 32) tendo Nedo (aos 20) marcado o golo do Alcobaça, após a marcação de um livre junto

da área de Bento. Na 2.ª parte, Nenê voltou a marcar (aos 66, 68 e 70) minutos, enquanto Diamantino marcou aos 61.

O Benfica dispôs de ótima ocasião para treinar esquemas de jogo e alterações nos sectores da equipa, com vista ao embate ufeiro. Foi assim que o treinador Eriksson fez substituir o defesa direito Pietra por Álvaro (aos 50 minutos) e Chalana por Sheu (aos 59).

O Benfica jogou sempre em velocidade, utilizando os extremos e as jogadas ao pri-

meiro toque, principalmente junto da área do Alcobaça.

Sob arbitragem de Américo Barradas (Setúbal), as equipas alinharam:

Benfica: Bento; Pietra (Álvaro 50), Humberto Coelho, António Bastos Lopes e Veloso; Carlos Manuel, Alves, Stromberg e Chalana (Sheu 59); Nenê e Diamantino.

Alcobaça: Jorge; José Rui, Varela, Russo e Modas; Lelo, Germano (João Cabral 28), Nedo e Romão (Jorge Oliveira 45); Nelito e Cavungi.

Esperança de Lagos: subida ao escalão 2

O Esperança de Lagos garantiu, ao vencer o Quarteirense (3-2), a promoção automática à 2.ª divisão do campeonato de futebol. Vencedor antecipado da série F, à 27.ª jornada da 3.ª divisão, o triunfo do Esperança de Lagos, é evidenciado pelo facto de ser, desde o início da prova, o comandante da série que ocupa. A três jornadas do fim do campeonato, a equipa algarvia apenas perdeu duas vezes: uma frente ao Silves, e outra com o Quarteirense, na 1.ª volta. Com um «plantel» de 22 jogadores, a equipa lacobrigense, é orientada por Assis de Almeida, que assumiu as funções no princípio da época.

É a 3.ª vez, em 71 anos de existência, que o Esperança de Lagos conquista o direito a disputar o campeonato nacional de futebol da 2.ª divisão, onde já militou nas épocas 76/77 e 81/82.

Fundado a 12 de Setembro de 1912, o Esperança de Lagos deve a sua criação a um grupo de marinheiros (portugueses e ingleses) que influenciaram gentes da terra para a formação de uma colectividade ligada ao futebol. Durante muitos anos o Esperança foi filial do Sporting de Portugal, deixando de o ser em 1961 por decisão da assembleia geral do clube que optou pela fusão com outra colectividade da terra, tendo em vista uma efectiva representatividade local, como se lê no historial do clube. Do equipamento verde e branco, o Esperança de Lagos passou a camisola amarela e calções azuis, que são as cores da bandeira da cidade.

Actualmente, com cerca de dois mil associados, o Esperança de Lagos utiliza o campo «Rossio da Trindade», propriedade da Câmara, recentemente beneficiado com relva por iniciativa do próprio clube. A presidência da direcção está entregue ao industrial Rodrigues Serro que substituiu Armando

Castelo Branco, demitido recentemente a seu pedido.

Divisão 3

Encontros a contar para a 27.ª jornada da 3.ª divisão: Série A: Felgueiras-Aves, 1-0; Valencia-Limianos, 1-0; Merellense-Vianense, 2-1; Moreirense-Cabeceirense, 4-1; Macedo de Cavaleiros-Mirandela, 2-3; Ponte da Barca-Coelima, 7-1; Neves-Fafe, 0-6; S. Martinho-Monção, 2-1. Líder: Fafe, 41 pontos.

Série B: Ermezinde-Valadares, 2-0; Lixa-José Alves, 1-1; Paredes-Marco, 0-3; Ribeirão-Vila Real, 2-1; Esmoriz-Paços de Brandão, 2-1; Lamego-Infesta, 3-2; Tirsense-Vilanovense, 2-0; União de Lamas-Amarante, 0-1. Líder: Tirsense, 38 pontos.

Série C: Alcains-Viseu e Benfca, 1-1; Mangualde-Lusitano de Vildemoinhos, 0-0; Tondela-S.C. Barco, 3-1; Poiares-S. Romão, 0-0; Naval-Quaias, 2-1; Seia-Ovarense, 1-1; Esperança-Penalva do Castelo, 0-1; Guarda-Mealhada, 5-0. Líder: Guarda, 40 pontos.

Série D: Cartaxo-Marinhas, 1-1; União de Tomar-União de Santarém, 0-2; Pombal-Marinhasense, 2-1; Atouguense-Bombarralense, 3-2; Portalegre-Nisa e Benfca, 2-0; Caldas-Alvaiázere, 10-0; S.L. Marinha-Alferrarede, 2-0; Almeirim-Torres Novas, 0-0. Líder: Caldas, 39 pontos.

Série E: Olivais e Moscavide-Sintrense, 2-2; Vila-franquense-S.L. Olivais, 0-0; Lusitânia-Montijo, 2-0; Cacém-Santa Clara, 3-1; Campo-maiorense-Tires, 1-1; Oliveirense-Estrela da Amadora, 0-2; Coruchense-Oriental, 0-1; Pêro Pinheiro-Vialonga, 0-1. Líder: Estrela da Amadora, 37 pontos.

Série F: Moitense-Almada, 2-1; Pescadores-Despertar, 7-1; Silves-Comércio e Indústria, 3-0; Esperança de Lagos-Quarteirense, 3-2; Louletano-Lusitano, 1-1; Alvorense-Campinense, 2-1; Seixal-Santiago de Cacém, 1-0; Estrela de Vendas Novas-Trafaria, 1-0. Líder: Esperança de Lagos, 42 pontos.

Penafiel na 1.ª Divisão

Resultados dos encontros a contar para a 27.ª jornada do campeonato da 2.ª divisão, na Zona Norte: Oliveirense-Valonguense, 1-2; Sanjoanense-Leça, 3-1; Gil Vicente-Valdevez, 1-0; Riopole-Bragança, 1-0; Chaves-Famalicão, 3-2; Penafiel-Vizela, 3-2; Paços de Ferreira-Leixões, 1-1; Feirense-Lousada, 1-0. Classificação: 1.º Penafiel, 39 pontos (subiu à primeira divisão). Curiosidade: é treinado pelo professor José Moniz que, até há algumas semanas, orientou o Amora, agora em queda livre no 2.º escalão; 2.º Paços de Ferreira, Leixões, Chaves, 33; 5.º Vizela, 32; 6.º Feirense, 31; 7.º Sanjoanense, 29; 8.º Famalicão, Riopole, 28; 10.º Gil Vicente, 27; 11.º Valdevez, Lourosa, 26; 13.º Valonguense, 25; 14.º Oliveirense, 16; 15.º Leça, 15; 16.º Bragança, 13.

Zona Centro: Covilhã-Torreense, 2-1; Anadia-Benfica de Castelo Branco, 7-2; Águeda-Rio Maior, 2-0; Estarreja-União de Coimbra, 0-0; Nazarenos-Estrela de Portalegre, 0-2; Académico-Peniche, 2-1; União de Leiria-Beira-Mar, 3-1; Académico de Viseu-Oliveira do Bairro, 2-0. Classificação: 1.º Académico, 44 pontos; 2.º Águeda, 42; 3.º U.Leiria, 39; 4.º U. Coimbra, 29; 5.º Beira-Mar, Académico de Viseu, 26; 7.º Benfca C. Branco, Rio Maior, Torreense, Anadia, 25; 11.º Peniche, 24; 12.º Covilhã, 22; 13.º Estrela de Portalegre, 21; 14.º Oliveira do Bairro, 20; 15.º Estarreja, 19; 16.º Nazarenos, 18.

Zona Sul: Sesimbra-Odivelas, 2-1; Juventude de Évora-Sacavenense, 0-1; União da Madeira-Barreirense, 0-0; Atlético-Olhavense, 1-2; Vasco da Gama-Elvas, 1-2; Farense-Belenenses, 1-0; Quimigal-Nacional, 2-2; Cova da Piedade-Lusitano de Évora, 2-1. Classificação: 1.º Farense,

44 pontos; 2.º Lusitano, Belenenses, Olhanense, 32; 5.º Nacional, 31; 6.º União, 28; 7.º Sacavenense, 27; 8.º Elvas, Cova da Piedade e Sesimbra, 26; 11.º Barreirense, Juventude, 25; 13.º Odivelas, 24; 14.º Vasco da Gama, Atlético, 20; 16.º Quimigal, 20.

Farense: a grande festa

Milhares de adeptos do Farense associaram-se ontem aos festejos promovidos pela direcção do clube para assinalar a subida da equipa de futebol à primeira divisão do campeonato nacional. As manifestações iniciaram-se com uma largada de bombos, no Estádio de S. Luis (em Faro), antes do encontro Farense-Belenenses. No mesmo recinto, engalanado com milhares de bandeiras do Farense, cerca de 15 mil pessoas assistiram às exhibições de duas fanfarras dos bombeiros (Municipais e Voluntários de Faro) e ao «tattoo» pela Banda Filarmónica da Polícia de Segurança Pública de Lisboa.

Após o jogo com o Belenenses (que a equipa algarvia venceu por 1-0) um cortejo automóvel gigantesco percorreu as ruas da cidade de Faro e

diversas localidades do concelho. Ainda integrado no programa festivo realizou-se à noite, num jardim da cidade, um concerto pela banda da PSP.

Entretanto, o presidente do Farense (Fernando Barata), revelou que assinaram contrato com o clube, com vista à próxima época futebolística, os jogadores José Rafael, actualmente ao serviço do Amora e Grantcharov (Búlgaro).

O Farense, deverá manter cerca de 80 por cento do «plantel» actual e contratar mais dois ou três futebolistas.

Estão agendados três nomes de jogadores da primeira divisão, que se mantêm em segredo por «conveniência até final do campeonato», referiu Fernando Barata.

Canoagem ficou em terra

Aguardada com grande expectativa por milhares de pessoas, a «Maratona Internacional do Rio Ave» (primeira prova portuguesa integrada no calendário da Federação Internacional de Canoagem) foi anulada devido à perigosidade do rio, não obstante as condições excepcionais de segurança que haviam sido montadas em todos os pontos críticos do percurso. «Deverá realizar-se lá para o fim do verão», disseram os organizadores.

Os aguaceiros que têm caído nos últimos dias foram a causa determinante da anulação, visto que fizeram aumentar subitamente o caudal do rio e, consequentemente, os perigos para os cerca de 130 participantes que estavam inscritos, em representação do Vila do Conde Kaiak Clube, Clube Fluvial Vilacondense, Associação de Moradores de Massarelos, Clube Náutico de Crestuma, Clube de Canoagem do Porto, Ginásio Clube de Águeda, Centro Desportivo Universitário do Porto, Clube de Canoagem da Azenha e mais cinco formações espanholas, incluindo a própria selecção nacional.

De referir que a obstrução maior para a realização da prova partiu do juiz-árbitro nomeado pela FIC, o espanhol Jacinto Regueira Alonso, já que, (segundo apuramos), para os portugueses «os perigos eram iguais a outros que já enfrentámos em provas do calendário nacional».

Em comunicado distribuído à Imprensa, o Ginásio Clube Vilacondense, responsável pela organização da prova, refere, entretanto, que apoiou a decisão do juiz-árbitro, «verificada a completa alteração das condições de navegabilidade do rio Ave em muitos dos seus pontos, pelo aumento substancial do seu caudal, entre a tarde de sábado e a manhã de domingo». Acrescentam que «realizar a prova seria pôr em sério perigo a vida dos canoístas, pese embora todo o sistema de segurança montado».

Deliludados uns, revoltados outros por tal decisão, o certo é que não faltou quem demonstrasse que as condições do rio não estavam assim tão más como isso. Na verdade, várias foram as equipas que, ao tomarem conhecimento da anulação da prova, resolveram efectuar a descida do rio (22km, e com 21 açudes), desde Trofa até Vila do Conde, já com o sistema de segurança desmontado: e nenhuma delas sofreu qualquer precalço.

Entretanto, o Ginásio Clube Vilacondense vai estudar a melhor data para a realização da «maratona», tendo em conta o seu enquadramento no campeonato nacional de longa distância e desde que obtidos os apoios necessários. Segundo nos informaram, a realização de uma prova com esta envergadura implicou gastos da ordem dos 200 contos.

férias na praia

PARTIDAS TODAS AS 2.ªS FEIRAS DE 11 JUL. A 19 SET.

Palma de Maiorca
Ibiza * Las Palmas
Tenerife * Lanzarote

PREÇOS EXCEPCIONAIS

VOOS DIRECTOS DIURNOS

AIR PORTUGAL

PEÇA O PROGRAMA

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1840

abreu

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
LISBOA - Avenida de Roma, 66 B Tel. 803609
ALMADA - Rua de Olivença, 9 C Tel. 2756272
PORTO - BRAGA - COIMBRA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL

Auto-férias

VIAJE NO SEU AUTOMÓVEL CONFIANDO-NOS A RESERVA DO SEU ALOJAMENTO

Algarve * Benidorm
Costa del Sol

8 OU 15 DIAS

APARTAMENTOS HOTÉIS VIVENDAS

PRAIAS

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1840

abreu

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
LISBOA - Avenida de Roma, 66 B Tel. 803609
ALMADA - Rua de Olivença, 9 C Tel. 2756272
PORTO - BRAGA - COIMBRA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL



DESPORTO

"Taça"
de andebol

Sporting eliminou o Benfica

Uma semana depois de ter batido, copiosamente, o Benfica na última jornada do «Nacional» (que os «encarnados» conquistaram com todo o mérito), o Sporting repetiu a vitória, também bastante clara, frente ao velho rival, eliminando-o da Taça de Portugal, de que se efectuaram os jogos pertencentes à 5.ª eliminatória, já com os grupos da 1.ª Divisão. Os «leões» mostraram-se, nitidamente, superiores e, a meio da 2.ª parte, venciam por onze golos. Parecia que a «goleada» seria inevitável, mas, nos últimos minutos, os campeões despertaram e recuperaram para uma diferença mais ajustada à capacidade das duas formações. A derrota do Sporting de Espinho, em casa, frente ao Aguas Santas (da 2.ª Divisão) constituiu a surpresa da jornada.

Resultados na Zona Norte: Desp. da Póvoa, 25 - Académico do Porto, 27; Salgueiros, 34 - Amoniac, 30; Académica de Coimbra, 24 - F. C. do Porto, 33; e Sp. Espinho, 19 - Aguas Santas, 25. Zona Sul: Sporting, 28 - Benfica, 21; Belenenses, 47 - União de Leiria, 25; Comércio e Indústria, 24 - Paços de Arcos, 38; Cascais, 21 - Almada, 30; e Caramão, 25 - Paços Manuel, 23.

"Taça" de basquetebol

Queluz bate o Porto

O Algés conquistou a Taça de Portugal em basquetebol feminino da época 82/83, ao bater o Académico do Porto por 69-58. A partida, realizada no Pavilhão da Educação Física de Torres Vedras, resultou num bom espectáculo. A equipa de Dafundo, que repetiu o êxito da época passada, justificou perfeitamente a vitória, tendo denunciado uma capacidade francamente superior ao conjunto portuense. A prova principiou a disputar-se na época de 1965/66 e da lista de vencedores constam CIF e Académico do Porto (com cinco títulos cada).

Académica de Coimbra (quatro), CDUP e Algés (dois cada).

Da taça masculina realizou-se anteontem apenas um jogo, no Pavilhão de Queluz, entre as turmas locais e o FC do Porto, o recente campeão nacional. Os quelucenses, com Carlos Lisboa sempre em plano de grande destaque, começaram por superiorizar-se claramente no marcador, para perto do intervalo os portistas recuperarem e chegarem à vantagem tangencial. No início do 2.º período, o Queluz retomou o comando do

marcador para não mais o largar. O «cinco» da linha de Sintra chegou a estar em vencedor por onze pontos, a meio da 2.ª parte. Depois foi só controlar a bola, defender bem e «segurar» a vitória (84-81) a todos os títulos merecida. O Queluz defrontará a seguir, como visitado, o vencedor do jogo Barreirense - Conimbricense (21 h) a realizar 5.ª feira, enquanto o Benfica deslocar-se-á ao recinto do vencedor do jogo Olivais-Luso do Barreiro (21) também na quinta-feira. Os desafios das meias-finais deverão realizar-se no sábado.

Mónaco para Rosberg

Classificação do Grande Prémio do Mónaco de Fórmula 1, disputado no circuito de Monte Carlo: 1.º Keke Rosberg, Finlândia, Williams; 2.º Nelson Piquet, Brasil, Brabham; 3.º Alain Prost, França, Renault; 4.º Patrick Tambay, França, Ferrari; 5.º Danny Sullivan, Estados Unidos, Tyrrell; 6.º Mauro Baldi, Itália, Alfa Romeo; 7.º Chico Serra, Brasil, Arrows. Apenas terminaram sete dos 20 carros que alinharam à partida.

Classificação do mundial de condutores após esta prova: 1.º

Nelson Piquet, Brasil, 21 pontos; 2.º Alain Prost, França, 19; 3.º Patrick Tambay, França, 17; 4.º Keke Rosberg, Finlândia, 14; 5.º John Watson, Irlanda, 11; 6.º Niki Lauda, Áustria, 10; 7.º René Arnoux, França, 8; 8.º Jacques Laffite, França, 7; 9.º Eddie Cheever, Estados Unidos, 4; 10.º Marc Surer, Suíça, 4.

Automobilismo de luto

Morreram dois jovens espectadores e um piloto de 24 anos (o venezuelano Guillermo Arocha), durante a 4.ª prova do campeo-

nato da Venezuela, no Autódromo de La Chinita, em consequência de terem sido colhidos por um carro cujo condutor perdeu o seu domínio devido ao rebentamento de um pneumático.

Rampa da Figueira

Veiga da Silva, em Opel Kadett GTE, ganhou a Primeira Rampa da Figueira da Foz, prova que pontuou para o campeonato de iniciados, zona Norte.

Emílio Marta (em Ford Escort RS 1800) e Carlos Ferreira, (Fiat 131 Abarth), classificaram-se em 2.º e 3.º lugares respectivamente.



Atletismo: ilusão, desilusão

Carlos Lopes desistiu da tentativa de bater os recordes mundiais da hora e dos 20 mil metros com 39 minutos de corrida. O campeão sportinguista atribuiu a sua desistência ao facto de ter corrido, há pouco tempo, a maratona. **Fisicamente sinto-me bem mas as pernas não estavam a corresponder** — disse Lopes. **O meu esforço não ia dar nada porque estava a sentir dificuldades nas pernas** — concluiu.

Por seu lado, Rosa Mota percorreu a distância de 20 mil metros, no tempo de 1 hora, 6 minutos, 55 segundos e 5 décimos, que poderia ser máximo mundial: não é porque a nossa campeã correu acompanhada por homens. Rosa Mota fez 18.027 metros durante a tentativa de bater o recorde mundial da hora. O máximo mundial (oficioso) pertence à italiana Silvana Cruciani com 18.084 metros, corridos no

mesmo período de tempo.

Ainda da reunião de atletismo em Alvalade, que tanto prometia e tão grande desilusão constituiu para milhares de espectadores, censure-se (veementemente) a longa via «oferecida» a Fernando Mamede, apenas porque o excepcional atleta não compareceu à prova de 3000 metros, por ter acusado uma lesão anterior (o público esqueceu os grandes momentos que Mamede já nos deu para o tratar vergonhosamente) e os novos máximos nacionais de Maria João Lopes (Benfica) nos 400 barreiras (60 segundos) e Conceição Alves (Sporting) com 5455 pontos no heptatlo.

Em Francoforte (RDA), três portugueses aproveitaram uma maratona para obterem mínimos de qualificação para o campeonato mundial, a disputar na Finlândia: Rita Borralho, Cidália Caetano e Tavares da Silva, todos do Benfica.

Placard

Boxe: Nacional

O pugilista António Magalhães (Beira Mar) revalidou, em Aveiro, o título de campeão nacional de pesados. Magalhães derrotou aos pontos, na final, o sportinguista Alberto Nunes.

Na categoria de «médios» é campeão Jacinto Ribeiro (Rio de Janeiro-Lisboa), que derrotou aos pontos Francisco Xavier, do Piedense. Três sportinguistas conquistaram outros tantos títulos máximos da modalidade: Vítor Carvalho («médios-ligeiros»), Alfredo Andrade («ligeiros») e Carlos Pereira («plumas»). Na categoria de «mosca ligeiro», o novo campeão é Carlos Rodrigues (Aguas da Musgueira, clube a que também pertence o vencedor da categoria «mosca», Armando Bandeira). Mário Martins (Rio de Janeiro), é o detentor do título de «meios-médios», o portista Alcino Pereira de «meios-

médios ligeiros» e José Fernandes (Beira Mar), de «galo».

Círculo de leitores

Fernando Reis (Académico de Godim) e Aurora Cunha (FC Porto) venceram, em Lisboa, o «Grande Prémio Internacional de Atletismo Círculo dos Leitores». A classificação dos dez primeiros foi a seguinte: 1.º Fernando Reis, Académico de Godim, 41,25 minutos; 2.º António Riscado, Inatel, 41,33; 3.º Elisio Rios, Kolossal, 41,40; 4.º Óscar Santos, Académico de Godim, 41,51; 5.º Raul Lopes, Académico de Godim, 41,53; 6.º José Lopes, Académico de Godim, 42,19; 7.º Aniceto Simões, Académico de Godim, 42,29; 8.º Serafim Garcez, Kolossal, 42,45; 9.º Manuel Leite, Salgueiros, 42,53; 10.º Álvaro Costa, Liberdade, 42,56.

Classificação em senhoras: 1.º - Aurora Cunha, FC Porto,

45,44 minutos; 2.º - Rosa Mota, Clube de Atletismo do Porto, 53,07; 3.º - Ana Paula Oliveira, Clube de Atletismo de Rio Tinto, 56,12; 4.º - Conceição Fonseca, Sporting de Braga, 48,09. Luís Miguel (Sporting) venceu um Juniores, com o tempo de 44,38 minutos, e Armando Aldegalega (Sporting) foi o 1.º na categoria de veteranos, com 56,02. Na classificação por equipas triunfou o Académico de Godim.

Golfe em Miramar

A «Martini-Rossi» organizou (sábado e domingo) no clube de Golfe de Miramar, um «Open» denominado «William Lawson's». Verónica Coelho e Jorge Soromenho obtiveram os primeiros lugares da classificação geral, e o direito de estarem presentes (em Setembro próximo) na fase final da competição a disputar no «King's Court Gleneagles», em Edimburgo (Escócia). Inês Portela e Luísa Cunha alcança-

ram o 1.º posto em «senhoras».

Nesta competição estiveram presentes oito pares espanhóis e dois portugueses (o par do Sul será em breve escolhido no Estoril) e em 1984, a «Martini-Rossi» tenciona alargar a prova à França, Bélgica, Grã-Bretanha e Holanda.

Ténis: Noah triunfa

O francês Yannick Noah ganhou o «Open» de Ténis de Hamburgo ao bater na final o espanhol José Higueras, com os parciais de 3-6, 7-5, 6-2 e 6-0.

Em pares triunfaram o húngaro Balazs Taroczy e o suíço Heinz Günthardt, que bateram na final os norte-americanos Brian Gottfried e Mark Edmonson com os parciais de 7-6, 6-4 e 6-4.

Máximos

Dardo

O norte-americano Tom Petranoff, bateu o máximo mundial do dardo com um lançamento de 99,72 metros no decurso da reunião internacional de atletismo, que decorreu em Westwood (Califórnia). A antiga marca pertencia ao húngaro Ferenc Paragi, com 86,72 m.

Voleibol

ISEF estreia a vencer

A 1.ª vitória do ISEF (como visitante do CDUL) e a primeira derrota do Esmoriz, no ringue do Leixões, constituíram os factos de mais relevo da jornada de ontem do campeonato nacional masculino de voleibol, de que se efectuaram os jogos da 7.ª jornada. Mas será também de salientar a derrota (nas Antas) do F.C. do Porto frente ao Sp. de Espinho. Na prova feminina, porém, o facto de mais significado relaciona-se com a vitória do CDUP, como visitante do Guimarães. Resultados masculinos: CDUL-ISEF, 2-3; F.C. Porto-Sp. de Espinho, 1-3 e Leixões-Esmoriz, 3-1. Femininos: CDUL-Sporting, 3-0; Atlético-Benfica, 3-1; Leixões-Sp. Espinho, 3-1 e Guimarães-CDUP, 2-3.

O Leixões e o Esmoriz (masculinos), mais o Leixões e o CDUP (femininos) comandam as respectivas provas ao fim da 1.ª volta.

Hóquei júnior

Portugal: 4.º europeu

Em Lovaina (Bélgica) a turma portuguesa de juniores concorrente ao campeonato europeu não conseguiu melhor que um 4.º lugar na tabela geral enquanto, no tocante a «fair-play», se quedou pelo último posto...

Resultados das jornadas derradeiras: Itália - Holanda, 9-2; RFA - Portugal, 5-3; Espanha - França, 7-4; Bélgica - Inglaterra, 5-1; França - Suíça, 5-0; Inglaterra - Espanha, 1-6; Portugal - Holanda, 8-1; Bélgica - Itália, 0-2; Inglaterra - Suíça, 3-1; Itália - França, 16-2; Bélgica - RFA, 0-7; Espanha - Portugal, 4-3. Classificação final: 1.º Itália, 16 pontos; 2.º RFA, 14; 3.º Espanha, 12; 4.º Portugal, 10; 5.º Bélgica, 8; 6.º Holanda, 6; 7.º

França, 4; 8.º Inglaterra, 2; 9.º Suíça, 0.

Portugal ficou em último lugar na Taça Fair-Play, destinada à equipa mais correcta. A posição das turmas ficou assim ordenada: 1.º Inglaterra, 64 pontos; 2.º Suíça, 62; 3.º Espanha, 59; 4.º França, 56; 5.º Itália, 54; 6.º Alemanha Federal, 53; 7.º Bélgica, 52; 8.º Holanda, 43 e 9.º Portugal, 39.

Campeonato nacional

Resultados dos jogos a contar para o campeonato português de hóquei em patins da 1.ª divisão: Académica da Amadora - Benfica, 3-5 e Sporting de Tomar - FC Porto, 3-6.

Lá vamos na Corrida da Paz

Uwe Raab (RDA), ganhou a 6.ª etapa da «Corrida da Paz», em bicicleta, disputada entre Berlim e Halle na distância de 200 quilómetros. Nos lugares imediatos classificaram-se, Olaf Ludwig (RDA) e Venelin Hubenov (Bulgária). A classificação geral continua a ser comandada pelo soviético Oleg Tchushda.

Classificação dos ciclistas portugueses nesta etapa: 12.º Luís Teixeira, mais 10 segundos que o vencedor; 25.º António Fernandes, m.t.; 55.º Belmiro Silva, m.t.; 57.º Fernando Fer-

nandes, m.t.; 73.º Eduardo Correia, m.t.; 84.º Manuel Zeferino, m.t.. Classificação geral dos portugueses após esta etapa:

27.º Luís Teixeira, a 6 m 51 s do camisola amarela; 39.º Fernando Fernandes, a 8,09; 40.º Belmiro Silva, a 8,11; 59.º Eduardo Correia, a 17,05; 63.º Manuel Zeferino, a 21,06; 74.º António Fernandes, a 32,36.

Portugal ocupa o 11.º lugar na classificação geral por equipas com mais 22 minutos e 48 segundos que o «líder», da RDA.

Comércio do Porto

Raul Terebentino (Coelima) e Norberto Medeiros (da mesma equipa), ganharam as 2.ª e 3.ª etapas do «Grande Prémio de Ciclismo Comércio do Porto». Por seu lado, ontem, Carlos Santos (FC Porto), na distância de 140 quilómetros, que cobriu em 3 h 59 m 43 s e teve chegada a Oliveira de Frades.

Paulo Ferreira (Lousa) que se classificou em 3.º lugar com o mesmo tempo, conservou a camisola amarela. Em 2.º lugar na tirada, ficou José Amaro (Mako Jeans), em 4.º Bernardo Sousa (Coimbrões) e 5.º Manuel Neves (Rodovil), todos com o mesmo tempo do vencedor.

Giro

O italiano Paolo Rozzola conquistou a camisola rosa da «Volta à Itália» ao vencer a 3.ª etapa disputada entre Comacchio e Fano, na distância de 148 quilómetros. O vencedor gastou o tempo de 3 horas 29 minutos 16 segundos

**Auto Rádios e
Anti Roubo**



PHILIPS



EXPOSIÇÃO, VENDA E MONTAGEM

CETRA

CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL, SARL

Concessionário PHILIPS para
instalação de AUTO RÁDIOS

R. Luísa de Brito 1 B - Olivais Sul - Tel. 331022 - 1800 LISBOA

Já abriu a Feira do Livro do Porto

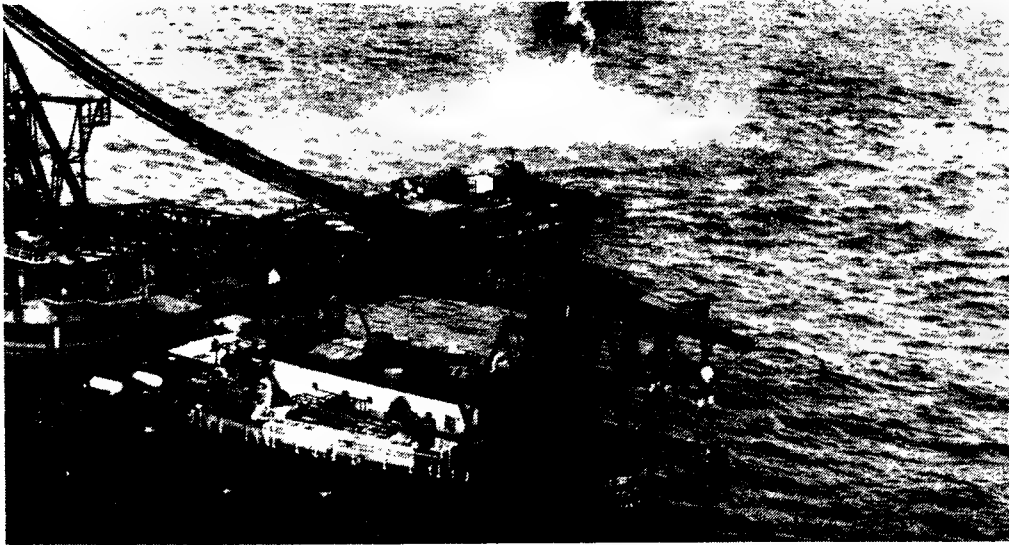
A 53.ª edição da Feira do Livro do Porto já está patente ao público na Praça Mouzinho de Albuquerque, Jardim da Boavista, por iniciativa da secção distrital da Associação Portuguesa dos Editores e Livreiros (APEL).

Abrindo no sábado, seis dias mais cedo do que a sua congénere lisboeta, a feira que este ano mudou de local, conta com a participação de cerca de 150 editoras portuguesas e brasileiras que se distribuem por 38 pavilhões.

Paralelamente à Feira do Livro, a decorrer até 2 de Junho no Jardim da Boavista, onde já funcionou nos anos 1973/74, por imposição camarária, vão realizar-se iniciativas de carácter cultural, nomeadamente a exibição de grupos de teatro e de ranchos folclóricos e projecção de filmes, além das tradicionais sessões de autógrafos.

Durante a visita à Feira do Livro, o vice-presidente da Cooperativa do Centro de Formação de Jornalistas do Porto pediu ao presidente da edilidade portuense e ao governador civil autorização para a implantação no recinto de um espaço para a projecção de «slides» sobre Comunicação Social, e realização de conferências e colóquios.

No pequeno pavilhão da Papel, montado na feira, estarão expostos a partir de hoje e durante o funcionamento do certame, livros sobre Comunicação Social.



Ecologia tema de filmes e colóquios na Gulbenkian

Com o filme de Alain Tanner, «Jonas», começa hoje às 17 e 30 minutos, o ciclo de filmes e colóquios, promovido pela associação «Ecologia em Movimento» e que terá lugar na Gulbenkian. O ciclo, que se prolonga até dia 19, é preenchido, no primeiro dia, pelo filme referido e por um colóquio com José Matos Cruz. No dia 17, fazem parte do programa curtas metragens sobre o terceiro mundo e sociedade industrial e um colóquio com Modesto Solha Sans sobre a lixeira nuclear do Atlântico. Nos dias 18 e 19 serão, respectivamente, passados os seguintes filmes: «Serra da Estrela», de Hélder Mendes, «Parque Natural de Montesinhos», de Ricardo Costa e «Nuclear, não Obrigado» (No Nukes). Os colóquios programa-

dos para os dois últimos dias do ciclo terão como temas, o renascimento rural e a opção nuclear em Portugal. Serão seus animadores José Carlos Marques e Delgado Domingos.

«Ecologia em Movimento» é, segundo um comunicado agora distribuído, «um grupo de pessoas que decidiram conjugar esforços para pôr em marcha um projecto cívico de reflexão e intervenção sobre os graves problemas de ambiente que afectam a população portuguesa». Afirmando que «pensar a realidade e os problemas humanos dos nossos compatriotas é a nossa maneira cívica de fazer política», o grupo de lançamento da «Ecologia em Movimento» pretende ser um «desafio às instituições

anquilosadas do poder, aos aparelhos e mecanismos corporativos». O grupo de lançamento é constituído por Afonso Cautela, António Duarte, António Eloy, António Fonseca, António Franco, Artur Tomé, Fernando Pessoa, Franklin Silva, Gertrudes Silva, João Reis Gomes, Joffre Justino, Jorge Leandro Rosa, Jorge Murteira, José Afonso Faria, José Manuel Lopes, Júlio Valente, Mário Cruz e Rocha Barbosa.

Por seu lado, o Verde-Grupo Ecológico de Portimão vai promover, no próximo dia 20, às 21 horas e 30 minutos, na Sociedade Vencedora Portimonense, um colóquio sobre energia, no qual participarão Afonso Cautela e José Carlos Marques.

Istória portuguesa

A cama(ra) tentadora

Manuel Carvalheiro

Marques nunca veio a Portugal. Falo do célebre Carlos, autor de «O Capital» e cujo centenário da morte é celebrado este ano em todo o mundo. Modéstia excluída, caro leitor, igualmente tema da minha primeira longa metragem, «O Paraíso Terrestre», cuja primeira parte rodei há dois meses em Trêves, na RFA; ao que se seguiu uma parte segunda em Paris, para entrevistar um seu bisneto e fazer uma rápida incursão ao apartamento em que vivera na rua Vaneau, prédio que, ironicamente, hoje é guardado por um porteiro português que também filmei. Mas é de outro Marques que lhe desejo falar, também célebre e que, em coincidência, de ano este tão culturalmente importante, recebeu o Nobel da literatura: Gabriel Garcia, visitante nosso por três dias. Encontrei-o no último, com o meu amigo Fernando Assis Pacheco.

Um anagrama diz-nos que não há cama sem câmara nem camarada. Pois para filmar em entrevista, a juntar em epílogo ao meu filme sobre o primeiro Marques, lutei para arranjar um director de fotografia com câmara, que quisesse enquadrar o Marques segundo. A meia-noite telefonei para o que fizera a bela foto do «Amor de Perdição» de Manoel de Oliveira, mas encontrava-se ausente, com equipa estrangeira para fora de Lisboa. Depois, à uma da manhã, bebendo uma cachaça, liguei para o 312734, mas este outro estava com o cineasta chileno Ruiz, para as Berlengas, talvez filmando os ratos da ilha, em cenário borgiano. Mais tarde, por volta das duas, e após jogar uma partida de dados, disqueei para o 549521, sem sorte também, porque o tipo tinha a câmara nos arredores,

nas mãos do assistente que por hábito dormia como o célebre Kulak numa cena da «Linha Geral» de Eisenstein (nem atirando pedrinhas à janela). Excitado com a visão que tivera nessa tarde, com uma jovem actriz de seios nus, por sinal o esquerdo mal disfarçado a cicatriz de uma operação de infância ao coração, dizendo um poema de Maiakovski referente à grande figura do século XIX agora centenariamente homenageada, forcei o «terrível» de um operador de origem espanhola com câmara, mas infelizmente fora da cama, talvez para terras do camarada Filipe Gonzalez. Eram já três da manhã! Mais calmo e com os fantasmas entretanto quietos ano meu inconsciente, comuniquei pelo instrumento de Bell às quatro para o 2212450: naturalmente desligou-me o telefone e que eu e mais o Gabo juízo. Às cinco da manhã depois de ter dormido cerca de uma hora, (sobriquet de GGM) tivéssemos qual zombie do Arco do Cego, bato à porta de um vogal da recém-criada Associação dos Realizadores Portugueses, que me atira com água de um jarro de cravos murchos para cima, depois de me ter dito que o último director de fotografia que me restava ainda neste país, vivia longe da capital. Fora, portanto, do raio de contaminação, no caso de uma bomba atómica cair perto do local em que os repúblicanos pensaram construir uma estátua dedicada a Ulisses.

Poucos minutos depois partiu de avião para o festival de Cannes o camarada das letras cinéticas, sem que uma câmara o tivesse filmado para mim, mas indo eu tranquilo com este raciocínio para a cama: veio a Portugal Gabriel Garcia Marx.

‘Sem Sombra de Pecado’ bem acolhido em Cannes

O último filme de José Fonseca e Costa, «Sem Sombra de Pecado», registou um grande êxito na Quinzena dos Realizadores, manifestação que decorre paralelamente ao Festival de Cannes.

O realizador português dá provas de desrespeito, saíscismo e ironia sobre um tema muito sério. Em Lisboa, cidade neutra em 1943, um jovem bur-

guês é arrastado por uma jovem desconhecida para misteriosos encontros, encontrando-se depressa numa armadilha, sem ter vontade de escapar dela: sem a sombra de um pecado, a jovem vinga-se de uma sociedade opressiva onde a família se desagrega mas continua a ser dominada pelo «pai ditador». Esta situação é relatada num tom de comédia negra e irónica.

Acompanhado pela vedeta do filme, Victoria Abril — actriz popular do cinema espanhol e latino-americano — Fonseca e Costa explicou que quis «fazer um filme onde se trataria da questão do pai, mas onde o que estava realmente em causa era o fascismo, sem falar dele, e a guerra, sem a mostrar». Efectivamente, todos estes assuntos aparecem em filigrana e o filme evita de

maneira notável qualquer sobrecarga.

José Fonseca e Costa é um «habitué» dos festivais. Em 1970 apresentou «O Recado» no Festival do Filme de Autor em San Remo e, dez anos mais tarde, «Kilas» tornou-se o maior êxito do cinema português depois de ter sido mostrado em Locarno e em Biarritz, onde obteve a «Makhila de Honra».

10^o ANIVERSÁRIO 1973-1983

GIBEL

CABELEIREIRO DE SENHORAS

O sistema GIBEL
— Técnica perfeita
— Muito mais rápido
— Muito menor preço

GRATIFICAÇÕES ABOLIDAS

DAS 8 H ÀS 20 H

Cç. do Sacramento, 38 LISBOA

motociclista

ACENDA OS MÉDIOS

mesmo durante o dia

DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO DSR

TEATRO ABERTO

NOVO GRUPO

APRESENTA

HOJE ÀS 21.30

4.º MÊS

O SUICIDÁRIO

PAULA GUEDES • MELIM TEIXEIRA • FILIPE CRAWFORD • MARIO VIEGAS
ENCENAÇÃO • JOÃO LOURENÇO

«UM GRANDE ESPECTÁCULO, CERTAMENTE A INSCREVER ENTRE OS GRANDES ESPECTÁCULOS DO PORTUGAL LIVRE» (C. PORTO-DL)

SABADOS • DOMINGOS • SEGUNDAS • TERÇAS e QUARTAS ÀS 21.30

AOS DOMINGOS: MATINEES 16 H - OIÇAM COMO EU RESPIRO -

METRO PALHAVA MARCAÇÕES PELO TEL. 770969

FILMES CASTELLO LOPES 66 apresenta

A verdade nua e crua de uma Revolução, numa obra de indiscreta força dramática!

DEPARDIEU NO FILME DE WAJDA

O CASO DANTON

PRÉMIO LOUIS DELLUC

ANDRÉJ WAJDA, VENCEDOR DO GRANDE PRÉMIO (CÉSAR 1983) DO CINEMA FRANCÊS PARA O MELHOR REALIZADOR INTERNACIONAL

WOJCIECH PSZONIAK em ROBESPIERRE
PATRICE CHEREAU • ANGELA WINKLER

Montado por JEAN PROUDHOMES, com JEAN-CLAUDE CARRIÈRE
Fotografia GÖR LUTHER - COLORIDO - MAIORES DE 12 ANOS

ESTREIA FUNDAMENTAL

AMANHÃ ÀS 21.30

O Vagabundo dos Limbos

Ribera (desenho)

Godard (texto)

9



continua

Fabricantes do agente laranja em tribunal

Cinco empresas fabricantes do agente laranja, um desfolhador utilizado durante a guerra do Vietname, vão responder perante a justiça pelas acusações feitas por antigos combatentes do Vietname, decidiu um juiz federal do estado de Nova Iorque.

Segundo os antigos combatentes, a sua exposição ao agente laranja teria estado na origem de cancro, doenças do fígado e do nascimento de crianças anormais. Por isso, 40 000 antigos combatentes tinham dado a conhecer as suas intenções de processarem nove produtores do agente laranja, mas o juiz considerou que o desfolhante fornecido por quatro destas empresas continha uma dose ínfima de dioxina. Tal não acontece, contudo, com as cinco restantes, que poderão não ter assinalado às autoridades militares o risco que os militares corriam.

Os fabricantes do produto consideram, por seu turno, não serem responsáveis por nada. O governo, declaram, conhecia os perigos que o agente laranja fazia correr.

No entanto, o Governo encontra-se fora de causa, pois o Supremo Tribunal argumentou anteriormente que os soldados não têm o direito de processar as autoridades por riscos que tenham corrido em tempo de guerra.

A decisão do juiz de Uniondale foi acolhida com alívio pelos antigos combatentes, que tentam há quatro anos receber indemnizações pelos prejuízos que consideram ter sofrido.

Entretanto, um campo de caravanas ocupado por 28 famílias, perto de Saint Louis, no estado do Missouri, contém dioxina, atingindo taxas 1100 vezes superiores ao nível considerado aceitável pela Administração da Protecção do Meio-Ambiente, anunciaram responsáveis federais da EPA.

Nos anos 70, tinha sido espalhado em vários caminhos do estado do Missouri um óleo destinado a observar a poeira. Concluiu-se recentemente que esse óleo estava contaminado com dioxina, um dos produtos químicos mais perigosos para o homem.

Até agora, cerca de trinta locais contaminados foram descobertos neste estado.

Belga puxa carroça através da Austrália

Um belga apostou que conseguiria puxar uma carroça de 200 quilos, num percurso de 5000 quilómetros, entre Perth e Brisbane, percorrendo durante um ano a Austrália meridional no sentido Oeste-Leste.

Norbert Kempeners, de 35 anos, que partiu de Perth a 5 de Janeiro, já percorreu mais de metade do trajecto (2500 km). Segundo amigos seus, acaba de atravessar a planície desértica de Nullabor, onde habitou nos campos aborígenes, e encontra-se agora perto de Augusta.

Kempeners, que está ligeiramente adiantado relativamente ao seu programa inicial, até se deu ao luxo de fazer um «desvio» por Port Lincoln, em vez de caminhar directamente para Port Augusta.

Egípcio de 160 anos quer casar outra vez

Tem 160 anos, 88 netos, goza de excelente saúde e continua a ter um projecto que lhe é muito querido: voltar a casar-se, pela terceira vez, apesar da resoluta oposição da família e da falta de candidata.

Segundo o jornal caiota «Al Ahram» que revela a existência de um pastor tranquilo da região de Ismailia (zona do canal do Suez), Ibrahim Al Karimi nasceu em 1823. Em 1869, assistia à inauguração do canal do Suez, depois de ter trabalhado nele integrado na equipa do engenheiro francês cujo nome esqueceu.

Casou-se por duas vezes: a primeira em 1848 e a segunda em 1902. Mas, diz ele lamentando-se, o preço do dote tinha entretanto duplicado, passando de 5 para dez libras egípcias (o mesmo número de dólares). Comprou o seu primeiro aparelho de rádio por 80 piastras (cerca de 100 escudos) e quase que o ia perdendo imediatamente: julgando tratar-se de um «djinn» (espírito), a sua segunda mulher tentou partir o aparelho à sapatada.

TRIBUNAL JUDICIAL DE S. JOÃO DA MADEIRA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última

publicação deste.

Execução Sumária n.º 1403/82, 2.ª secção.

Exequentes — Portugal Previdente «Companhia de Seguros», SARL Executado — Silva & Silvas, Lda., com sede no Lugar da Cruz, Fajões, Oliveira de Azeméis.

S. João da Madeira, 9 de Maio de 1983

O Juiz de Direito, António Nunes Ferreira Girão

O Escrivão de Direito, Idioma Margarida S. Salgueiro M.

«DL» — 16/5/83 — 1.ª Publicação

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

2.º Juízo

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do presente anúncio.

Execução de sentença n.º 807-A 2.ª secção

Exequentes — O Banco Pinto & Sotto Mayor, E.P. Executado — RAMAR-MARMORES, Lda., com sede em Vila Viçosa.

Lisboa, 11 de Maio de 1983

O Juiz de Direito, (a) José Albino Caetano Duarte O Escrivão de Direito, (a) Luís Loureiro

«D.L.» — 16/5/83 — 1.ª Publicação

Se conduzir não beba



ÁLCOOL E CONDUÇÃO

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Beja Santos: nenhum alarme é inútil

O Maurício trata dos touros. O Maurício é o latifundiário dos lugares-comuns. Maurício não faz crítica, nem pedagogia, nem reportagem: Maurício faz literatice barata. Que saudade de alguns outros que o precederam!

Para além de tudo isso, Maurício é respeitoso. Por vezes um ar servil que incomoda. «Senhor marquês de Rio Maior, permita-me que o saude...»

A Festa, que inferno, merecia outra voz que não esta.

As rosas e as torgas

«Memória de um povo» regressou. Será isto, comonas meteorologias, «céu nublado com algumas abertas»? Será esta «memória» uma dessas «abertas», aliás cada vez mais raras?

Lá fomos até Cambezes, «morte e vida transmontana», comose dizia no texto de qualidade literária pouco frequente nestas andanças televisuais. Lá fomos para esse «fim do mundo de um mundo que está no fim». Na realidade tão no fim que mais parece vir d'outra galáxia.

E no entanto, aquela gente é a nossa gente, aquela gente somos nós. Se a desconhecemos é pela mesma razão por que nos desconhecemos: porque a televisão se interessa muito pelo estrangeiro e pouco, muito pouco, pelo que é nosso. E fartam-se eles de aconselhar a preferência pelo produto nacional...

Lembremos aqui, como jóia

preciosa, o português de ouro que aqueles povos falam. Um português talhado no granito, sem a enxúndia do fingimento balofo.

«Memória de um povo» nunca será rubrica falada no mundanismo superficial. Nunca irá a nenhum eurofestival. Para ela, não se inventou ainda nenhum Montreux. Não terá as rosas de ouro, mas as torgas do baldio. Nunca lhe darão horário para muitos olhos, ficará sempre na hora deserta do domingo.

Alguém estará empenhado em que o nosso povo não tenha memória...

Não há céu com paninhos quentes

Mas estão empenhados em que tenha os nervos em franja, como naquela história (americana, *of course!*) das enfermeiras assassinadas e dos menores criminosos, do primeiro canal, logo a seguir ao Telejornal. Ou que coleccionem material para uma rica noite de pesadelos naquela série (*of course* americana) que no segundo canal se transmitia, logo a seguir ao futebol.

O padre António Rego, visita certa de minha casa na rubrica «Setenta Vezes Sete» e na missa dominical, veio ao Telejornal do Luís Pinto Coelho criticar a Comunicação Social, e particularmente a televisão, pelo relevo que dão à guerra e não à paz. Na geografia do sacerdote, guer-

ra e paz inserem-se numa geografia vastíssima onde entram o ódio, a violência, a intolerância, o conflito social, o belicismo — e também a amizade, a convivência, a compreensão, o abraço fraterno, o «beijo na face pedese e dá-se».

Olha, companheiro padre, eu perdi há muito a inocência dessa totalidade geográfica. Tu achas coerentes, quando na missa apenas à fraternidade, que o Ângelo Correia, o Mota Pinto, os Nandins, os agrários, os gestores sabotadores, os beijinhos, os abraços com os trabalhadores, os despedidos, os perseguidos, os sedentos de justiça?

Bom. Mas estou de acordo contigo, companheiro padre, no que respeita à paz e à guerra nuclearmente falando. A televisão toma objectivamente partido a favor da guerra. É um nojo de TV. A Igreja deve condená-la com dureza.

Foste brando, companheiro padre. O céu não se ganha com paninhos quentes. Que o digam os bispos americanos.

Da Bulgária, com amor

A grande surpresa do dia foi, no mesmo Telejornal, a presença de Beja Santos.

Era livre, e por isso na TV não gostaram dele. Não olhava aos interesses formados. Nem aos nomes. Nem às marcas. Apontava o defeito, o prejuízo, o crime. Na TV não gostaram dele. Man-

daram-no embora. Produto mais que todos detriado, como é que a televisão ia gostar de quem denunciava as falsificações...

A intervenção de Beja Santos era a propósito do Dia da Mãe, já a caminho da perversão consumista, como outra festas. Claro, Beja Santos, numa sociedade destruidora de todos os valores morais, tudo o que possui valor moral é livre da Malcata em vias de extinção. Se ela destrói a Mãe, como ia poupar o seu dia?

O drama é que nós todos nos vamos enterrando no lamaçal, quase sem darmos por isso. Por isso é que a voz de Beja Santos soou como uma campainha de alarme. Indispensável — mesmo parecendo inútil.

Da Bulgária, mãos amigas enviam-me, todos os anos, em Março, duas fitinhas, uma encarnada e outra branca, símbolo milenário da independência da sua pátria: grandeza moral sublinhada pela singeleza do material...

Ainda não recebi nada, este ano. Não creio que as amigas Sidónia e Margarita se tenham esquecido de mim. Dificuldades do correio, certamente. Mas a verdade é que, sem participar com meus filhos na alegria de um grande povo — me sinto mais pobre.

Mais pobre, pela ausência de uma pequena jóia — sem qualquer valor material...

Obrigado, Beja Santos, pelo seu alarme. Não inútil, não inútil. Nenhum alarme é inútil.

Hoje



Uma cena da peça «A Paisagem» que será representada esta noite na RTP-1

Das 13.30 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

18.17 Tempo dos mais novos

18.55 Encontro com a Ciência

19.30 Telejornal

20.35 Telenovela — «Origens» (30.º episódio)

21.10 Entreacto

21.45 É Sempre Bom Saber — «A História das Mulheres»

21.50 Teatro — «Paisagem». Intérpretes: Clara Joana, Mário Barradas. Encenação: João Vieira; Cenografia: António Casimiro; Produção: Atilia Cargaleiro; Realização: Jaime Campos.

22.55 Último jornal



17.42 TV/2 Notícias

17.55 «O Conde de Monte Cristo» — (I parte). Intérpretes: Louis Jourdan, Yvonne Furneaux, Pierre Mondy, Franco Silva. Realização: Claude Autant Lara

19.30 Desenhos Animados

19.55 2.ª Volta — Inclui a transmissão directa do Festival de Ginástica. Luz e Som.

22.00 Jornal da noite

22.20 Telenovela



O actor Louis Jourdan, intérprete principal do filme «O Conde de Monte Cristo».

Amanhã



08.00: Bom Dia Portugal, 09.50: Desenhos Animados; 10.10: Nós e a Lei; 10.30: O Mundo dos Romanos; 11.25: O Mordomo Ideal; 12.10: «Baila Comigo»; 13.00: Jornal da Tarde; Das 13.30 às 17.30: Ciclo Preparatório TV; 18.17: Tempo dos Mais Novos; 18.45: Indústria-Hoje e Amanhã; 19.10: Vamos Jogar no Totobola; 19.30: Telejornal; 20.30: Direito de Antena (UEDS); 20.35: «Origens»; 21.10: Shogun (último episódio); 22.10: O Tópico; 23.05: Último jornal.

09.30: Teletexto; 17.30: TV/2 Notícias; 17.45: «O Conde de Monte Cristo» (2.ª parte); 19.20: Desenhos Animados; 19.40: Património; 20.05: Cine Clube; com o filme «Nora Helmer»; 22.00: Jornal da Noite; 22.20: «Cabocla»



FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS DA FUNÇÃO PÚBLICA

Pré-Aviso de Greve

Ao Primeiro-Ministro
Ministro dos Assuntos Sociais
Ministro da Reforma Administrativa

PELA PUBLICAÇÃO DA LEI ORGÂNICA
PELA PUBLICAÇÃO DOS QUADROS DE PESSOAL DOS CEE's

Ao abrigo do Art.º 2.º, número 1, da Lei n.º 65/77 e nos termos e para os efeitos do art.º 5.º do mesmo diploma, informa-se que todos os trabalhadores do âmbito da Função Pública dos Centros de Educação Especial, a nível nacional, no continente e nas regiões autónomas da Madeira e dos Açores estarão em greve no dia 20 de Maio de 1983, sexta-feira, entre as 00 horas e as 24 horas, no Norte e Centro e das 14 às 24 horas na zona Sul.

De acordo com a lei serão garantidos os serviços de urgência.

Pelos

Sindicato da Função Pública do Norte

Sindicato dos Trabalhadores

da Função Pública da zona Centro

Sindicato dos Trabalhadores

da Função Pública da zona Sul e Açores

Federação Nacional

dos Sindicatos da Função Pública

ouro

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/ PAGAMENTO. •
das 10 às 12h. e das 14 às 18h.

Av. Almirante Reis 175 1.º (cinema IMPÉRIO)
VICTOR - telf. 53 82 20

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença de exploração para Portugal da patente de Invenção N.º 64 797 para «PROCESSO PARA ANTIDOTOS DE HERBICIDAS DE OXAZOLIDINAS E TIAZOLIDINAS HALOACIL E TIO-HALOACIL ARIL-SUBSTITUÍDO».

Trata: CLARKE MODET E C.ª
Lda
Patentes e Marcas
Rua Castilho 201 — 3.º Esq.
1000 — LISBOA

COMARCA DE CASTELO BRANCO

ANÚNCIO

No dia VINTE do próximo mês de JUNHO, pelas DEZ horas, no Tribunal desta comarca, no processo de Carta-Precatória n.º 62/83, 1.ª Secção, vindos do 2.º Juízo Cível de Lisboa, extraídos dos autos de Execução de Sentença que a exequente — Portugal Previdente, Cp.ª Seguros, move c/ os executados DOMINGOS ANTÓNIO CABARRÃO VAZ e esposa, residentes na Av.ª Gen. Humberto Delgado, n.º 2, em Castelo Branco há-de ser posto em praça para serem arrematados ao maior lance oferecido, acima dos respectivos preços anunciados, os seguintes:

BENS MÓVEIS

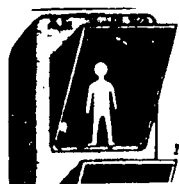
Um frigorífico de 4 estrelas, da marca «Sital», com capacidade de 280 litros, com congelador separado.

Castelo Branco, 6 de Maio de 1983

O Juiz de Direito,
(assinatura ilegível)

O escrivão judicial,
(assinatura ilegível)

«DL» — 16/5/83 — 1.ª Publicação



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores
têm de respeitar
a sinalização luminosa



GRUNDIG a segurança de um grande nome seleccionou para si...



Teatro
«A Paisagem»
(21 50)



O Conde de Monte Cristo
(17 55)

...e sugere para hoje...



No hotel Sara e Fernandes conversam sobre a percentagem que Sara lhe deverá dar depois da compra do hotel. Fernandes pretende um adiantamento.

Enquanto Luís no seu apartamento é obrigado a ouvir uma lição de música dada por Gaspar a duas alunas, Teresa toca à porta e diz-lhe que pretende falar com ele.

Na Catacumba, Nando e Hernandez conversam mas são interrompidos por Filipa. Hernandez obriga-a a sair.

Entretanto Emilia vai também a casa de Luís e fica surpreendida quando sabe que ele está no quarto com a ex-mulher.

Morato procura Fernandes no hotel para o ameaçar. Chega mesmo a disparar um tiro.

Julietta aconselha Ofélia a sair mais e a conviver com as pessoas.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112571

roteiro cultural

Música

Musica Antiqua, de Viena. conceituado grupo austríaco, apresenta-se, hoje, às 21.30, na Igreja de S. Roque, no quarto concerto da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. Sob a direcção de Bernhard Klebel, os instrumentos que cada um dos executantes usa nos concertos são autênticos, dos séculos XVII e XVIII ou cópias exactas feitas por especialistas na reconstrução de instrumentos da Renascença e do Barroco, tanto de corda como de sopro.

Os Cameran Singers, dirigidos por Avner Itai, realizam, hoje, às 18.30, novo concerto no São Luiz, interpretando obras de Bartok, Kodaly, Haydn, Brahms, Rossini e Monteverdi.

Em Santarém, no Círculo Cultural Scalabitano, realiza-se, hoje, um concerto, às 21.30, com Olga Prats (piano), Irene Lima (violino), António Saiote (clarinete) e Helena Veira (soprano).

Christian Benjamin, a convite da Alliance Française, vem dar um recital de canções na Comuna, amanhã, às 18.30.

Conferências

Norberto Ávila falará, hoje, de teatro infantil, na Sociedade Portuguesa de Autores, às 18 horas. A sessão insere-se num ciclo de teatro que a Associação Portugal-RDA,

em colaboração com a SPA, está a levar a efeito.

Jean Petitot profere, hoje, às 17.30, na Universidade Nova, uma conferência sobre os aspectos filosóficos da «Teoria das Catástrofes», inserida no seminário, que ali decorre, sobre filosofia do conhecimento, orientado por Fernando Gil. No mesmo local e horário, Jean Petitot profere nova conferência na quarta-feira.

Carlos Albino Guerreiro fará, amanhã, às 18.30, na Sociedade de Língua Portuguesa (Rua de S. José, 41, 2.º, perto do cruzamento com a Rua das Pretas) uma conferência, seguida de colóquio, sobre «A intervenção da poesia». Entrada livre.

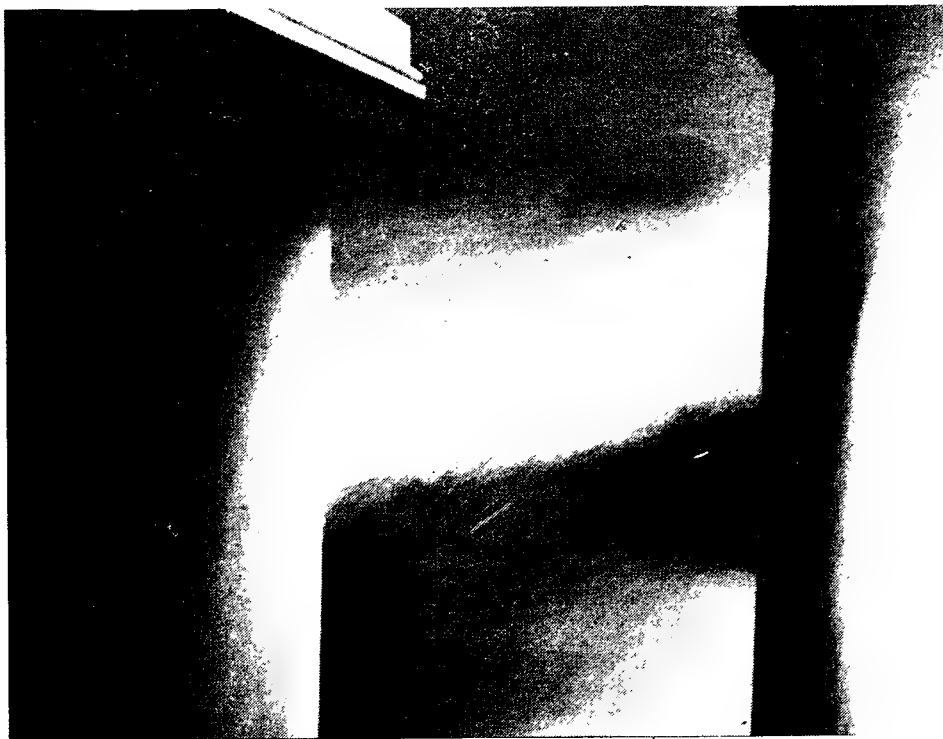
Cinema

A Cinemateca Portuguesa apresenta, nos dias 17, 20, 21 e 31 de Maio e 1 e 5 de Junho, um conjunto de filmes subordinado ao tema «Cinema e música», no âmbito do I Festival Internacional de Música de Lisboa. Este ciclo inclui a estreia em Portugal de «Parsifal», de Hans-Jürgen Syberberg.

«Sapatos Vermelhos» (1948), de Michael Powell e Emeric Pressburger inaugura o ciclo, amanhã, às 18.30, na Cinemateca.

Exposições

Marília Viegas expõe pintura, desenho e gravura na



Pintura de Marília Viegas, em exposição na Galeria de S. Francisco

Galeria de S. Francisco. Num texto para o catálogo da exposição, escreve Rocha de Sousa: «Quando alguém afirmou que a pintura é coisa mental terá estado perto de concluir que toda a pintura é metafísica. A ilustração dessa nuance, ou desse pensar que a imagem pictórica nos pode propor, está contida

(de certa maneira, obviamente) nesta série de pinturas e desenhos de Marília Viegas. Aqui, com efeito, as aparências finitas e planas da pintura servem sobretudo para nos confrontar com a dimensão de infinito que nunca sabemos aprender». A mostra está aberta até 27 de Maio, no seguinte horário: de 2.ª a 6.ª-fei-

ra, das 10 às 13 e das 15 às 19; aos sábados das 10 às 13 horas.

Uma exposição fotográfica sobre Luigi Pirandello (1867-1936) é hoje inaugurada, às 18 horas, na sede do Instituto Italiano de Cultura (Rua do Salitre, 146). A exposição, organizada pela cidade

de Agrigento, pátria do ilustre escritor, ficará patente ao público até 26 de Maio, todos os dias úteis das 10 às 13 e das 16.30 às 19 horas. Entrada livre.

Os artistas Eduardo Lemos e Alberto Berardo abriram, sexta-feira, em Coimbra, exposições de pintura. Eduardo Lemos apresenta os seus trabalhos no Rubinstein, enquanto Berardo expõe na Galeria Neves. Os dois certames ficam patentes ao público até 31 de Maio.

Imagens privadas de coisas públicas — imagens públicas de coisas privadas, é o título dado pela conhecida fotógrafa alemã, Verena von Gager, à sua exposição, que o Instituto Alemão de Lisboa, Campo dos Mártires da Pátria, 37, apresenta de hoje a 24 do corrente nos dias úteis (salvo 23/5, feriado alemão). Nessa «documentação poética», Verena von Gager procura desvendar o mistério que se oculta por detrás do quotidiano. A exposição veio da República Federal da Alemanha como contribuição para os «4.ºs Encontros Fotográficos» que estão decorrendo no Edifício Chiado, em Coimbra. Por ocasião da inauguração, em Lisboa, hoje, pelas 18.30, Verena von Gager falará sobre o seu trabalho, baseando-se em projecções. A tradução para Português está a cargo do dr. Renato Correia, Coimbra, que servirá de intérprete a questões que o público queira pôr.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Direcção dos Serviços de Aprovisionamento
Serviço de Aquisições

Concurso Público n.º 3 — 1151/83

Obras de Conservação de Reanimação do Serviço 9 Sala 2 do Hospital de S. Lazaro.

Recebem-se propostas até às 9,30 horas do dia 1 de Junho próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11,30 e das 14 às 16 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 4 de Maio de 1983

O CHEFE DO SERVIÇO
(a) Ilídio Luís de Sousa

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; 17.00: ZGHIBZ; 18.30: Informativo de trânsito; 19.00: Informação e música; 20.00: «Matai-vos Uns aos Outros», original de Jorge Reis; 20.15: O espaço é seu; 21.00: Toda a gente é pessoa; 21.30: Viva a noite; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00, 22.00 e 23.00 horas

Programa 2

16.00: Música de câmara; 17.00: Rosa, rosas; 17.30: Música religiosa; 18.05: Cultuando; 19.30: Terra viva, planeta azul; 20.10: Música sinfónica; 21.00: O canto e os seus intérpretes; 22.00: Os caminhos do homem; 23.00: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos — hora luterana; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite; 02.00: Uma noite com... Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Cinco estrelas; 21.00: Abandajazz; 22.00: Café concerto; 00.00: Dois pontos; 02.00: Uma noite com... Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Equipa da tarde; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Programa da LAR; 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Ouvir e pensar — inclui Rosa dos Ventos; 23.00: Última hora; 23.55: Meditando. Notícias intercalares a todas as horas

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; 21.00: Quando o Telefone Toca; 21.30: Pajú

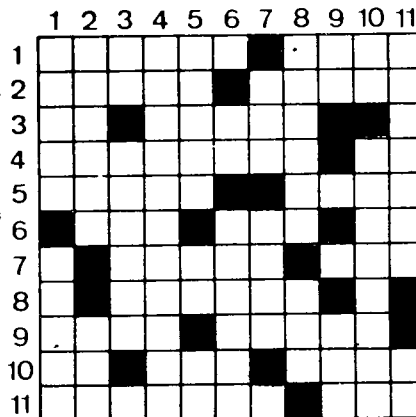
Tiragem média diária do mês anterior: 42 150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 738

HORIZONTAIS:

- 1 Cancro sífilítico. Nação.
- 2 Ilha neerlandesa do mar das Antilhas. Mulher que está para casar.
- 3 Em a Lago do estado da Paraíba.
- 4 Conferidos. Preposição latina que designa movimento.
- 5 Ave da família dos cotíngidas. Cidade da Umbria.
- 6 O mesmo que três. Uma das Novas Hébridas na Melanésia. Quinhentos e um em romano.
- 7 Inflamação do ouvido. O mesmo que justo.
- 8 Labrego.
- 9 Luz da lua. Inhambu.
- 10 Hélio (s.q.). Artigo. Aragern.
- 11 Enjeço. Personagem dos contos de fadas ingleses.



VERTICAIS:

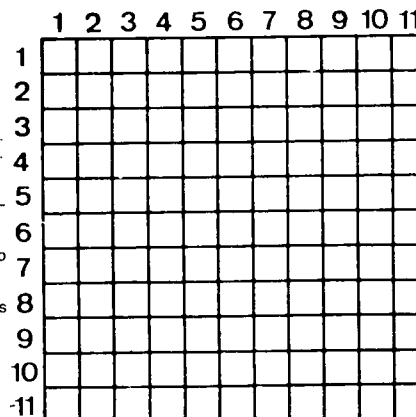
- 1 Antiga cidade da Apúlia, onde Aníbal venceu os romanos em 216 a.C. Antiquado.
- 2 Político palestino líder da OLP. Firmamento (inv).
- 3 Instrumento musical dos Negros (Bras). Uma das cinco partes do Mundo.
- 4 Cobriras com barrete.
- 5 Astúcia. Item. Zomba.
- 6 Idem. Atenciosa.
- 7 Recusa. Mulher que fala muito (fig.).
- 8 Colocai. Sultanato na extremidade oriental da Arábia.
- 9 Nesse lugar. Interjeição imitativa de estrondo, queda ou estampido.
- 10 Quarto. Andada.
- 11 Pagais o saldo de. Entre os Caldeus o 5.º mês.

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9589

HORIZONTAIS:

- 1 Numerário. Antes de Cristo.
- 2 Cidade da Argélia. Pequena mó.
- 3 Zombas. Mínimo. Ente.
- 4 Conjunto de pessoas grotescas (pl).
- 5 Género de insectos coleópteros. Composição poética.
- 6 Engenho de tirar água. Letra grega.
- 7 Irmã da mãe. Educa. Sua Majestade.
- 8 Fortificações. Pronome pessoal.
- 9 Caminhei para cá. Tempo do verbo ser.
- 10 Hidrosfera. Solitário. Aqui.
- 11 Fechas as asas para descer mais depressa. Despesas.



VERTICAIS:

- 1 Entorpecido. Campeão.
- 2 Tempo do verbo ir. Satélite de Júpiter (inv). Romeiro de Meca.
- 3 Vieram ao mundo. O mesmo que uma (ant. e pop).
- 4 Hólmio (s.q.). Fedor. Nome de frutos.
- 5 Centiare. Acreditei.
- 6 Igualaram.
- 7 Sujeito. Segundo. Apelido.
- 8 Rio da URSS. Apelido.
- 9 Restos mortais.
- 10 Ice. Letreiro.
- 11 Golpe. Bancas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 737

HORIZONTAIS:

- 1 DA. Arlon. Br.
- 2 Ireneu. Ases.
- 3 Sândalos.
- 4 Coleta. Coma.
- 5 Ena. Perus.
- 6 Ânimo. Ode.
- 7 Seres. Babar.
- 8 Aia. Sr. Os.
- 9 Orsk. Mei.
- 10 UU. Sumia.
- 11 Azul. Zina.

VERTICAIS:

- 1 DISCUSSÃO.
- 2 Arão. Eiriz.
- 3 Enleadas.
- 4 Andenne. Kul.
- 5 Reatais.
- 6 Lula. Sm.
- 7 Pobres.
- 8 NASCE. A. LUZ.
9. Orób. Mi.
- 10 Bermudas. In.
- 11 Rs. Aser. Saa.

Provérbio. Da discussão nasce a luz.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9588

HORIZONTAIS:

- 1 Catres. Usam.
- 2 Água. Nade.
- 3 Lança. Picar.
- 4 Ateara. Ciou.
- 5 Dã. Sabao.
- 6 Osa. SSS.
- 7 Amali. Ar.
- 8 Urro. Ilio.
- 9 Mi. Fazem. Pi.
- 10 Agia. Péra.
- 11 Sarro. Homem.

VERTICAIS:

- 1 Calado. Umás.
- 2 Agatas. Riga.
- 3 Tune. Aar. Ir.
- 4 Raças. Mofar.
- 5 Araba.
- 6 Se. Ab. Lizo.
- 7 Asle.
- 8 Unicos. Impo.
- 9 Saci. Sao. Em.
- 10 Adão. Pre.
- 11 Merufe. Riam.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS **BANCO CENTENÁRIO** **UM BANCO MODERNO**
Banco Fundado em 1864

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	75\$10	81\$10
ALEMANHA FED (marco)	39\$75	40\$85
AÚSTRIA (xelim)	5\$55	5\$75
BÉLGICA (franco)	1\$805	2\$005
BRASIL (cruzeiro)	\$060	\$160
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	79\$10	81\$10
(notas de 5 a 1000)	79\$60	81\$60
DINAMARCA (coroa)	11\$15	11\$55
ESPAÑA (peseta)	\$674	\$794
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	97\$25	99\$25
(notas de 5 a 1000)	97\$75	99\$75
FINLÂNDIA (marka)	17\$95	18\$55
FRANÇA (franco)	13\$20	13\$90
HOLANDA (florim)	35\$25	36\$25
INGLATERRA (libra)	152\$75	156\$75
IRLÂNDIA (libra)	125\$90	129\$90
ITALIA (lira)	\$064	\$070
JAPÃO (lene)	\$380	\$415
NORUEGA (coroa)	13\$70	14\$20
SUECIA (coroa)	13\$00	13\$60
SUIÇA (franco)	47\$90	48\$00
VENEZUELA (bolívar)	7\$60	8\$60

Observações:

1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.



cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.00 e 23.00
Para todos
LOUCAMENTE APAIXONADO

SALA B

Às 14.45, 17.00, 19.00, 21.15 e 23.15
Int. m. 13 anos
VICTOR VICTÓRIA

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14.00 - 16.30 - 19.00 - 21.30

- N. ac. men. 18 a.
FANNY HILL, A SUECA ENDIABRADA
4.ª Semana

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
DO FUNDO DO CORAÇÃO
Não ac. men. 13 anos
8.ª semana

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- Int. men. 13 a.
COMANDOS DO SINAI
2.ª semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
2001 ODISSEIA NO ESPAÇO
N. Acons. m/13 anos

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
Festival Charlot
TEMPOS MODERNOS

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA
8.ª semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O GRANDE CONQUISTADOR
c/ Woody Allen

Às 24
SELVA DE ASFALTO

CITY CINE 49999

R. Tomas Ribeiro, 34

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

N. ac. men. 13 anos
O ÚLTIMO METRO
Às 23.45
DUAS MULHERES APAIXONADAS

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

N. ac. men. 18 anos
MISSING
Às 24.00
O ASSASSINO DA ROSA

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.
AMOR ETERNO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 18 a.
MOMENTOS ÍNTIMOS

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

N. ac. men. 18 a.
A SEXTA-FEIRA MAIS LONGA

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30

N. ac. men. 13 anos
O PODER DO DINHEIRO
3.ª semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a.
DINA E DJANGO
c/ Maria Santiago e Luís Lucas

IMPERIO 555134 5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
Maiores de 16 anos
O GRANDE FILÃO

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 15.15, 18.30 e 21.30

- Int. men. 13 a.
A NOITE DE VERENNES

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

1990, OS GUERREIROS DE BRONX
- M. 16 a.
2.ª semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Int. men. 13 anos
FORÇA DE INTERVENÇÃO ANTIDROGA
Às 18.15 e 24.00
O GANG

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.
O IMPÉRIO CONTRA-ATACA

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30

Int. men. 13 a.
O REGRESSO DO ESPÍAO

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 21.30

Int. men. 13 anos
FÚRIA EM HONG-KONG

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

N. ac. men. 13 anos
ACIDENTE DE CAÇA



Uma cena do filme «A cidade branca». Realizado por Alain Tanner. Em exibição no Quarteto.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14, 16, 18, 20 e 22

- Int. men. 18 a.

BILÃO

Às 24

TUDO BOA GENTE

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

PERIGO IMINENTE

Às 23.30

CAN-CAN

SALA 3

Às 14, 16, 18, 20 e 22

- Int. men. 18 a.

CONTOS DA LOUCURA NORMAL

Às 24

O HOMEM DA MARATONA

SALA 4

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15

- M. 18 a.

CIDADE BRANCA

Às 23.30

VIAGEM A ITÁLIA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 14.45, 17, 19.15 e 21.30

M. de 18 anos

A SEXTA-FEIRA MAIS LONGA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

O REGRESSO DA TURMA DOS MALANDROS

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 13.45, 17.30 e 21.15

- N. ac. men. 13 a.

GANDHI

7.ª semana

S. JORGE SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a.

VICTOR, VICTÓRIA

14.ª semana

S. JORGE SALA 3

Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45

Int. men. 13 anos

THE GRADUATE (A PRIMEIRA NOITE)

2.ª semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

N. acons. m/13 anos

DO FUNDO DO CORAÇÃO

7.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45

N. ac. men. 13 a.

TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA

Domingo às 11.15

ASTÉRIX E CLEÓPATRA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

A VIDA É UMA FESTA!

4.ª semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30

- N. ac. men. 13 a.

TOOTSIE, E QUANDO ELE ERA ELA

6.ª semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

N.A.M. 18 anos

A BATALHA DE MIDWAY

2.ª semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, Lote 879

Às 15.00, 18.15, 21.30

Não acons. m/13 anos

A VÍTIMA N.º 4

XENON 168480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

N. ac. men. 13 anos

O MEU PRIMO É UM ESCÂNDALO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Scauners», às 21.30 (18 anos)

ALFA-2 - «E. T., o Extraterrestre», às 21.15 (6 anos)

ALFA-3 - «A Fúria do Herói», às 21.45 (16 anos)

ZODÍACO - «Bonnie e Clyde», 21.30 (18 anos)

RESTELO - «O Poder do Dinheiro», às 21.30 (13 anos)

CINE-ESTÚDIO ACS - «A Rainha dos Diamantes», às 21.30 (18 anos)

MUNDIAL - «O Passageiro da Chuva», 21.30 (18 anos)

CAPITÓLIO - «Excessos Pornográficos», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

OLÍMPIA - «A Jogatana Sexual», sessões permanentes (18 anos)

QUINTETO - «Justiça de Guerra», às 21.30 (13 anos)

ROYAL - «A Execução do Soldado Slovik», às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - «Os Demónios do Karate», às 21.30 (18 anos)

CINEMATECA NACIONAL - «O Regresso de Frank James», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL - Casino - «Enigma», às 21.15 (12 anos)

S. JOÃO DO ESTORIL - Cinelândia - «20 Mil Léguas Submarinas», às 21.15 (6 anos)

CASCAIS - Oxford - «Os Malucos na Caserna», às 21.30 (6 anos)

CASCAIS - Impala - «O Bar da Última Esperança», às 21.30 (13 anos)

CASCAIS - Oxford - «Os Malucos da Caserna», às 21.30 (Todos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cine Plaza - «Enigma», às 21.30 (12 anos)

AMADORA - Lido - «Fuga para a Felicidade», às 21.30 (18 anos)

AMADORA - Cinestúdio - «Átila», às 21.30 (13 anos)

CACÉM - Cine Estúdio Flores - «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.30 (13 anos)

ERICEIRA - Cinestúdio - «O Homem da CIA», às 21.15 (18 anos)

Outra banda

ALMADA - Incrível - «O Grande Zorro», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Academia - «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.15 (13 anos)

SETTUBAL - Júpiter - «A Agente em Nova Iorque», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Cine Estúdio - «Romance em Nova Iorque», às 21.30 (13 anos)

COSTA DE CAPARICA - Silcine - «O Gendarme e os Extraterrestres», às 21.30 (13 anos)

Porto

TRINDADE - «Ghandi», às 21.30 (13 anos)

COLISEU - «Doutor Jivago», às 21.30 (13 anos)

ÁGUIA - «Clá e os Grandes Ladrões», às 21.30 (13 anos)

ESTÚDIO - «Cães de Palha», às 21.30 (13 anos)

DL

PORTO PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos.
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade 368740
Serviço de noite (depois das 21).
Porteiro 321154
Redacção 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Região	Temperatura
VIANA DO CASTELO	11°
BRAGANÇA	4°
VILA REAL	6°
PORTO	10°
PENHAS DOURADAS	0°
COIMBRA	5°
CABO CARVOEIRO	13°
PORTALEGRE	6°
LISBOA	10°
ÉVORA	8°
BEJA	12°
SAGRES	15°
FARO	16°
PONTE DELGADA	14°
FUNCHAL	15°

Regiões do Norte e Centro: céu geralmente muito nublado, vento fraco do quadrante Oeste; algumas chuvas. Região Sul: céu pouco nublado; vento fraco e pequena chuva de temperatura em todo o território.

tempo

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Regiões do Norte e Centro: céu geralmente muito nublado, vento fraco do quadrante Oeste; algumas chuvas. Região Sul: céu pouco nublado; vento fraco e pequena chuva de temperatura em todo o território.

Motivo passiona! ou tráfico de diamantes

Suicidou-se o comandante da TAAG encontrado morto na Caparica

A Polícia Judiciária de Setúbal, segundo afirmou esta manhã ao «DL» o seu director, dr. Sousa Martins, tem «quase com certeza» que foi suicídio a causa da morte do comandante da TAAG (companhia aérea angolana), João Cândido Villaret de 45 anos, cujo corpo, conforme noticiamos, foi encontrado por um pescador na manhã de sexta-feira, na praia da Saúde, Costa da Caparica.

Frente ao cadáver de Cândido Villaret, português de nacionalidade e em gozo de férias em Lisboa, estava um retrato da mulher, de que se encontrava separado há seis meses, e do filho ainda criança. A seu lado viam-se ainda duas pistolas de guerra, uma «D. Manuel» e outra «Mauser», tendo sido esta última quem provocou o ferimento mortal.

Em relação às duas pistolas, o irmão da vítima afirmou à GNR do posto da Trafaria tratarem-se de armas adquiridas em Angola e que, embora já fora do mercado, estavam perfeitamente funcionais. A pistola «D. Manuel» é uma autêntica arma de colecção avaliada em cerca de 250 contos.

Logo de início (e numa hipótese ainda não totalmente posta de parte pelos investigadores), a morte do comandante Cândido Villaret foi associada às detenções verificadas ultimamente em Angola de funcionários da TAAG e de outras pessoas de várias nacionalidades, entre as quais a portuguesa, por alegada ligação ao tráfico de drogas e de diamantes para o nosso País.

Em Paris hoje

Reunião para constituir “Internacional Anticomunista”

Paris será hoje, segunda-feira, sede do Congresso constitutivo da chamada «Internacional da Resistência ao Comunismo» — informou no sábado passado a agência IPS.

A Comissão Preparatória é coordenada pelo dissidente soviético, Eduard Kuznetsov, e dela constam outros elementos também relativamente conhecidos da «dissidência»: Eden Pastora (Nicarágua), Huberto Matos e Armando Valladares (Cuba), Vo An Ai (Vietname). Além destes nomes figuram outros de não-dissidentes dos seus regimes ocidentais como o famoso espanhol Fernando Arrabal, e de destacados políticos de países capitalistas, como a francesa Simone Weil.

Outros figurantes na Comissão: Winston Churchill, filho do ex-primeiro-ministro britânico, Evladimir Maximov, Vladimir Bukovski e o célebre violoncelista Rostropovich (todos de origem soviética), o franco-romeno Eugenio Ionesco (célebre dramaturgo), o escritor romeno Paulo Gomma. Na sua maioria, os elementos da «Resistência» são cidadãos «dissidentes» da Europa de Leste.

Os organizadores declararam, ao anunciarem a data do Congresso, que este durará «no mínimo três dias» e que nele participarão oposicionistas de governos como: os do Afeganistão, Albânia, Angola, Argentina, Bulgária, Kampuchea, Cabo Verde, China, Laos, Moçambique, Polónia, Checoslováquia, Jugoslávia. Além disso, haverá também gente de algumas repúblicas soviéticas, como as da Crimeia, Ucrânia e Rússia.

Segundo os seus impulsores, a organização em preparação destina-se a «lutar contra a ameaça cada dia mais precisa que o sistema soviético faz pesar sobre países como El Salvador, a Argentina e a Tailândia».

A estrutura actual da «Internacional Anticomunista» tem dois níveis: o primeiro compreende os chamados «grupos nacionais de defesa contra o totalitarismo», organizados em comissão com um representante por cada grupo, junto do organismo coordenador.

O segundo nível da organização do movimento é constituído por cidadãos dos países ocidentais que representam correntes de opinião anticomunista.

A IPS não informa se este Congresso tem alguma coisa a ver com a Organização Mundial Anticomunista, com sede na Formosa.

“É legítima a aliança PS/PSD”

— afirma a ASDI

O Conselho Nacional da ASDI considerou legítima a aliança política entre o PS e o PSD, partidos mais votados pelos eleitores em 25 de Abril.

Aquele órgão da ASDI esteve reunido em Lisboa, sábado e parte da madrugada de ontem e no final, divulgou um comunicado em que entende que o novo Governo deverá dispor de um programa claro e coerente, mobilizador da vontade dos portugueses.

Considera, também, que o futuro executivo, deverá «representar uma mudança, correspondendo a um corte com a prática política da governação AD e uma composição que privilegie a competência e a isenção» e

pautar-se pela afirmação, pelas realizações, em vez de procurar refugiar-se na guerrilha institucional, na crítica aos outros partidos ou na oposição às oposições.

O Conselho Nacional apela para que seja elaborado «um plano de medidas prioritárias para resolver os mais urgentes problemas do País, capaz de recolher o mais amplo consenso nacional», e para que sejam incentivadas todas as formas tendentes à concretização de um contrato ou pacto social.

Outro ponto obrigatório para a actuação da equipa governativa será o de «valorizar o papel insubstituível em democracia do Parlamento e respeitar as auto-

nomias regionais da Madeira e Açores».

A ASDI preocupa-se, ainda, em que os partidos políticos passem a «estar mais atentos e interessados nos problemas concretos dos portugueses, que nos seus problemas internos, nas suas clientelas e na afirmação do vedetismo dos seus dirigentes».

Por outro lado, a ASDI considera «não dever a Assembleia da República eleita em 25 de Abril, proceder à revisão antecipada da Constituição, adiantando no comunicado que «opor-se-á a que, por tal via, sejam introduzidos novos e artificiais conflitos, evitando a preocupação com os problemas autênticos da sociedade portuguesa e prejudicando

a necessária estabilidade do regime e das instituições».

O Conselho Nacional mandou a Comissão Política para elaborar e apresentar à próxima reunião daquele órgão «uma moção orientadora da acção estratégica a seguir no curto prazo pelo partido».

Quota: 50 escudos

O Conselho Nacional da ASDI, reunido sob a presidência de Dias de Carvalho, fixou hoje a quota mínima a pagar pelos seus associados em cinquenta escudos.

Este ponto da agenda precedeu a análise dos resultados das últimas eleições.

Horas antes um outro filho tentara suicidar-se

Casal e filho afogados em Valongo num automóvel que caiu ao rio

Um casal (Manuel Teixeira, de 50 anos, e Rosa Teixeira, de 59) e o seu filho, Joaquim Teixeira, de 30, perderam a vida esta madrugada quando o carro em que seguiam rumo a Penafiel se despetou numa curva mal sinalizada na freguesia de Campo (Valongo), nos arres-

dores do Porto, mergulhando nas águas do rio Ferreira. Dois outros ocupantes do veículo, o condutor e um outro filho de 17 anos do casal sinistrado, conseguiram salvar-se a nado.

Manuel da Silva Teixeira e a mulher, juntamente com os

dois filhos e o condutor do veículo, António Joaquim Ruela Bencatel, de 20 anos, serralheiro, tinham vindo ao Porto, ao Hospital de S. João, visitar um outro filho de dezasseis anos que, horas antes, tentara pôr termo à existência, por enforcamento. Felizmente foi socorrido a

tempo e levado numa ambulância àquele hospital, onde acabaria por ficar internado mas livre de perigo.

Os bombeiros retiraram das águas os corpos de Manuel e de Rosa Teixeira, mas o corpo do seu filho ainda não apareceu, apesar das buscas encetadas.

“Dilúvio” em Lisboa e neve na Estrela

Neste Inverno prolongado com que fomos «brindados» (Lisboa esteve esta madrugada sob uma forte bâtega de água), a neve continua a cair na serra da Estrela e ainda ontem à noite os passageiros de um autocarro de turismo, que circulava na área da Torre, tiveram de ser retirados do veículo pelos bombeiros. O forte nevoeiro provocou ainda a interrupção nas ligações ferroviárias entre Seia e a Covilhã.

Casa de Imprensa recebeu pelo MAS

A direcção da Casa de Imprensa foi recebida, ao fim da manhã, pelo ministro dos Assuntos Sociais. Em causa, o atraso no reembolso da Previdência a esta instituição de assistência aos jornalistas.

São cerca de dois mil contos que os Serviços Médicos Sociais têm retidos e que a direcção da Casa de Imprensa tentará desbloquear. Esta situação repete-se sistematicamente.

Com mais de 500 associados (e respectivas famílias), a Casa de Imprensa tem um apoio complementar os Serviços médico-Sociais. Com os novos Estatutos e Regulamento, a Casa de Imprensa tenciona, por exemplo, alargar o âmbito dos associados, não só para jornalistas de todo o País (até agora era apenas Lisboa), como também para jornalistas estrangeiros acreditados em Portugal.

Políticos que a CIA quis matar

O almirante Stanfield Turner, citado ontem pela ANGOP, afirmou que a CIA planeou derrubar Fidel Castro, Khadafy, Khomeiny e o governo sandinista da Nicarágua, nos fins da década de 70 e princípios de 80.

Turner, conhecedor dos segredos dos Serviços Especiais norte-americanos, acrescentou que os planos não se concretizaram porque os agentes da CIA não conseguiram encontrar processos práticos para a sua efectivação.

Segundo a ANGOP, já se sabia que a CIA tentara eliminar fisicamente o dirigente cubano nos anos 60 e o líder líbio na década de 70, mas Washington nunca reconheceu a existência de conspirações posteriores contra Fidel Castro, o ayatollah Khomeiny ou o líder líbio, coronel Khadafy.

abreu

PARTIDAS TODOS OS SÁBADOS DE ABRIL A OUTUBRO

6 DIAS **TÂNGER**

6 DIAS **AGADIR**

TÂNGER E CASABLANCA 6 DIAS

CIRCUITO DAS CIDADES IMPERIAIS

8 DIAS — AVIÃO E AUTOPULLMAN

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1840

PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
LISBOA - Avenida de Roma, 66 B Tel. 803609
ALMADA - Rua de Olivença, 9 - C Tel. 2756272
PORTO - BRAGA - COIMBRA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL

LONDRES

FÉRIAS OU NEGÓCIOS

UMA SEMANA - PARTIDAS TODOS OS DOMINGOS

LONDRES E ESCÓCIA

Circuito em Autopullman

PREÇOS EXCEPCIONAIS

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1840

PEÇA-NOS PROGRAMAS DETALHADOS

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
LISBOA - Avenida de Roma, 66 B Tel. 803609
ALMADA - Rua de Olivença, 9 - C Tel. 2756272
PORTO - BRAGA - COIMBRA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL

Sete Ponto Sete

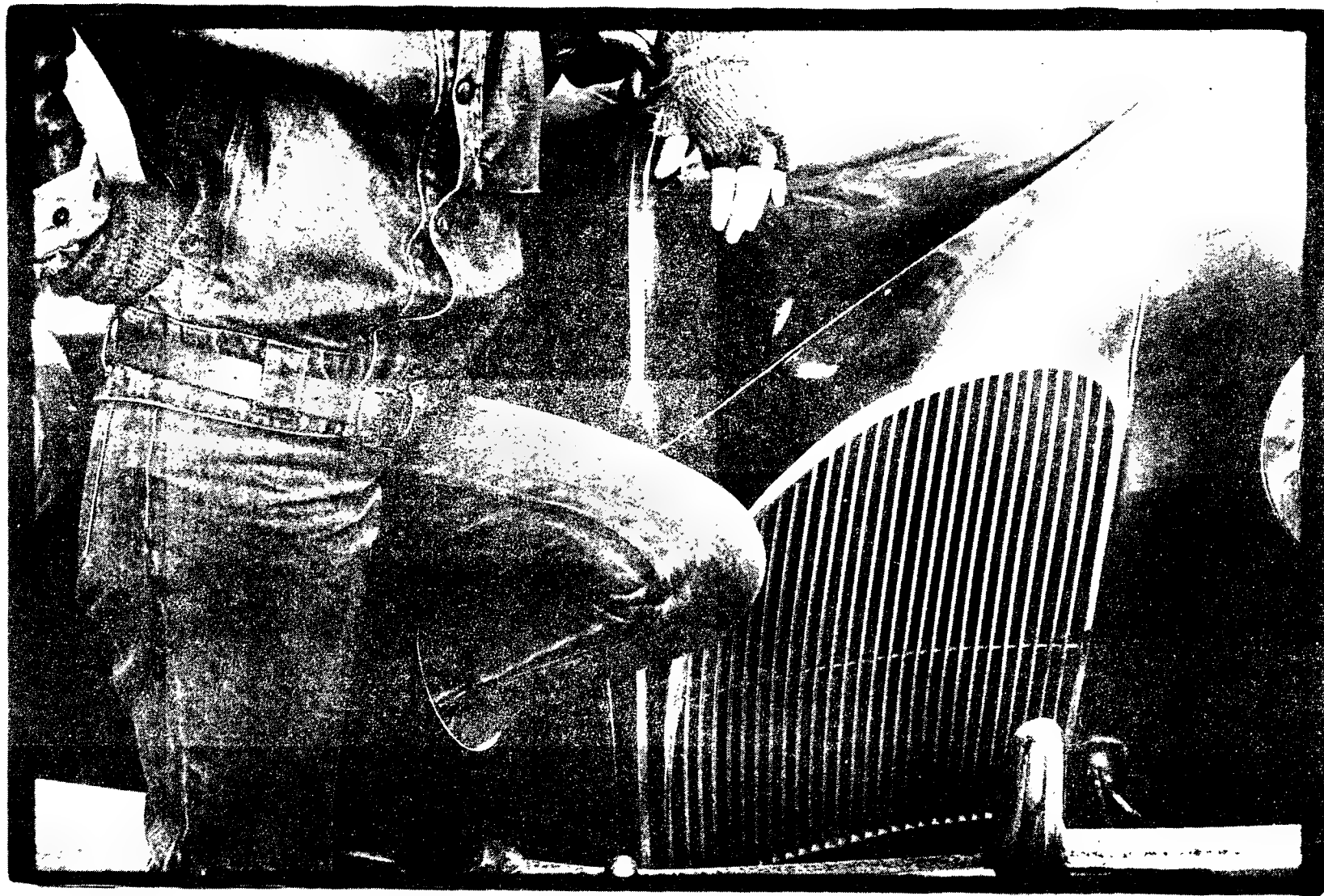
*Sepmair mit joining
- riffe eine Spezial-
- anleitung aus der ff.*

Sensações fortes
mas falsas

*und anleitung für die
- joining nicht
- an sein.*

by John

Pág. 3



E depois do curso?

Foto Pedro Silva Dias

«Resolvemos, eu e mais dois, fazer um juramento: se algum de nós fôr um artista de êxito, alimenta os outros...». Esta não é uma passagem de um diário íntimo de um artista, escrita por volta de 1907, num quarto de traseiras. É uma afirmação de estudantes da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, em 1983, feita esta semana para o Sete Ponto Sete.

Págs. 4 e 5

Editorial

Ombudsman

Simon Wiesenthal disse na semana passada, em Viena, que o autor ou autores do falso diário de Hitler, apresentado durante duas semanas pelos responsáveis da «Stern» como autêntico, podem ser antigos nazis fugidos para a América Latina, provavelmente ligados ao grupo que, durante a guerra, fabricou falsas notas de banco inglesas.

A esposa de Gerd Heidemann, o repórter da «Stern» que obteve os livros para a revista mediante grandes somas em marcos RFA, declarou por seu turno a um jornalista do «New York Times» que «teria sido uma felicidade» poder divulgar, no ocidente, a verdadeira face de Hitler e do Terceiro Reich.

A verdadeira face de Hitler e do Terceiro Reich seria, segundo os diários do «fuhrer» agora declarados falsos, bastante simpática e apaziguadora: Hitler teria sido ultrapassado por outros no que toca ao genocídio do povo judeu, e teria desejado fazer a paz com a Inglaterra no máximo até 1941.

Vizinhos de Heidemann afirmam que ele e toda a sua família são pró-nazis. Ao mesmo tempo, começam a ser conhecidas as suas «investigações» junto da colónia alemã na América Latina.

A RDA e a sua célebre fábrica de Potsdam onde se produzem réplicas de objectos e de documentos da Segunda Guerra foram, num primeiro momento, indicadas como «autoras do falso diário em abediência a um plano soviético». A acusação surgiu depois de a esposa de Heidemann ter garantido que seu marido obtivera os documentos junto «da mais alta fonte oficial» da RDA. Mas agora, especialistas dizem que, mesmo se os falsos diários foram escritos na Alemanha vizinha, o Estado ou o Governo da RDA não estão por certo implicados: o falso diário é «demasiado grosseiro» para que isso pudesse acontecer.

Konrad Fischer, aliás Kujau, o coleccionador de raridades nazis que terá passado os diários a Heidemann, entrega-se às autoridades da RFA declarando que sempre esteve convencido de que eles eram verdadeiros. A investigação sobre o fraude, que a «Stern» prometeu levar até ao fim e revelar até ao último detalhe, ainda agora vai no adro.

O que nos interessa salientar, em toda esta história — e estas linhas são escritas quando ainda não se sabe qual a resposta dada pela «Stern» às exigências feitas por 162 dos seus 164 jornalistas, que ocupam a redacção da revista desde sexta-feira — é a facilidade com que, aparentemente, uma das mais populares e rentáveis empresas jornalísticas alemãs, e sem dúvida europeias, se deixa enganar num «dossier» tão decisivo para ela em termos de credibilidade.

A rapidez e a secretismo das análises feitas por ordem da administração da revista, o carácter sumário das conclusões e a recusa em submeter os manuscritos a investigadores oficiais, na fase de lançamento do enorme «furo» jornalístico, provam que os responsáveis da «Stern» só tiveram olhos para o gigantismo do negócio que lhes era servido em bandeja de prata.

A Imprensa — e a maior Imprensa sobretudo — precisa, sem dúvida, de «Ombudsman». Quem se lembra da altivez de Heidemann, de Peter Koch e de Henri Nannen durante as duas semanas do «bunker» de onde defenderam o seu «furo» não tem, decerto, dúvidas a este respeito. Os leitores precisam de uma espécie de «movimento de defesa», como aqueles que os cidadãos inventaram enquanto consumidores. Para bem das nossas sociedades — e da sua Imprensa.

João Mendes

Rádios livres em França: uma verdadeira salada russa

A curiosidade provocada pela nossa reportagem da passada semana sobre a «rádio pirata» que tenta fazer-se ouvir na noite de Lisboa leva-nos a publicar, hoje, esta carta de Paris, onde se dá conta do «estado da questão» em França, onde, com a subida da es-

querda ao poder, as pequenas emissoras comunitárias, de prédio ou de bairro, passaram a aceder, em melhores condições, à liberdade de antena. A França, como se sabe, é um dos países pioneiros no terreno das experiências de rádios livres.

E MIGRANTES, arménios, judeus... Cria-se emissores de rádio de comunicações nas metrópoles.

Para os grupos que se sentem minoritários, é uma forma de se manterem solidários, mas também de falarem aos outros...

Outras vozes, outras músicas. Na grande amalgama da banda F.M., que não é menor em determinadas cidades de província do que na região parisiense, rádios livres de emigrantes, de minorias culturais, tentam, não sem sucesso, conseguir o seu espaço. Meios modestos, uma audiência em princípio difícil de avaliar e um entusiasmo voluntarista que dá gosto ver.

Quantas estão no ar actualmente? É muito difícil fazer um recenseamento exacto, dizem os encarregados dos relatórios da comissão Galabert, que estão submersos em pedidos de autorização. Robert Prot, secretário-geral da comissão, avança contudo um cálculo: uma trintena, no máximo. Muito marginal em relação ao número de rádios livres autorizadas (1800). Mas significativo de um movimento, de uma aspiração: é nas grandes cidades — Marselha, Lyon, Grenoble, Toulouse ou Lille — e na região parisiense que as encontramos, nos locais onde existem comunidades culturais e grupos de imigrantes importantes. Rádios arménios, rádios judias e, sobretudo, rádios de imigrantes (representando estes últimos metade do total, embora tendo, de uma maneira geral, obtido as autorizações em proveito de um reagrupamento) dividem de facto entre si a parte mais considerável.

No fim de contas, que importa a taxa de audição, o essencial, para estas jovens estações de rádio, não é estar presente? Tudo o que sabemos é que somos ouvidos, diz Henri Amzallag, «patrão» de Radio-Judaica, em Lille (1), que está no ar desde 20 de Outubro de 1981. Recebemos cartas e bastantes telefonemas. E depois, outro indicio que não engana, a nossa rádio dá que falar na comunidade.

Uma comunidade que, no entanto, é preciso que se diga, não terá manifestado inicialmente um interesse excessivo em apoiar uma rádio que lhe era destinada. Não recebemos nenhum apoio, nem moral nem financeiro, acrescenta Henri Amzallag, que pensa em particular nas instituições judias locais, mais do que que reservadas: Não levantaram nem um dedo, sem dúvida porque teriam preferido serem elas a dirigir as operações. Finalmente, conseguimos arranjar sozinhos. Deste ponto de vista, Rádio-Judaica é e será sempre uma voz totalmente independente.

Livre, pois no sentido pleno da palavra, e endividada até ao pescoço — perto de 100 mil francos neste momento —, a estação fun-

ciona com a prata da casa no segundo andar de um pequeno edifício de tijolos enegrecidos, no centro da cidade. Uma casa, com duas divisões e uma cozinha escura e desconfortável, arranjada às três pancadas, mas suficientemente equipada do ponto de vista técnico para aí se poderem realizar durante toda a semana, várias horas de emissão.

Uma verdadeira salada russa

Os programas pretendem-se à altura de uma grande ambição: Em primeiro lugar, definimo-nos como uma rádio judia, laica e pluralista, diz Daniel, encarregado do sector cultural. Dirigimo-nos a todos os elementos da comunidade. Trata-se de dar a conhecer as diferentes culturas judias — judeo-árabes, judeo-espanhola-sefardim e esquenase (judeus da Europa Central e Oriental) — de ajudar a descobrir, entre outros, os patrimónios musicais ignorados por muitos judeus, a reatar também, através dos textos sagrados, o contacto com o judaísmo.

Mas a Rádio-Judaica quer evitar a todo o custo a marginalização, fazendo uma rádio demasiado específica. E, de facto, os programas acabam por ser uma verdadeira salada russa: uma forma de atrair todas as espécies de auditórios, com emissões desportivas, boletins informativos, crónicas cinematográficas, música «virada» para o tipo rock ou funk; etc. Animadores judeus e não judeus — e de algum tempo para cá portugueses, ciganos e vietnamitas do Norte de França — coabitam na mesma frequência de onda. Não pretende também a Rádio-Judaica ser um verdadeiro local de expressão para outras minorias culturais?

Grupos mais ou menos bem integrados, que encontram na actual libertação das ondas uma ocasião inesperada de tomar a palavra e de romper, na medida do possível, o seu isolamento.

Assim, certas associações lançaram-se na aventura. Nalguns casos não criaram a sua própria rádio, mas participam, realizando regularmente emissões, como em Dunkerque na Radio-Rencontre (?). Posta a funcionar em Maio de 1982 pelo Centro Cultural Rencontre, que se propõe nomeadamente aproximar as diferentes comunidades existentes em Dunkerque, a Radio-Rencontre tornou-se em poucos meses a voz da imigração. Pelo menos, é a imagem que se tem de nós, sublinha a jovem directora dos programas, Monique Van Lancker. De facto, apostamos inteiramente na mistura entre franceses e estrangeiros. O nosso objectivo não é fazer desaparecer as diferenças, mas adicioná-las para que todos se enriqueçam.

A aposta está a ser lançada. As boas vontades abundam de todos os lados: franceses, magrebianos, vietnamitas, italianos, portugueses, espanhóis e senegaleses —

ao todo à vontade uns cinquenta animadores — revezam-se para assegurar todas as semanas setenta horas de emissões. E o público acompanha, mantém-se «fiel», para empregar o jargão dos média. Calcula-se que ele ronda os 13 mil imigrantes e quase outros tantos naturais de Dunkerque «de gema»: números bastante honrosos para uma estação de rádio local, que não fazem mentir o «slogan» gravado em autocolantes generosamente distribuídos: Radio-Rencontre, não sou contra!

Como lá se diz, não é verdade que todos encontram nas emissões alguma coisa que lhes interessa? Os muçulmanos, por exemplo — cerca de 15 mil na região —, que podem doravante acompanhar emissões religiosas. Bahssine, imã de origem marroquina, condutor na Usinor, lê todas as sextas-feiras aos microfones versículos do Corão. A rádio, diz ele, substitui de certo modo a mesquita. Mas as pessoas, agora que nos ouvem, pensam que se deveria construir uma em Dunkerque.

Lamine, originário do Senegal, presentemente no desemprego, anima todas as sextas-feiras, entre as 14 e as 15 h, uma emissão destinada aos seus compatriotas — uma centena quanto muito, que vivem em grande parte em lares. Hoje debater-se-á a poligamia, assunto grave que merece explicações. Dou também uma grande importância à música, aos ritmos africanos, acrescenta Lamine, entalado entre a mesa de mistura e uma impressionante pilha de discos. Assim, os nossos ouvintes têm a impressão de estar no Senegal. Para eles, a Radio-Rencontre tornou-se um pequeno bocado da sua terra.

Pela esperança e pela tolerância

O êxito das rádios de imigrantes não se explica de outra maneira: para todos aqueles que vivem uma situação de exílio, ouvi-las é reatar os laços com a sua língua, a sua cultura. Necessidade de se «encontrar», necessidade também de comunicar com os outros.

Na Radio Trait-d'Union, em Lyon, uma das rádios livres mais dinâmicas e mais ouvidas da região, desde o seu arranque, em Julho de 1981, faz-se tudo por responder muito concretamente a estas aspirações que se manifestam em diversos grupos. Mohamed Messoussa, que com a sua mulher está na origem desta rádio, fala frequentemente da «carência monumental» da imigração em matéria de expressão, «uma carência tão grande como a torre do Crédit Lyonnais!» (Equivalente em Lyon à Torre de Montparnasse em Paris). «O que nós trazemos é uma lufada de oxigénio.» Esta rádio, que tomou por divisa «pela esperança e a tolerância», pre-

tende ser o elo de ligação entre as múltiplas culturas de imigrantes e a cultura francesa, assim como entre as próprias culturas emigradas. Actualmente, cerca de 28 grupos partilham entre si as bandas horárias, produzindo emissões predominantemente culturais: magrebianos, arménios, vietnamitas, cambodjanos, sul-africanos, africanos, jugoslavos, etc.

Entusiasta e activo, o efervescente director felicita-nos por ter conseguido «uma rádio anti-ghetto, com uma grande audição, mesmo por parte da lionesses de gema», e afirma peremptório: «No fundo, esta coisa é melhor do que a ONU!» Um fórum internacional de microfone aberto, mas do qual a política estaria rigorosamente banida. «Isso poderia dar mau resultado», confidencia-nos Mohamed Messoussa, que prefere manter-se numa reserva prudente e cuida pessoalmente da «seara».

Instalados nos altos de um enorme edifício na colina de Fourvière, ao pé da torre da TDF, que parece esmagá-los com todo o seu poder, os estúdios da Radio Trait-d'Union vêm desfilar todos os dias um nunca mais acabar de animadores e animadoras: uns com os seus discos, outros com as suas «cassetes» pré-gravadas ou os seus convidados de última hora, reunidos para um debate sem fim. Ali, que acaba de terminar o seu programa «Tunes Verde», passa a vez a António, operário de limpeza português em Villeurbanne, que nessa noite propõe música tradicional.

A música! «É o veículo, o trampolim que transporta as palavras, os sentimentos», diz António, lírico. «É uma forma de nos aproximarmos uns dos outros. Com tudo o que se ouve na Rádio Trait-d'Union, podemos dar a volta ao mundo todas as noites», diz-nos Ricardo, refugiado político chileno. Edouard, arménio da «terceira geração», portanto já nascido em França, e N'Guyen, vindo de Saigão, também constata que a existência de uma rádio comum poderá contribuir grandemente para desenvolver os contactos, para criar mesmo amizades entre pessoas que, de outra forma, poucas hipóteses teriam tido de se encontrar. «O entendimento é excelente», afirma Edouard, que travou algumas amizades com os argelinos; por seu lado, N'Guyen fala de «solidariedade e compreensão».

Lentamente, mas com segurança, com muito fervor, a primeira rádio lionesa da imigração está em vias de cumprir aquilo a que se propôs: estabelecer laços de união, não somente entre os diferentes animadores, mas também, cada vez mais, de dia para dia, entre as diferentes comunidades que, pela magia das ondas, podem aprender a conhecer-se.

- (1) Rádio Judaica, FM 96, 4 MHz, tel.: (20) 30-70 e 57-00-35.
- (2) Radio-Rencontre, FM 97 MHz, tel.: (28) 66-94-11.
- (3) Radio Trait-D'Union, FM 89,5 MHz, tel.: (78) 233-16-78 e 842-21-01.

Infernos

Semanários gulosos de sensacionalismo

Bernard Brigouleix

E

sta *Stern* (a estrela), de quem se fala actualmente em todo o mundo, é um dos três maiores semanários alemães. Os outros são *Der Spiegel* (o espelho) e *Die Zeit* (o tempo). Mas esta trindade da imprensa não detém os recordes de vendas; este recorde pertence ao magazine de televisão do grupo Springer, *Hör Zu* (escuta!), que tem mais de quatro milhões de exemplares de tiragem, e às edições dominicais do jornal sensacionalista *Bild* (imagem): o *Bild am Sonntag* quase atinge os dois milhões e meio de exemplares vendidos. Mesmo com uma venda média de um milhão e seiscentos e cinquenta mil exemplares em 1982, a *Stern* que é o que tem mais público dos três semanários mais conhecidos no estrangeiro, ainda não atinge a tiragem de *Brigitte* que pertence, como o seu nome indica à imprensa feminina (mas que é quinzenal). Outras publicações semanais, cujo estilo é ainda mais deliberadamente popular atingem ou ultrapassam o milhão de exemplares vendidos, como o *Bunte Illustrierte* ou o *Quick*.

Este último foi durante muitos anos o concorrente directo da *Stern*. Essa rivalidade teria mesmo por consequência um «problema», visto em Outubro de 1873 a *Stern* ter revelado que o responsável editorial de *Quick* era um agente duplo que trabalhava ao mesmo tempo para os serviços secretos da Alemanha Ocidental e para os da RDA...

Em todo o caso nunca a *Stern* sofrera uma desventura tão humilhante como a lamentável paragem da publicação de um documento reconhecido como falso.

Stern partilha com *Der Spiegel* esta propensão para publicar «segredos» mais ou

menos explosivos. Mas o segundo é decerto mais vigilante na escolha dos seus «dossiers secretos» e na verificação das suas informações. Fez mesmo disso uma regra, por vezes aborrecida para os seus colaboradores mas que lhe permitiu evitar os exclusivos que não resistiam ao exame.

Intoxicação leste-alemã?

Sem falar do caso do *Spiegel* propriamente dito, que em 1962 opôs o semanário a Franz Josef Strauss — este, então ministro da Defesa, foi obrigado a demitir-se depois de ter iniciado acções abusivas contra jornalistas —, o célebre magazine lançou vários golpes de êxito. De resto, ele deve uma parte do seu sucesso a essa (relativa) fiabilidade no sensacionalismo. Ainda ultimamente dois casos que abalaram a classe política da República Federal foram revelados por *Der Spiegel*: a do

Noutra circunstância, é certo que recente, *Der Spiegel* talvez se tenha deixado «intoxicar» pelos seus informadores embora isso não tenha sido provado. Há alguns anos publicou o texto de um «manifesto clandestino» de comunistas dissidentes, ou, em todo o caso, críticos, da RDA, texto esse cuja autenticidade seria posta em dúvida.

De resto, não é raro que as revelações dos grandes semanários da Alemanha Ocidental tenham a sua fonte na RDA. Teria sido assim, diz-se, no «caso Quick», quando a *Stern* publicou um mapa mostrando o local previsto

para as bases de mísseis e de armazenagem de ogivas nucleares da NATO, na Alemanha Federal. Mesmo que esse mapa não tenha suscitado controvérsias tão apaixonadas como era de esperar, conhece-se o frutuoso partido que a campanha pacifista encorajada pelo leste, daí tirou. É certo que nem todas as «revelações» da *Stern* ou da *Spiegel* agradam a Berlim-Leste. Correspondentes tanto de uma como de outra já foram expulsos da RDA, o da *Stern* porque tinha relatado o grave incidente ocorrido durante a passagem de um cortejo oficial em que se encontrava o chefe do Estado e do partido comunista, Erich Honecker.

Esse hábito de buscar muitas informações por vezes exclusivas ou espectaculares na

Alemanha de Leste é ao mesmo tempo natural e causado de embaraços. Por difícil que seja para os candidatos à evasão passar a cortina de ferro, as revelações e documentos de toda a espécie, esses circulam entre as duas Alemanhas a uma cadência inimaginável. Para mais, é normal que a imprensa da RFA dê uma particular atenção aos «irmãos separados» do leste.

E para os serviços da Alemanha Democrática, a Imprensa da República Federal é, evidentemente, um excelente terreno de manobra, mesmo que, tanto por experiência como por instinto, os seus jornalistas tenham mais tendência do que outros para a desconfiança e para o cepticismo. É, evidentemente, um dos problemas postos pelo caso dos «cadernos» de Hitler, porque a falsificação, agora provada, implica uma operação de grande envergadura e de grande fôlego.

O partido da inteligência

«Die Zeit» foge completamente a estas censuras ou a estas interrogações, devido à sua fórmula, muito diferente da dos outros dois «grandes». Aqui não há títulos sensacionalistas nem revelações explosivas nem mesmo capas como as da «Stern» (onde não se apresenta um dossier sobre férias, o desporto ou a igualdade de sexos sem uma beldade pouco vestida). «Die Zeit» é decerto, pela sua abertura de espírito, pela qualidade e variedade dos seus comentários, pela originalidade paradoxalmente desusada da sua apresentação gráfica — o formato grande de um jornal — um dos melhores semanários europeus. Pelo menos na categoria em que escolheu ilustrar-se, e que talvez seja, muito simplesmente, a da inteligência.

E não é provavelmente por acaso que é na redacção de «Die Zeit» — «Die Gute Alte Tante» (a boa tia velha) como lhe chamam na RFA os que lhe censuram o seu carácter velhote e até o seu snobismo — que foram sucessivamente recrutados o

porta-voz do chanceler Schmidt, que acaba, ele próprio, de se reunir ao grupo de personalidades associadas à vida do jornal, e o do chanceler Kohl Dieter Stolze. É certo que este último ocupava uma posição bastante marginal em «Die Zeit», passando por um amigo fiel de Strauss... Mas essa situação diz muito sobre a abertura de espírito desse semanário, mais orientado para a esquerda do que «Der Spiegel» e muito mais do que «Stern», mas antes demais, e no pleno sentido da palavra, liberal.

Hamburgo capital

Também não é por acaso que estes três semanários estão sediados em Hamburgo, com muitas outras publicações de toda a espécie. A grande cidade hanseática teve, desde longa data, um papel motor em matéria de Imprensa e edição, principalmente devido ao facto de o seu estatuto longamente autónomo lhe permitir beneficiar escritores, publicistas, jornalistas e editores da sua tradição de liberalismo e tolerância. Ao triunfar em Berlim, o nazismo precipitou o êxodo dos jornais para Hamburgo, onde, sem escapar à bota nacional-socialista, podiam ter a impressão de estar menos esmagados.

Pode dizer-se que a concorrência entre os grandes semanários é hoje tão rude como dantes? Decerto que não. Só a «Stern» tem que lutar, junto da franja mais popular dos seus leitores, contra a «Quick» ou a «Bunte Illustrierte». Daí, provavelmente, a ambiguidade da sua fórmula, misturando o sensacionalismo por vezes discutível a artigos muito mais sérios, e as esplêndidas reportagens fotográficas a cor. «Die Zeit» tem o seu público fiel, que não espera dela aquilo que pediria a outras publicações. «Der Spiegel» também está numa situação de monopólio, pelo menos na sua categoria. De modo que, a concorrência, se concorrência há, ela diz mais respeito a «golpes de génio» do que à conquista durável dos leitores do vizinho.

Grandes amadores de papel impresso, os alemães não se deixam enganar.



O repórter Heinemann, da Stern, e os «diários» falsos de A. Hitler

“Blamage”

P.J. Franceschini

HA em alemão uma palavra para a desventura da *Stern*: «Blamage».

«Blamieren» não é só cair no ridículo — o que é próprio do homem, como o explicou Bergson no seu *Rire*, logo que ele abandona o esquema convencional, visto que o inesperado é, de certo modo, absurdo e logo risível por essência. O «blamage» atenta contra o respeito por si mesmo, o crédito que qualquer homem tem aberto no

seu próprio coração e que os anos prejudicam ou, mais raramente, aperfeiçoam.

Toda a imprensa alemã, com uma reserva onde havia um júbilo discreto, previra que o grande e próspero confrade ia pagar caros os cadernos de Hitler. E que caros! Para além dos milhões de marcos entregues não se sabe a quem e que dormem, decerto, num banco suíço, não longe do manuscrito falsificado,

é preciso ter em conta a marcha atrás horrorizada dos grandes jornais ilustrados europeus que tinham comprado o serviço: primeiro o *Sunday Times* depois o *Match* e em breve todos os outros. Convém acrescentar o que não é menos importante, a perda de prestígio, e quem sabe, de leitores.

Sem defender de modo algum a incrível leviandade de uma equipa jornalística preocupada

em vender antes de saber o que vendia e deixando-se tão facilmente enrolar, não podemos li-

mitar-nos a acusá-la. O «achado do século» não nos teria decerto dito nada que já não se soubesse sobre o homem Hitler e as explicações da falsificação por uma tentativa de reabilitação deixam-nos cépticos. Que pedra ainda se pode atirar, à espera de um eco, neste abismo de mediocridade odiente e génio perverso?

Em contrapartida, teria sido apaixonante seguir, neste pobre monumento deixado à posteridade, os percursos de uma demência, as segundas intenções de uma carreira. Os historiadores mais incrédulos quanto à autenticidade dos *Cadernos*, não teriam escondido o seu prazer.

Infelizmente o tesouro não passava de uma bugiganga. Os leitores enganados da *Stern* ficarão para todo o sempre na in-

certeza quanto à gravidez nervosa de Eva Braun. Consolar-se-ão? Se, na verdade, houve neste caso outra coisa para além de uma magnífica *escroquerie*, se foi esboçada uma tentativa de desinformação por alguns velhos nazis, grafómanos abusando da fome de «scoop» de um repórter ou por um serviço secreto maquiavélico, não é, em todo o caso, mau, que a manobra se tenha afundado, corpos e bens no ridículo.



Juntos para o retrato. Da esquerda para a direita, Manuel João, Mimi (que também participou), Pedro Silva Dias, Marta Wengorovius, Xana e Manuel João. Uma conversa sobre a escola e o devir das artes

Se algum de nós tiver êxito, alimenta os outros

Marcelo de Campos
Foto de Manuel Rei

ESTÃO dispersos de início. Desenhavam, ouviam música, entretolham-se. Ao som de Eric Saria, cinco alunos da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa vão conversar. Sobre cada um e de todos. Da escola e da arte. E do resto que emergir do conjunto.

À volta da mesa, oval, acabada de encerrar, Pedro Proença, aluno do segundo ano de pintura, Marta Wengorovius, do primeiro ano, Xana, do quarto ano de pintura, Pedro Silva Dias (PSD), do segundo de design e Manuel João (MJ), do segundo de pintura, decidem iniciar a conversa, marcada. Que começa. Enquanto isso, desenhavam, fotografavam, pintam. Afinal, a razão de ser de cada um deles e o motivo desta conversa.

É claro, para todos, que não existe mecenato em Portugal. Vem isto a propósito da sobrevivência do artista depois de concluído o curso, ou formação equivalente. Xana confessa que «esse é o grande drama. O depois», mas «há sempre o recurso de se ser professor».

Que, de acordo, com PSD, «não é um recurso, é uma fatalidade», bem entendido. Ou então, «é conforme. Mas é mais evidente que sonhemos com

outras coisas», afirma Marta.

Há quem tenha resolvido as coisas de outra forma: «Resolvemos eu e mais dois, fazer um juramento. Se algum de nós, for um artista de êxito, alimenta os outros dois». É um ideal cooperativo? Sabes como é, hoje. Há os gajos que têm sorte e há os outros», diz MJ.

Topar o esquema

Não, «não é uma questão de sorte». Trata-se de «topar o esquema em que se está metido e jogar com as galerias comerciais», afirma Xana.

Mas, são questões, que, por enquanto, não atravessam o universo quotidiano destes cinco estudantes. «Eu estou numa de ir pintando. E acho que a maior parte das pessoas da escola também. Curtir a escola e o seu estatuto de ser jovem e não se preocupar muito com essas questões». Em resumo, o trabalho que actualmente produzem, «borrifa-se um bocadinho para o que os críticos pedem e a sociedade exige».

«Cada um procura as suas formas de se exprimir. Isso não envolve nenhum meio específico. Às vezes, é um processo aleatório, em que cada um tem de descobrir, através da sua experiência pessoal, o que quer e o que não quer. Há sempre uma necessidade de transcendência no nosso trabalho, até porque as artes não se restringem à pin-

tura», considera Proença adiantando que «a partir da arte conceptual, e antes, mesmo, com a pop art, há um leque muito grande de coisas que se podem fazer».

Depois do curso, a sobrevivência é uma ameaça sobre a cabeça dos recém-formados em Belas-Artes. O ensino é uma saída. Pintar retratos avulso, nas escadarias do Metropolitano, é outra, destinada «aos malucos».

Todo o aluno de Belas-Artes «que tem uma certa esperança e confiança em si tem sempre a hipótese de ter uma bolsa de dois anos no estrangeiro», diz Proença.

Por seu turno, PSD, fotógrafo com obra feita, denuncia: «há a fotografia de jornalismo e de publicidade. A primeira, é mal paga. A segunda, é uma das saídas possíveis».

Talvez que «a malta de design tenha mais facilidades de saída» (Marta).

Para isso se torna necessária «a intervenção de quem apoia e protege as artes». Proença interroga-se: «deve ser ou não feita? Até que ponto será útil, inútil, prejudicial, o apoio de organismos de Estado?».

A interrogação fica suspensa. Pelo meio, um diálogo:

Marta — A pintura tem mais a ver com o sonho.

— Mas há quem venda sonhos.

Marta — Já não são sonhos. São produtos.

Marta — São coisas que parecem sonhos às pessoas que vêm.

— E a quem as faz?

Marta — Aí, eu desconfio, que seja mais para agradar.

— Para vender?

Marta — Sim.

O Estado

Retoma-se a discussão. «O Estado, devia pagar um salário fixo ao artista. Por exemplo, vinte contos por mês». Protestos pela ideia de MJ e pela quantia se fazem ouvir nos quatro cantos da sala. Vinte contos mensais, mais subsídio de férias e décimo terceiro mês não seria dar ao artista um estranho estatuto de assalariado?

Vêm a lume os exemplos da Holanda e da Polónia. «Acho que se poderia falar deles. Os artistas são subsidiados, sem discriminação, a partir do momento em que entreguem um certo número de obras ao Estado, e façam exposições», conta Proença. Trata-se, segundo Xana, «de um esquema imperfeito, mas bastante bom. Na realidade, é uma situação tão diferente daquela que a gente vive, que não sei qual seria a minha atitude ao pintar em casa, pago pelo Estado. Em princípio, acho que me sentia bem, desde que pudesse criar à vontade. O problema seria um certo paternalismo que, eventualmente se instituisse...».

A conversa salta, de novo, para a escola.

«Na escola, as aulas não servem para muito, mas o convívio serve para bastante», defende Marta. Já Pedro Proença garante que «podemos trocar impressões, conhecermo-nos uns aos outros, e os nossos trabalhos. Essa é a única razão que nos leva a andar em Belas-Artes». Xana defende que «a escola é maravilhosa» porque, segundo Proença, «está longe de ser escola. É a sua grande vantagem. É não haver o mestre, o grande mestre que é castrativo, e limita a criação de cada um».

E estala a polémica. PSD diz: «é agradável. Antes, aprendia-se com os grandes mestres. Hoje, copia-se pelo colega do lado». PSD admite que, com esta opinião lhe vão «cair em cima», mas MJ adianta que, hoje, «copia-se aquilo que vem nas revistas da última moda. Copia-se de quem se quer». Concluem que se copia em conjunto. Ou, melhor, «sofrem-se influências de toda a gente». E assim é que está certo.

Escola que alberga os interessados em criar e os interessados em ter uma profissão, de acordo com o PSD. Porque, rapidamente, «há os que se instalam na vida e vão para professores».

Que alternativa? «O que eu penso é que os estudantes deveriam ser subsidiados enquanto tal. Todos. Para impedir que um gajo tivesse que, por motivos económicos, fazer outras coisas que não têm nada a ver com a escola».

Marta apoia uma outra fórmula. «Eu sempre achei que devia fazer parte dos cursos a possibilidade de as pessoas po-

derem ir, durante algum tempo, um mês por exemplo, para qualquer lado, e apresentarem, depois, um trabalho. Às vezes sinto que descobri um material, ou qualquer coisa diferente, e tenho vontade de partir, com o apoio da escola».

Arte e artes

Intervalo. Esgotam-se, pouco a pouco, os temas da conversa.

Esta, incidirá, a partir de então, numa polémica interessante sobre a arte, as diferentes formas de expressão artística, a massificação da obra de arte. Pega-se na conversa ao calhar.

«... Acho que se devia ir perguntar ao povo o que acha dos seus artistas. As pessoas ainda pensam muito que os artistas são uns parasitas, que não produzem bens comestíveis, bebíveis ou calcáveis», opina Xana.

MJ contrapõe que, «ao longo da história, o artista integrou-se sempre na sua evolução. A arte românica, a arte pré-histórica, estavam integradas na vida do povo. As imagens que as pessoas viam, do trabalho no campo, eram, depois, reproduzidas nas suas formas de expressão artística. Hoje, isso já não acontece. As pessoas estão afastadas da arte com 'a' grande».

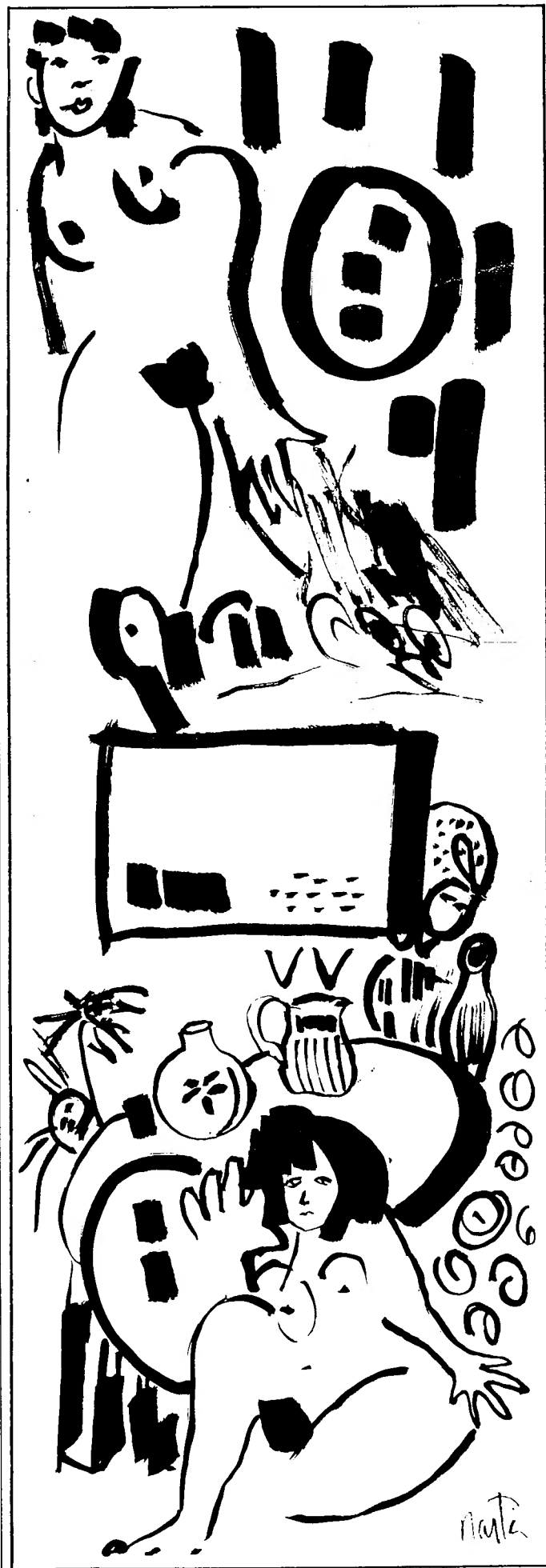
A arte, «obviamente reflecte o estado das coisas e procura dar-lhes uma solução, ou várias. Por isso, deve ser encarada como uma representação das possibilidades de saída para uma sociedade não repressiva. Vai-se ao Goya, ao Greco, a qualquer grande artista e verifica-se isso mesmo», garante Proença.



Xana (4.º ano de pintura)

Pedro Proença (2.º ano de pintura)

Eles são estudantes da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Pintam, criam objectos, fotografam, desenhavam... Para nós, contaram como vêm o seu trabalho, presente e futuro, na sociedade portuguesa. O êxito, o jogo com as galerias de arte, o desaparecimento dos «mestres» e o novo xadrez das influências — tudo isto atravessa a troca de impressões que aqui publicamos.



«O que virá a seguir? Proença prossegue. «O modernismo estava ligado à ideia de vanguarda. Ora, verificou-se uma crise de comunicabilidade, porque as pessoas nem sequer estão habituadas a ir às galerias. Ora, esses artistas voltam-se, hoje, para a pintura, que voltou a ser a grande moda. Começaram a fazer uma pintura, em princípio pós-conceptual (eu estaria de acordo com este termo), mas que insistem em chamar de pós-modernista».

«Tudo isto tem a ver com um regresso à terra, com os movimentos ecológicos, com a ruptura de um sistema racional, científico», garante Xana. «Todas essas movimentações se vão reflectir na pintura, no regresso à pintura primitiva, mais irracional, mais sensual, mais ligada aos sentimentos». E usando técnicas mais primárias, segundo Proença.

E a intervenção da tecnologia? Vídeo e informática, conceitos que se jogam para a discussão sobre o devir da arte.

O pincel obsoleto»

«A tecnologia foi a grande aposta da arte conceptual. Pelos vistos, falhou», constata Proença, com alguma ironia. Mas «o vídeo é o vídeo. Pode ser aplicado a disciplinas da arte», defende PSD. Xana contemporiza «Acredito que as pessoas voltem a retomar essas técnicas. Pode ter a ver com a fusão do cinema com a arte, ou com o cinema como arte. Mas isso já existe. O tempo do vídeo já está um bocado gasto.»

PSD não concorda. «Agora, está-se a caminhar para o vídeo como arte. A arte deve evoluir. Há novas tecnologias. Claro que o pincel está obsoleto. Bom, toda a gente me vai bater por causa disto», admite.

«O pincel é eterno como expressão de um certo intimismo», responde Xana. «Há aí uns senhores que defendem, se calhar com razão, que a arte tende para a fusão, para se estender a todos os campos da vida. Aliás, é uma tendência que foi esmagada com a industrialização. Neste momento, a arte invade todos os campos e há um bocado o conceito de que a arte se vai construir na base da fusão de várias disciplinas: cinema, arquitectura, pintura, teatro, música, escultura, dança, discurso jornalístico, engenharia, etc.». A arte «invadirá campos que lhe estavam alheios, como a engenharia e a medicina (as operações plásticas são disso exemplo)».

(Um parêntesis para registar a opinião de Proença. «O artista e o médico têm grandes vantagens em se ajudar mutuamente, em casos de diagnóstico, em problemas do foro psicossomático, por exemplo»).

Proença defende que «a tecnologia interpõe, entre o homem e o trabalho, o chamado desprazer. O homem pode ganhar em tempo, mas perde em prazer. E a relação do homem com a produção vai deixar de ser uma arte».

«Sentes-te bem?»

«É um preconceito», clama PSD. «Acho que devia

adequar-se a tecnologia à criatividade, à comunicação».

«Mas a tecnologia é, em princípio, a lei do menor esforço», defende Proença.

«Claro. Daí, resultar um acto mental muito mais puro», garante PSD.

«É isso que eu contesto. A partir daí há uma dissociação corpo/acto mental, inteligência. Aí, começa a crise», afirma Proença.

«Se não passar pelo corpo, a comunicação é muito mais pura», insiste PSD.

«Eu creio que não. Acho que a criação é basicamente física e sensorial», conclui Proença.

Entra na conversa o filme **Blade Runner**.

«Aí está o exemplo de que a arte de comunicação tende para uma aplicação», aponta PSD. «Pode pensar-se na massificação apenas pensando na obra de arte como reprodução. O facto de uma pessoa dominar uma máquina é a mesma coisa que dominar o pincel. Só que este está mais ligado a obstáculos físicos. No fim de contas, é uma questão de instrumentos».

Marta interrompe: «Tu sentes-te bem assim? Eu não. Acho que, em arte, deve ser o corpo a entrar todo».

«Isso é uma perspectiva romântica do artista», riposta PSD. Mas, «não se trata de pôr a máquina de lado. Trata-se de perceber qual é o lugar dela», afirma Marta.

Proença retoma as suas teses. «Eu creio que a ideia de reprodução é perfeitamente antagónica com a ideia de arte. O objecto único está num devir

que a reprodução escamoteia e falseia.»

O mais grave na reprodução da obra de arte, na sua massificação, «é, normalmente, as pessoas que estão a fruir da obra reproduzida terem uma relação ilusória com determinada pintura. Trata-se de uma relação com uma reprodução», intervém Xana.

«Mas isso é com a pintura, e a pintura é a pintura. Como objecto único tende a desaparecer».

Ninguém contestou esta afirmação, apesar dos esforços variadíssimos.

Repensar

«Hoje, deve começar a repensar-se o problema do espaço e da pessoa. Deve começar a pensar-se em termos de corpo, com o que está à frente, atrás, dentro, fora, na individualidade de cada um, na sociedade. E isso será completamente diferente da antiguidade. Deve recorrer-se às relações que existem, do ser que cada um é do espaço», opina Proença.

MJ concorda. «Tudo o que o artista faz tem a ver com a sociedade em que vive. Comprova-se sempre isso, com o tempo».

PSD mantém-se. «O artista é, apenas, um profissional da comunicação».

Mas Xana conclui. «O que a arte moderna vem demonstrar é isto: numa exposição de arte moderna, as pessoas dizem «Isto também eu fazia». Ora, eu penso que era muito positivo que as pessoas comessem a fazer».

As posturas do corpo fotográfico (4)

Emídio Rosa de Oliveira

D

EPOIS de ter sido posta, em paralelo no decorrer do terceiro artigo, a actividade do fotógrafo com a do caçador e de se ter analisado a captura da presa, sob o ponto de vista da mobilidade e da rapidez animal no espaço, falta-nos agora descrever a importância que o tempo adquire, como mecanismo inerente ao funcionamento fotográfico. Pascal dizia que ao caçar a lebre, o caçador pretende apenas agarrar a sua própria morte. Ao tropeçar a cada passo com a morte, a figura do caçador evoca a do fotógrafo que ao capturar o FORTUITO e o que lhe passa resvês, surpreende o real e o resguarda, delimitando-o numa FORMA-CERCO (a moldura).

O que ele pretende desta sorte, é furtar o real à contingência e mediante um gesto fatal torná-lo visível, numa espécie de IMOBILIDADE, posta à mercê e à disposição de um olhar que sabe ler, o que Barthes chama o «studium». Fixar o efêmero, consiste pois em operar uma passagem, ou transmutação mediante a qual se torna desvendável a olho nu, a vontade fatal que habita o fotógrafo, em ter que dominar a essência mortal do corpo pela «TECHNE».

Ao capturar a surpresa, o fotógrafo não pode deixar de insistir no carácter evanescente e fugidio do instante e na opacidade mortífera do real. O instante uma vez fixado e revelado por visivelmente em destaque o carácter mortífero da «prise de vue».

As fotos do fotógrafo, nada mais são do que fragmentos, ou REFLEXOS MORTAIS de uma dada ocorrência aparecida/desaparecida no real. Contudo não cultivemos ilusões. Nem todos os fotógrafos, são este «FOTÓGRAFO-CAÇADOR», que parte cedo à procura de presa e que espregueia ansiosamente o justo momento do flagrante delito. Alfred Stieglitz conta com orgulho que no dia 22 de Fevereiro de 1893 esteve três horas debaixo de uma tempestade de neve à espera do «momento propício» para tirar o seu célebre cliché «Fifth Avenue: Winter». Longe estamos de vir alinhar todos os fotógrafos, sob esta conduta de caça. O que podemos afirmar, é que toda a mecânica do acto fotográfico, torna sensível uma estratégia visual de captura e que a partir das suas posturas e actos, o fotógrafo imaginariamente nos surge, quer ele queira quer não, associado ao caçador no disparo instantaneizado do «visar a presa, salvo seja, no retrato». Num abrir e fechar de olhos estamos no passado e o «já está» ou «o pronto» do fotógrafo, arrancados ao torpor da pose. O instante roubado, uma vez revelado, quase sempre nos interpela, pelo lado nostálgico do «já ter sido». Nem tudo parece ser possível registar, mas as coisas impressas ao serem ampliadas, revelam-se outras. É neste trabalho, ou banho de metamorfoses e das sucessivas revelações, que o fotógrafo curiosamente fixa em POSITIVA, o mutável e o efêmero e que a fotografia condensa **punctualmente** o instante — instante que o

interprete historializa e que por vezes a legenda desdobra em forma narrativa.

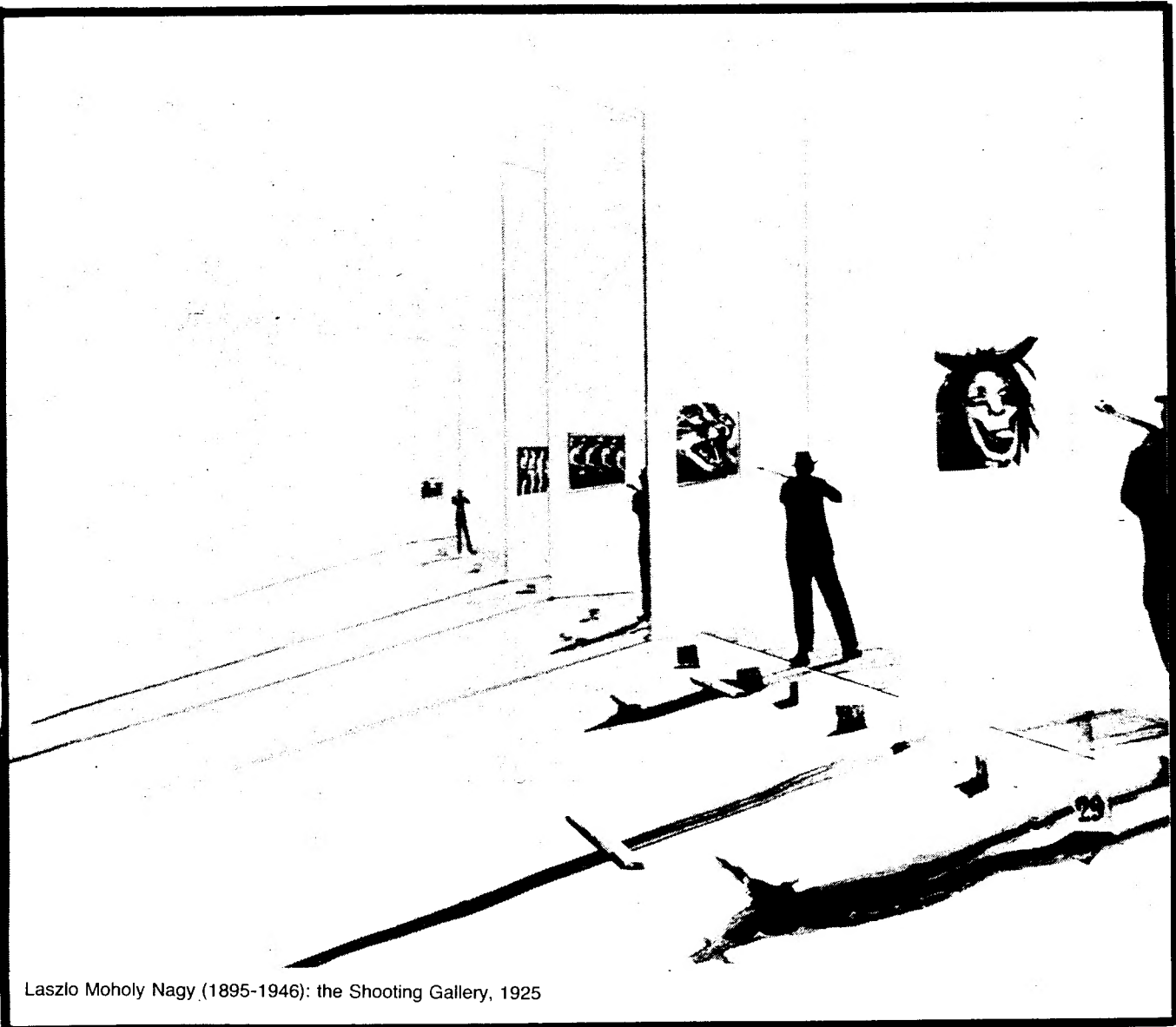
O fotógrafo pode tornar-se caçador no justo momento em que revela e amplia o «ACHADO» e não necessariamente, no momento anterior, em que APONTA COM A MÁQUINA. A magia do trabalho fotográfico está na (SUR)PRESA.

Rumo à versão tecnológica da fotografia

Nem todo o trabalho fotográfico reflecte de igual modo o imaginário de caça. Alguns fotógrafos estão mais aptos para explorar o imprevisível — enquanto outros preferem ser antes o «FOTÓGRAFO CENOGRÁFICO» que antecipa e, na demora, planeia os efeitos tirando e manipulando aqui e acolá, subtilmente, os vários elementos plásticos e os ingredientes constitutivos da imagem fotográfica.

Com esta distinção pretende-se desde já aclarar, que a fotografia não se confina a um só estilo, ou a uma mera reprodução mecânica do real. A natureza da fotografia caracteriza-se pelos seus diversos usos e estilos. Wittgenstein diria quase o mesmo, quando afirmava que o sentido de uma palavra é dado pelo somatório dos seus usos. A fotografia não se esgota num «cliché», como ainda não será possível definir um fotógrafo como representando o caso exemplar e único da «espécie fotográfica». Há vários estilos, o que não quer dizer que tudo valha em fotografia; não basta ter uma boa máquina para se ser fotógrafo, como não é por se possuir pincel e tintas que se é pintor abstracto. Muitas das veleidades que correm, referentes ao trabalho fotográfico, desvalorizam o **ALCANCE ESTÉTICO/LABORAL DO FOTÓGRAFO**, fazendo intervir constantemente argumentos/razões de ordem mágica ou tecnológica, por intermédio das quais o fotógrafo é reduzido a um mero accionador de processos de uma máquina, que se encarrega, por ela própria, de fazer o resto. (Em 1888, a publicidade Kodak afirmava: «Apoiem sobre o botão, nós faremos o resto». Garantia-se desta forma ao comprador que a «prise de vue» seria excelente).

É evidente que se tal versão se difunde, é porque ela própria é comandada e contagiada pela alta tecnologia cuja preocupação maior reside na absorção/recuperação de determinada — força inventiva e na sua **RESTITUIÇÃO HIGIÊNICA** — isto se entendermos por higiene o empenho que a tecnologia tem em banir todo e qualquer rasto de trabalho no produto uma vez este acabado. A forma exemplar desta restituição é o «produto-feição». Contudo mesmo neste caso, a tecnologia pode através desta ESCALADA HIGIÊNICA, provocar uma exasperação inventiva, capaz de dinamizar uma **HETERODOXIA ESTÉTICA**, tanto no mundo das artes como no mundo específico da «arte fotográfica». Há males que vêm por bem. A fotografia, desde os seus começos, tem sido consecutivamente, ora associada ao mito do natural e do realismo, ora ao mito da precisão higiénica do «design» da era tecnológica. Emile Zola o mais acérrimo defensor do realismo em literatura, declarava em 1901, depois de ter praticado durante quinze anos a fio a fotografia, que «ninguém pode realmente ter visto algo, antes de o



Laszlo Moholy Nagy (1895-1946): the Shooting Gallery, 1925

ter fotografado». Por outro lado, no campo da teoria estética do Bauhaus, a fotografia é considerada, como um ramo de desenho industrial e como tal ligada à arquitectura. Na sua obra «Painting, Photography, Film» (1925) Moholy-Nagy do Bauhaus, elogia a máquina fotográfica, por esta impor uma «HIGIENE DA ÓPTICA» e por ter sido capaz de abolir da visão toda a carga literária e imaginativa proveniente do estilo pictural dos grandes pintores.

A fotografia — vítima da versão histórica e literária reinante da época

Como diz Barthes se se quiser construir uma nova teoria da fotografia teremos que partir da situação embaraçosa, na qual esta sempre se tem encontrado. A fotografia encontra-se presa entre dois escolhos. Por um lado é apresentada como transcrição mecânica e exacta do real, por outro é pensada como uma espécie de «substituto» da pintura e fala-se automaticamente em fotografia de arte. Ora o que acontece é que a fotografia não pode ser uma mera transcrição do objecto, quanto mais não seja porque é plana e não tem três dimensões e, por outro lado, também não pode ser uma parte, orque copia mediante um dispositivo mecânico. É esta a dupla infelicidade da fotografia, no dizer de Roland Barthes. Assim toda e qualquer teorização, a ser feita da fotografia, terá que incidir sobre a

conjuntura dupla na qual ela está enleada e ainda percurso histórico e social, bem como as suas demarcações em relação à atmosfera reinante das outras artes.

Convém pois salientar pelo menos três momentos, na «pequena história da fotografia».

Um primeiro relaciona-se com os ideais estético-literários e militantes da época post-romântica; é deste momento que datam as exigências morais da profissão do jornalista independente. Pensava-se que incumbia ao fotógrafo a tarefa de desmascarar a hipocrisia e combater a ignorância ao lado do repórter e do romancista da época. Divulga-se aos quatro ventos, que a fotografia exprime a verdade em estado bruto e que ao fotógrafo, em virtude do seu «medium», competia mais do que ao pintor, revelar e proclamar a exigência da verdade. Num 2.º momento, começa a constatar-se que a fotografia já não se limita a esta função servil de registo mecânico do real. A máquina fotográfica, entretanto, também muda e começa a introduzir pequenas doses de aparência ligadas, quer à capacidade perspicaz do fotógrafo quer ao aperfeiçoamento de uma máquina que se deleita em captar aspectos do real que o olho era incapaz de ver. Não somente a máquina amplia as nossas possibilidades de visão graças à microfotografia e à teleobjectiva, mas ainda modifica a nossa maneira de ver, apresentando a visão como fim em si. Num terceiro momento, parece-nos ser útil pôr em evidência a reviravolta operada pela «VISÃO FOTOGRÁFICA» e o contributo que ela prestou, nomeadamente à pintura. Assiste-se a uma mútua influência e a uma troca de

técnicas e intuições entre a pintura e a fotografia. É notável a importância deste pormenor histórico: é no estúdio de fotografia de Nadar, em Paris, que em Abril de 1874, foi realizada a primeira exposição que reunia impressionistas. Fox Talbot experimentava e isolava formas obtidas com a sua máquina, das quais nunca a pintura teria sondado a natureza. O fotógrafo inspira-se nas teorias do Bauhaus e liga-se às normas ideais da beleza formal procurando através delas transgredir as normas que regem a visão ordinária. Apesar mesmo do carácter vanguardista de algumas destas experiências fotográficas, realizadas, no período entre as duas guerras por Strand, Minor White e Edward Weston — acontece que muitas delas só chegam a ser reconhecidas depois da investigação e da descoberta dos pintores e escultores modernistas.

Talvez que o **TRABALHO TEÓRICO** a realizar sobre a fotografia tenha que incidir cada vez mais, ao contrário do que habitualmente se diz e se escreve, não tanto em analisar a «FOTOGRAFIA-DOCUMENTO» e a «FOTOGRAFIA-PINTURA», mas em seguir atentamente o emaranhado de «ESTILOS MENORES» que intercalaram estes dois tipos de produção. A produção teórica que se tem feito, incluindo mesmo a de R. Barthes, tem sido enferma desta versão dualista e não tem ousado avançar proposições ligadas ao «ESTILO FOTOGRÁFICO» preferindo encostar-se por comodidade «aos conceitos da filosofia ocidental que justamente exprimem uma visão pictural (escultural) e literária das coisas» (Philosophie de la Photographie, H. Van Lier).

Daí, a oportunidade de num próximo artigo ter que se abordar o «ESTILO FOTOGRÁFICO», entendendo desde já por estilo «UM FENÓMENO DE ORDEM GERMINATIVA» (R. Barthes) que funciona à maneira de uma necessidade e que se elabora desentranhando-se de uma «infralinguagem». O estilo será apresentado como um **SEGREDO** bio-inventivo.

Talvez seja através desta «**VER-TENTE SILENCIOSA**» que seja possível **PUBLICAR** a natureza móvel do devir-artístico-da-fotografia — e perceber porque é que há artistas que preferem a segurança da arte à **SOLIDÃO DO ESTILO**.

Se a fotografia nos tem legado uma história de solidão — talvez seja por ela estar doente e **PRENHE DE ESTILO** — talvez seja por aí que ela nos venha a contaminar e a esclarecer-nos o **LAÇO ENIGMÁTICO** que une a **CURIOSIDADE**, ou a sua modalidade ausente a (**RECORDAÇÃO**), à **ACTIVIDADE PREDADORA** — o tema-ficção de Balde Runner.

No artigo de Emídio Rosa de Oliveira que publicámos na semana passada, um «salto de linhas» tornou incompreensível determinada passagem. Onde se lia «pois bem sabemos que há poço», deveria ler-se: «pois bem sabemos que há muito que a verdade nem sempre se encontra no fundo de um poço». Da falha técnica pedimos desculpa aos nossos leitores e ao autor.

Félix Cucurull: um resistente catalão

No princípio do Século XVIII ainda eram uma nação, com tudo o que isso implica: governo, moeda, língua, exército, cultura, alfândega... Depois foram submetidos, a Castela, pela força, mas continuaram sendo catalães, dentro de Espanha. Inconfundíveis os traços que os distinguem dos outros povos, que constituem um Estado cujo centro político é Madrid. Sempre que as condições históricas o propiciavam eles reagiram ao invasor em actos de rebeldia contra os seus decretos e a sua cultura. Um povo estranho, de gente criativa, expandindo outras tendências, norteado por outros destinos recusando, sobranceiro, costumes que não eram seus...

Lourdes Féria

É

antiga, muito antiga, a cultura catalã. Arranca da Idade Média... Diz Félix Cucurull, especialista nesta matéria, com alguns livros publicados, fruto de estudo e pesquisa. Embora na Catalunha nunca a repulsa contra Castela tivesse assumido a violência extrema adoptada pelos bascos, nem por isso deixou de haver resistência tenaz. Não concordo com os métodos da ETA mas compreendo-os... pois no País Basco o retrocesso, sobretudo da língua, foi significativo. Curiosamente, muitos nacionalistas bascos não sabem falar basco. Não tinham, por outro lado, uma tradição cultural como a nossa, vinda de longe, o que provavelmente os colocou perante uma situação de perigo...

Combatentes exaustos de muitos anos agarrados à espingarda, os bascos temem perder a configuração de povo e desaparecer assim, sem contornos, nem identidade no meio do mapa de Espanha. Esse temor talvez os obrigue a reagir de uma forma mais dura do que a nossa. Aliás nós confiamos numa acção preponderantemente cultural...

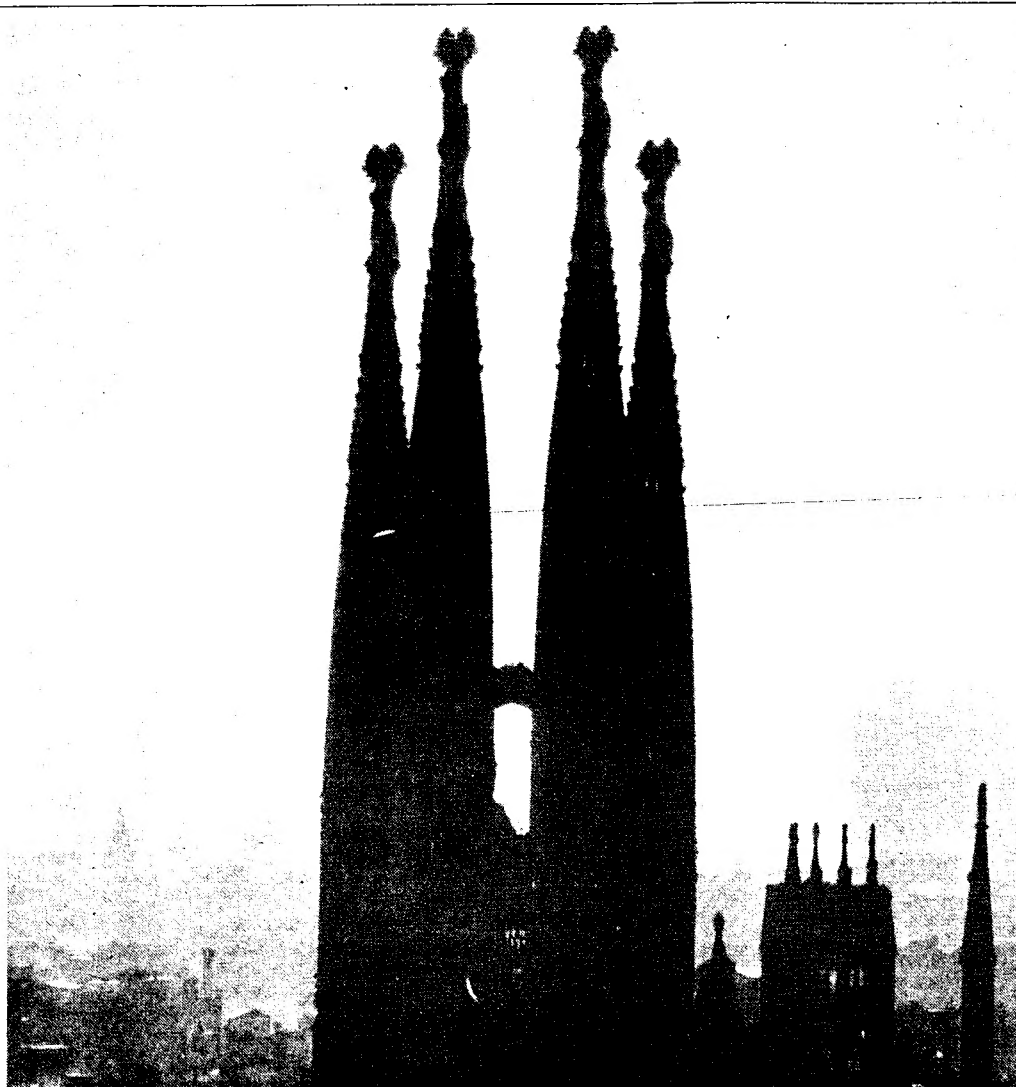
Afirma Félix Cucurull voz cáldica como a brisa mediterrânica, que envolve Barcelona, essa cidade magnífica que produziu Gaudi, Miró, Tapias e outros artistas invulgaes, que a conduziram à vanguarda da expressão plástica. Também temos grandes homens de ciência: Há especialistas catalães em todas as universidades do Mundo. Todavia na literatura cristalizámos talvez um pouco... não somos tão criativos como noutros tempos...

Influiu bastante nessa paragem a que se refere Félix Cucurull, a assimilação das modas francesas e americanas, que irradiam pela Europa inteira. Registou-se uma mudança na expressão literária de Catalunha que cedeu a um excesso de formalismo que às vezes se transforma numa retórica quase gratuita e isso é perceptível na poesia. Uma inclinação para o barroco? Provavelmente terá descaído para o barroco, coisa que não me atrai... A poesia pode ser feita com uma economia de meios sem complicações: à base do equilíbrio da palavra, do ritmo, da sequência...

Guerra

Aos dezasseis anos Félix Cucurull dirigia uma revista literária no liceu, era delegado estudantil, fazia política, jogava futebol... e como é natural namorava com a impulsividade dos amores que na juventude nos habitam. De repente começa a guerra, rude escola de coragem, causando perturbações naqueles que a viveram. E por fim, foi o desmoronar de esperanças com a derrota da esquerda que se bateu até não poder mais. *La iniciat os meus estudos na Universidade mas pela força das circunstâncias fui nomeado director de uma escola... e mais tarde estive na linha de combate.*

Militante do **Estat Català**, movimento político que integrava uma corrente anarquista e outra próxima do PSUC (Partido Comunista da Catalunha) Félix Cucurull sentia nessa época um desmedido entusiasmo pela revolução. Acreditava na vitória dos republicanos, na assumpção do comunismo, ideologia com que se identificava. *Os anarquistas catalães tiveram força demais e estragaram tudo. No entanto, considero que as suas ideias são as mais belas do Mundo: sem polícia, sem exército, sem estado... Um paraíso. Mas como chegar a esse estágio? Creio que é uma utopia. A humanidade teria de se aperfeiçoar muito para obter isso...*



A Barcelona de Cucurull: dominada pela extravagante catedral

Tolerante, nem sempre concordou com o PSUC que numa atitude destestável, cobria de calúnias as outras forças políticas de esquerda, nomeadamente o POUM onde Félix Cucurull tinha bons amigos. *Chamava-lhes trozkistas como se fosse algo de terrível... e excomulgava como a Igreja Católica. Foi um erro tremendo que os comunistas catalães agora reconhecem pois penso que mudaram bastante... Apesar de tudo recorda a guerra como o melhor momento da sua vida. Era o sonho à prova, o frémito da ilusão, a entrega. Vivi perigos mas também instantes de grande plenitude.*

Bombas caíam sobre o centro de Barcelona. Desapareceram as flores, os pássaros, a alegria das Ramblas. Sobre a cidade pairava uma ameaça de morte — ninguém sabia do futuro. Em segundos destruíam-se casas, pessoas corriam para a rua espavoridas, numa precipitação louca. Em seguida vinham espaços de calma, breves, sucedendo-se ao tumulto — e neste ritmo Félix Cucurull era um activista incansável. *O pós-guerra imediato, foi um calvário. Baniram a língua catalã e dos 23 jornais existentes nem um ficou de pé. Por toda a parte apareciam letreiros com esta frase: falem do idioma do Império...*

Logo no ano de 1940 se organiza a resistência catalã de que Félix Cucurull faz parte. Nem imaginar sequer a publicação de obras em catalão. Poetas e prosadores, por muito que o desejassem, reduziam seus ímpetos a uma produção clandestina,

divulgada em segredo por uma minoria receptiva à sua mensagem. Com uma avidez de esponja o poder de Madrid tentava apagar tudo o que lhe contrariasse os desígnios. Até que lentamente o regime vai abrاندando. *Consegui publicar um livro em 1947 em catalão. Evidentemente que conheço bem o castelhano mas queria manter-me fiel ao meu povo que sofria um genocídio cultural.*

Mas a opressão persiste, sinistra, até à morte de Franco. Em 1971 os democratas, opositores ao fascismo fundam a Assembleia da Catalunha. Num tronco único juntaram-se comunistas ortodoxos, maoístas, trozkistas e católicos progressistas. Félix Cucurull adere a esse movimento unitário, desdobrando-se em conferências, reuniões, escritos. Decide, então, abandonar a ficção para mais afinadamente se dedicar ao ensaio, à investigação da problemática do nacionalismo. *Nos últimos anos fazia uma média de três conferências por semana. Sentia-me emparedado, sem um momento que me pertencesse. Às vezes preferia ficar em casa a ler ou na cama... mas não podia dizer não. Felizmente que com a liberalização conseguimos a autonomia... Posso repousar, ler, conversar com os amigos.*

Saudade

Ele vive em Arenys del Mar, uma praia, a meia hora de Barcelona. A idade avançada não o impede de participar. Dá cursos especiais de Verão na Univer-

dade Catalã e apoia o Omnim da Catalunha, associação cultural poderosa, com trinta mil sócios e uma capacidade mobilizadora e económica maior que qualquer partido político. *reúne toda a gente que tem inquietações culturais...* Entretanto talvez volte ao romance... e à poesia. O que é a poesia? *... É um estado de ânimo que se traduz numa forma de agir que pode ser expressa através da escrita ou do quotidiano. Quantos poetas não existem sem que nunca tivessem escrito uma linha...*

Que não tem vícios? O vício maior de Félix Cucurull — ele próprio o confessa — é comprar livros. *Seria muito infeliz se não pudesse comprar os livros que me interessam... e são tantos. Já não sei onde meter os livros.* A leitura permite-lhe estar a par das tendências mais modernas da literatura. Deste modo continua ao corrente do que se faz em Portugal, país com o qual mantém relações antigas e sólidas. *A seguir ao 25 de Abril parece-me que a qualidade literária baixou... que se verificou um estancamento, uma paralisação criativa mas agora estão a sair livros muito importantes.*

«Dois Povos Ibéricos, Portugal e a Catalunha» é o título do ensaio publicado, em 1975, por Félix Cucurull. Nele sobressaem as relações entre as duas culturas, as analogias que as aproximam, os conceitos comuns. *Por exemplo a saudade é sinónimo da enyorança catalã. As definições que fazem os poetas catalães disso são exac-*

tamente as mesmas que os portugueses da saudade. Claro que não se traduz por saudosismo que é reaccionário mas sim algo que dói e ao mesmo tempo dá prazer. Estive dois anos em Portugal com uma bolsa da Fundação Gulbenkian, o que me ajudou a tomar contacto com a vida e a literatura portuguesa...

O arrebatamento da juventude, em Félix Cucurull, foi-se contendo com os anos, tornado ponderação e sentido crítico. *«A gente é assim: tem necessidade de reflectir. Agora estou mais virado para o ensaio e a investigação histórica. Tive a sorte de encontrar textos que vieram mudar muitas coisas. Fiz, portanto, uma pequena revolução...». E a outra revolução? — pergunto.*

Falamos de política. De partidos, de ideologias — de como tudo vai envelhecendo, à cadência de discursos cada vez mais vazios. *«Fui um dos fundadores do Partido Socialista da Catalunha que agora está ligado ao PSOE. Sai porque me custa a aceitar a disciplina dos partidos que para mim significa regras fixas e dogmas. Preciso de uma certa elasticidade... O que não implica neutralidade. Sou um combatente, um guerrilheiro no sentido intelectual, um franco atirador. As ideologias estão anciloadas... Vivemos um momento de crise e confusão... e sobretudo perigoso...»*

Perigoso, porque? Ele esboça uma imagem francamente aterradoradora. *«Porque podemos desaparecer qualquer dia. Tenho um amigo Antonio Lloret, professor de Física Nuclear, na Sorbonne, que já me confessou estar assustado com as consequências de toda esta paranóia da energia nuclear. É evidente que os movimentos ecologistas têm razão de existir. Foi feito um estudo sobre a Catalunha que diz ser Barcelona uma das cidades mais contaminadas do mundo e que dentro de alguns anos muita gente vai morrer de cancro...»*

Falamos de política, outra vez. Muito de raspão: apenas para situar Félix Cucurull no actual sistema que se vive em Espanha. Como interpreta a actualização do PSOE? Satisfeito?

Um tanto desiludido se me afigura. *«O PSOE parece-me agir com excessiva prudência. Faz uma política vacilante que pode não agradar nem à esquerda nem à direita...»* A eterna indefinição dos Partidos Socialistas sejam eles de Espanha, de Portugal, de França... é igual. A mesma indecisão, a mesma falta de energia — a ausência de personalidade. Nem carne nem peixe.

Félix Cucurull publicou, aos catorze anos, o primeiro poema. E ganhou um prémio literário. Não se tratava, portanto, daquilo a que se chama «poesia do acne», inevitável na adolescência. Era já vocação. Ele, todavia, discorda.

«... Acho que a minha poesia era bastante má...» Diz com um sorriso tão luminoso que não sei se o seu comentário era a sério ou a brincar.

Sete
Ponto
Sete

doces crónicas

Clip



Começando pelo fim: na próxima sexta-feira 20, às 17 e 30 *Claude Lefort* estará na Universidade Nova de Lisboa para fazer uma conferência subordinada ao tema «Democracia e Filosofia». *Claude Lefort* foi, durante longos anos, o co-animador da revista francesa «Socialisme ou Barbarie», trabalhando com *Cornelius Castoriadis*. Quando a experiência da revista chegou ao fim, *Lefort* e *Castoriadis* continuaram a trabalhar separadamente no campo que era o deles: ambos são «filósofos da política». A sua reflexão sobre a genealogia da burocracia no socialismo é uma reflexão fundamental, independentemente do fenómeno «moda» que a transporta, ou não, para qualquer ribalta ocasional, consoante as marés.

Também na sexta-feira, às 18 horas, abre na respectiva «Casa», nas Portas de St.º Antão, a «Festa do Alentejo». Nessa tarde há merenda, cantam corais, passam documentários, inaugura-se uma feira do livro e a «Casa» expõe o seu património. Artesanato e arte popular, cinema, colóquios, exposições-vendas e mercados animarão a festa, em vários pontos de Lisboa, até 12 de Junho.

Quinta-feira, o arquitecto *Martins Barata* (colaborador do «DL») e o dr. *Jorge Gaspar* animam, a partir das 21 e 15, um debate sobre «Novas Concepções de Urbanismo», promovido pelo Centro de Reflexão Crística na Av. Manuel da Maia, 2-A.

Até quinta-feira o «Quarteto» apresenta, nas suas salas, às 23 e 30, os filmes «O Grande Conquistador», de *Herbert Ross*, «Butch Cassidy and the Sundance Kid», de *George Roy-Hill*, aquele que para nós ainda é o último *Antonioni*, «O Mistério de Oberwald», e «Can-Can», de *Walter Lang*. Destaque para este último: música de *Cole Porter*, dois «monstros» do «music-hall», um americano e outro francês: *Frank Sinatra* e *Maurice Chevalier*.

Na quarta-feira, caso haja transmissão directa pela televisão (mas pelo menos havê-la-á pela rádio), uma espécie de greve geral não convocada pela CGTP. Não durará mais de duas horas e é provocada por determinada encenação que inclui um pequeno grupo de actantes portugueses e outro, equivalente, de belgas. Todos eles estarão de calções curtos. Adivinhe do que se trata.

Finalmente esta tarde, às 17 e 30, *Jean Petitot*, fala, na UNL, sobre os aspectos filosóficos da «teoria das catástrofes».

Uma nova «Nave dos Loucos»

ESTA noite, na «Comuna», a partir das 21 e 30, reúnem-se os signatários de um documento que, há cerca de um mês, propôs a realização de um festival de juventude na península de Tróia, durante a última semana de Julho próximo.

O grupo funciona, ou movimenta-se, como uma espécie de «nave dos loucos», ou de «barco bêbado»: pretende que o festival, já marcado para a praia do Carvalhal, ande pelos seus próprios pés, autofinanciando-se e dependendo, especial-

mente, de uma dinâmica de «iniciativa de cidadãos». Creemos que mais de 500 cidadãos jovens já assinaram, até agora, o manifesto que lançou a ideia. Os signatários estão, presentemente, a contactar as organizações de juventude dos principais partidos portugueses e a recolher as adesões de associações e movimentos que aceitem o seu lema: «dêem uma oportunidade à paz».

O Festival de Tróia pretende ser, segundo os seus promotores, uma iniciativa cultural e de luta ideológica a favor do de-

sarmamento «global, sumultâneo e controlado» e contra «a instalação ou o trânsito de armas nucleares em território português». Interessante seria se ele viesse a ter o apoio das juventudes do PS, do PCP, da UEDS, da ASDI e até do PSD. Interessante seria que o seu acampamento, seus debates e concertos viessem a ser um lugar de encontro de jovens sem filiação partidária, e até «desinteressados da política», mas interessados pelas questões que o festival coloca. Interessante seria se ele viesse a motivar os animadores

dos diferentes grupos ecológicos e pacifistas que, desde há anos, funcionam, na sociedade portuguesa, à margem dos aparelhos políticos clássicos. Em boa parte, este festival constitui, pela sua dinâmica, um desafio às organizações políticas, aos movimentos ecológicos e aos jovens que, embora interessados pela problemática proposta, não «alinham» com umas nem com outras: poderá a música, a discussão, a troca de informações e de experiências, juntá-los em Tróia?

Os promotores do festival

julgam que sim, e a par dos contactos nacionais têm desenvolvido um trabalho de sensibilização de movimentos e organizações estrangeiras para que, por sua vez, estejam, também, no Carvalhal, na última semana de Julho. O Carvalhal vai, aliás, ser visitado, amanhã, por jornalistas convidados pelos promotores do «deem uma oportunidade à paz»: ser-lhes-á «apresentado» o local, o projecto de implantação do festival, e está prevista uma conferência de Imprensa informal durante (ou depois) de uma sardinhada junto à praia.